



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

PAULO HENRIQUE FERREIRA DE FREITAS



Domingo na praia para além do baculejo
Transatlanticidade, divisão racial na cidade /
do espaço e juventudes negras na Praia do
Poço da Draga em Fortaleza (CE)

Dissertação de mestrado
Orientador: Alecsandro JP Ratts (Alex Ratts)

GOIÂNIA, 2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

PAULO HENRIQUE FERREIRA DE FREITAS

3. Título do trabalho

Domingo na praia para além do baculejo: Transatlanticidade, divisão racial na cidade / do espaço e juventudes negras na Praia do Poço da Draga em Fortaleza (CE)

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
 - b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
- O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Henrique Ferreira De Freitas, Usuário Externo**, em 07/03/2024, às 13:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alecsandro Jose Prudencio Ratts, Professor do Magistério Superior**, em 11/04/2024, às 14:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4412911** e o código CRC **7B4E0D63**.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**Domingo na praia para além do baculejo: Transatlanticidade, divisão racial na cidade /
do espaço e juventudes negras na Praia do Poço da
Draga em Fortaleza (CE)**

Paulo Henrique Ferreira de Freitas

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (Mestrado) da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás como requisito final à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Área de concentração: Antropologia Social.

Linha de Pesquisa: Corpo e Marcadores Sociais da Diferença.

Orientador: Alecsandro José Prudêncio Ratts.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**Domingo na praia para além do baculejo: Transatlanticidade, divisão racial na cidade /
do espaço e juventudes negras na Praia do Poço da Draga em Fortaleza**

Paulo Henrique Ferreira de Freitas

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (Mestrado) da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás como requisito final à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre José Prudêncio Ratts (Orientador)
Universidade Federal de Goiás (UFG)

Prof. Dr. Luís Hirano Kojima (membro interno)
Universidade Federal de Goiás (UFG)

Prof. Dr. Osmundo de Araújo Pinho (membro externo)
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

Profa. Dra. Jacqueline de Brito Pólvora (Suplente externo)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Freitas, Paulo Henrique Ferreira de

Domingo na praia para além do baculejo:

Transatlanticidade, divisão racial na cidade / do espaço e juventudes negras na Praia do Poço da Draga em Fortaleza (CE) / Paulo Henrique Ferreira de Freitas. - 2023.

CXL, 140 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre José Prudêncio RATTTS (Alex Ratts).

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Goiânia, 2023.

1. Transatlanticidade. 2. Juventudes negras. 3. Divisão racial na cidade / do espaço. 4. Praias periféricas. 5. Antropologia urbana / nas cidades. I. RATTTS, Alexandre José Prudêncio, orientador. II. Título.

CDU 572



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 019/23-M da sessão de Defesa de Dissertação de **PAULO HENRIQUE FERREIRA DE FREITAS**, que lhe confere o título de Mestre em Antropologia Social, na área de concentração Antropologia Social.

Aos dezoito do mês de dezembro de 2023, às 15:00 horas, via webconferência, realizou-se a sessão de julgamento da Dissertação de Mestrado de **PAULO HENRIQUE FERREIRA DE FREITAS**, intitulada *Domingo na praia para além do baculejo: Transatlanticidade, divisão racial na cidade / do espaço e juventudes negras na Praia do Poço da Draga em Fortaleza (CE)*. A Banca Examinadora foi composta pelos/as seguintes Professores/as Doutores/as: Alecsandro José Prudêncio Ratts (PPGAS/UFV - presidente da banca e orientador); Luis Felipe Kojima Hirano (membro interno - PPGAS/UFV) e Osmundo de Araújo Pinho (membro externo - UFRB). O candidato apresentou seu trabalho, foi arguido pela Banca e respondeu às arguições. Ao final da arguição, a Banca Examinadora passou o julgamento em sessão reservada, pelo qual foi atribuído ao mestrando o seguinte resultado: **APROVADO** pelos/as seus/suas membros/as. Reabertos os trabalhos, o presidente da banca proclamou os resultados e encerrou a sessão pública, da qual foi lavrada a presente ata, que vai assinada por ele e pelos/as demais integrantes da Banca Examinadora.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Alecsandro Jose Prudencio Ratts, Professor do Magistério Superior**, em 09/07/2024, às 08:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Suzane De Alencar Vieira, Coordenadora de Pós-Graduação**, em 17/09/2024, às 10:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luis Felipe Kojima Hirano, Professor do Magistério Superior**, em 17/09/2024, às 16:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufv.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4654118** e o código CRC **AB62DADB**.

Referência: Processo nº 23070.070083/2023-71

SEI nº 4654118

DEDICADO À

A Sra. Bianca Ellen (bugzinha) e Sra. Cássia Vasconcelos, pela parceria nesta dissertação.

Todos (as) jovens negros (as) artistas, ativistas e intelectuais de Fortaleza, por tanta
inspiração e por tanta beleza de arte no meio da guerra.

A Sra. Maria do Socorro Ferreira (em memória), minha avó, grande mentora dos meus
maiores e mais loucos sonhos e quem me deu o dom da teimosia arranjada.

A Sra. Vanusa Ferreira, minha mãe, que me projetou o dom de sonhar e as condições
necessárias para realizar esses sonhos.

O Sr. Marcos Vinicius Ferreira de Freitas, meu irmão mais novo, que silenciosamente
enobrece minha trajetória. Sou grato a você meu irmão.

Aos meninos Bite, Duda e Verim (em memória), três adolescentes assassinados em 20 de
Novembro de 1993 na Rua Planaltina (Favela do Pantanal) por três policiais militares.

Certamente, poderiam também ser vocês a escreverem essa dissertação.

Ao Juan dos Santos, jovem adolescente negro assassinado pela Polícia Militar de Fortaleza
na Favela do Serviluz. Uma criança negra que tinha muitos sonhos.

Todos os jovens negros vítimas da violência de Estado.

Ê nijé nilè lodó
Yemanjá ó, akota pé lê dê
Iyá oro mi o
Odo osapa, ayere masele o
(Domínio público, Yemanjá)

Se um dia eu for feliz, foi oxum foi oxum quem quis
(...) Manda chamar ê manda chamar
Quem ama, se encanta
bebe o abô como bebe o mel da cana
Donna Oxum Apará, é quem anda na beira do mar
Donna Oxum Apará, água rara de se encontrar
(Água d'Oxum, Mariene de Castro)

Eu fui na beira da Praia
Pra ver o balanço do Mar
Eu vi o retrato na areia
Me lembrei da sereia
Comecei a chamar
Oh Janaína, vem ver
Oh Janaína, vem cá
Receber suas flores
Que venho lhe ofertar
(Filhas de Iemanjá, Louvação à Iemanjá)

AGRADECIMENTOS

O dom de agradecer se ancora na necessidade de reconhecer que não se vai a lugar nenhum sozinho. Ou melhor, até se vai mais rápido, mas com companhia se alcança lugares mais longe, como ensina o provérbio africano.

Não poderia estender esse momento primeiro ao meu orientador, prof. Alex Ratts, que muito me emociona em concluir esse trabalho. Agradeço as partilhas, as orí-entações e as des-orí-entações que me foram justas e possibilitaram a escrita deste trabalho desde as questões mais amplas até as mais diretas e localizadas, que somente alguém que possui uma dimensão anterior e extensa do tema que aqui exploramos juntos poderiam me permitir acessar.

Em seguida agradeço às pessoas que estiveram diretamente envolvidas nesse processo de co-elaborações de vida no nosso tempo - espaço - corpo. À Bianca Ellen (Buggzinha), do mais fundo do meu ser preta, muito obrigado por nossas trocas. À Cássia Vasconcelos, muito obrigado por compartilhar sua trajetória linda e inspiradora. Ao Wallace Douglas, Eliaquim Gonçalves e Alex Hermes, suas composições fotográficas são de profunda importância para a apresentação final deste trabalho. À Maria Mataglau, Cristiellen Rodrigues, as mulheres moradoras do Poço da Draga e o Sérgio Rocha, com a disponibilidade de suas produções cartográficas artísticas e sociais que vocês introduzem aqui são de profundo valor teórico e político.

Agradeço também aos professores, Leandro Bulhões (UFC) e Denise da Costa (UNILAB), que me apoiaram em todo o processo seletivo do PPGAS UFG, se disponibilizando a ler o projeto de pesquisa e simular as provas orais. Ao Leandro Bulhões, ainda por permanecer em muitos momentos que estivemos diretamente em campo fruindo às belezas da vida e também criando caminhos para que nossas memórias caminhem entre a vida e a morte da grande Kalunga. A Denise da Costa, por estar presente nesse processo também, mas excepcionalmente, por se disponibilizar a participar da banca de qualificação desta pesquisa que através de seus comentários e avaliações ganhou uma riqueza de perspectiva ímpar.

Muito obrigado, professor Luís Felipe Kojima Hirano, por aceitar ser membro interno deste momento da defesa do mestrado, mas também por possibilitar desde a qualificação

deste trabalho com indicações de caminhos que foram super importantes e que se estendeu até na IX Reunião de Antropologia do Mercosul, através do GT da Comissão Audiovisual da Associação Brasileira de Antropologia (CAV/ABA).

Estendo também meu muito obrigado, ao professor Osmundo de Araújo Pinho, por participar como membro externo de minha defesa. Mesmo com poucos contatos em fatores de proximidade, mas que guarda em mim um respeito imenso, por meio de suas contribuições para a antropologia brasileira e para a ampliação de noções sobre os estudos das relações raciais no Brasil.

A querida Larissa Neves da Costa, pretinha, você foi super importante para isso acontecer. Muito obrigada mesmo. Agradeço também a sutileza de Nutyelle Cena, Fran Costa, Kate, Yordana Lara e a todas as pessoas que nos acolheram no PPGAS e nos guiaram por caminhos justos e brandos. Ao grupo de estudos perspectivas kilombistas, Susan Santos, Marcia Rocha, Hellen Stephany, Lisiane Lima e a Duda Lima, nossa mais nova, pelos momentos em que conseguimos nos aproximar, nos defender e garantir nossos direitos básicos coletivos e epistemológicos.

Gostaria de agradecer também, as (aos) colegas da turma de 2021 do PPGAS UFG e celebrar a nós que não só passamos por esse processo no meio de uma das maiores pandemias virais do mundo, mas também concluímos com muito êxito essa etapa de nossas vidas. Agradeço também ao corpo docente do PPGAS UFG, em nome da nossa excelente Profa. Luciana de Oliveira Dias e o prof. Alessandro de Oliveira. Ao corpo técnico pela expertise e atenção impecável do Marcelo Rizzo.

Agradeço também a todas as pessoas que leram trabalhos desenvolvidos durante o mestrado que possuíam relação direta e ou indireta com o resultado final desta pesquisa, em nome da profa. Ana Paula Silva (UFF) que comentou uma parte deste trabalho na Reunião Brasileira de Antropologia (ABA), a profa Flávia Medeiros (UFSC) e o prof André Luiz Filgueira (UFG) que comentaram outra parte do trabalho durante o Seminário Entrelinhas promovido pela turma de 2021 do PPGAS UFG, agradeço a parceria de interlocução deste trabalho com o Coletivo Zora Hurston (PPGAS UnB), também aos comentários da profa Larissa de Oliveira e Gabarra (UNILAB) e Andreia Muraro (UNILAB) durante a IV Conferência Internacional de Estudos Africanos e da Diáspora promovida pelo Grupo de Pesquisa África Contemporânea, que foi meu primeiro grupo de pesquisa na vida acadêmica.

Neste sentido, gostaria de agradecer também à professora Jacqueline Pólvora (UNILAB) por me apresentar tão bem o campo da antropologia urbana e os estudos de antropologia na cidade que foram bases fortes para a elaboração deste trabalho. Inclusive, agradeço seus comentários como avaliadora suplente sobre o resultado deste trabalho.

Agradeço às pessoas que me possibilitaram uma rede de acolhimento sempre que surtei e precisei conversar, desabafar, reclamar mas também rir pra trás junto com elas, sambar, cantar, chorar e viver como nossos orixás gostam que vivemos. Muito obrigada, Emanuelle Nascimento, Eri Lima, Lully Pinheiro, Mabel Rocha, Marcelo Tea, Dandara Albuquerque, Fernanda Matias, Savanya Shell, Aleksandra Vasconcelos, Joaquim Ferreira, Ste Palmares, Mari Lacerda, Mario Magno, Mona Lisa, Regilene Silva, Caio Vieira, Bianca, Calebe Rodrigues, Dani Souza, Thiago Galvino, Sudário Mesquita, Cel Lemos, Larissa Bezerra, Camila Gomes, Zé Lucas, Luciana Lindenmeyer, Sarah Nobre, Helena Barbosa, Lany Maria, Andreia, Raquel Nascimento, Tiê Rocha, Berin, Pig, Carll Souza, Cainã, Nega Lu, Hirley Afrodite, Sy Gomes, Estenio Guedes, Hari, Rômulo Silva, Talles Azigon, Rebeca Carneiro, Nara Forte, Hilana Ferreira, Pretin Daleste... Cometi um erro aqui pois faltará pessoas, mas aquelas que faltarem, nós rabiscamos um papel com o seu nome. Pretinhas e pretinhos, amo vocês!

Preciso por fim, agradecer a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG) e assim também aos colegas da Associação de Pós Graduandos (as) da Universidade Federal de Goiás, que mesmo antes das resoluções por parte do Governo Federal foram fundamentais para a revisão dos valores das bolsas de mestrado acadêmico e de diversas pautas que são fundamentais para o desenvolvimento da ciência e do pensamento crítico no Brasil e em Goiás.

RESUMO

Esta pesquisa identifica, corporifica e apresenta esboços de cartografias, narrativas e fotografias do espaço urbano sob as margens das *praias periféricas* de Fortaleza (CE) com foco na Praia do Poço da Draga. Parte de uma compreensão física e existencial do Atlântico Negro interpretado por pesquisadores (as) que se debruçam sobre a construção das diásporas negro - africanas para abordar experiências construídas e modificadas pela presença negra em cidades litorâneas, especificamente aqui, Fortaleza. A abordagem do campo de pesquisa foi realizada através da observação participante, realização de entrevistas e por meio de colaborações de jovens artistas negros (as) das áreas da música, poesia e artes visuais de Fortaleza, que evidencia representações de sociabilidades, relações de pertencimentos e transgressões de jovens negros (as) na cidade e nos espaços urbanos. É possível nesta etnografia tornar visível um debate sobre juventudes negras em contextos plurais de suas experiências cotidianas em relação ao direito à cidade e mais especificamente, direito à praia e ao lazer, arte e cultura, não esgotado à interpretações sobre o genocídio da juventude negra como conceito estrito às violações de direitos em abordagens policiais, extermínio e encarceramento em massa praticados pelo Estado brasileiro contra jovens negros (as), mas preenchendo lacunas e silêncios em torno do racismo e suas estratégias de manutenção do poder nas grandes cidades brasileiras.

Palavras chave: Transatlanticidade; Juventudes negras; Divisão racial na cidade / do espaço; Praias periféricas; Antropologia urbana / nas cidades.

ABSTRACT

This research identifies, embodies and presents sketches of cartographies, narratives and photographs of the urban space under the banks of the peripheral beaches of Fortaleza (CE) with a focus on Praia do Poço da Draga. It starts from a physical and existential understanding of the Black Atlantic interpreted by researchers who focus on the construction of black-African diasporas to address experiences constructed and modified by the black presence in coastal cities, specifically here, Fortaleza. The approach to the research field was carried out through participant observation, interviews and through collaborations with young black artists in the areas of music, poetry and visual arts in Fortaleza, which highlights representations of sociability, relationships of belonging and transgressions of young black people in the city and in urban spaces. The approach carried out through an intense presence in the field, interviews and collaborative participation during the research highlights the representations of sociability, relationships of belonging and transgressions of young black people in the city of Fortaleza. It is possible in this ethnography to make visible a debate about black youth in the plural contexts of their daily experiences in relation to the right to the city and more specifically, the right to the beach and leisure, art and culture, not limited to interpretations about the genocide of black youth as strict concept to rights violations in police approaches, extermination and mass incarceration practiced by the Brazilian State against young black people, but filling gaps and silences around racism and its strategies for maintaining power in large Brazilian cities.

Keywords: Transatlanticity; Black youth; Racial division in the city / of space; Peripheral beaches; urban / in the cities anthropology.

RESUMEN

Esta investigación identifica, materializa y presenta bocetos de cartografías, narrativas y fotografías del espacio urbano bajo las orillas de las playas periféricas de Fortaleza (CE) con foco en *Praia do Poço da Draga*. Se parte de una comprensión física y existencial del Atlántico Negro interpretada por investigadores que se centran en la construcción de diásporas negro-africanas para abordar experiencias construidas y modificadas por la presencia negra en las ciudades costeras, específicamente aquí, Fortaleza. El acercamiento al campo de investigación se realizó a través de observación participante, entrevistas y colaboraciones con jóvenes artistas negros en las áreas de música, poesía y artes visuales en Fortaleza, que resalta representaciones de sociabilidad, relaciones de pertenencia y transgresiones de jóvenes negros en la ciudad y en los espacios urbanos. Es posible en esta etnografía visibilizar un debate sobre la juventud negra en los contextos plurales de sus experiencias cotidianas en relación con el derecho a la ciudad y más específicamente, el derecho a la playa y al ocio, el arte y la cultura, sin limitarse a interpretaciones. sobre el genocidio de la juventud negra como concepto estricto de violaciones de derechos en los abordajes policiales, exterminio y encarcelamiento masivo practicados por el Estado brasileño contra jóvenes negros, pero llenando vacíos y silencios en torno al racismo y sus estrategias para mantener el poder en las grandes ciudades brasileñas.

Palabras clave: Transatlánticidad; Jóvenes negros; División racial en la ciudad/del espacio; Playas periféricas; Antropología urbana / en las ciudades.

Lista de Mapas

Mapa 01 - Mapa Diagnóstico da Cartografia Social do Poço da Draga. Fonte: UFC.

Mapa 02 - Cartografia social do Poço da Draga em costura das mulheres do Poço da Draga.

Fonte - Álbum 115, Felipe Camilo Kardozo.

Mapa 03: Trajeto de saída do espaço até o Poço da Draga.

Fonte: Mapa extraído do Google Maps, Paulo Henrique Ferreira, 2023.

Mapa 04: Mapa artístico - Fortaleza Marginal.

Fonte: Maria Mataglau, 2022.

Mapa 05: Mentindo sobre mapas: Aqui é crime | Aqui é cult.

Fonte: Maria Cristiellen Rodrigues, 2021.

Mapa 06: Mapa da Diáspora Africana.

Fonte: Museu de Arte e Cultura Afro-Brasileira (MUHCAB). s/d.

Lista de Fotografias

Capa

Fotografia 01 - Passeata da Lamparina, Favela do Pantanal, Fortaleza - 1991. Fonte: Acervo da TV Janela.

Fotografia 2 - Ônibus da linha Pantanal / Parangaba (456), Á frente do ônibus um homem armado aguarda o embarque dos passageiros. Acervo: desconhecido. S/d.

Fotografia 03 - Antiga Piçarreira, Favela do Pantanal - 1994. Fonte: Acervo TV Janela.

Fotografia 04 – Rua Chico Mendes, Favela do Pantanal. Fonte: Acervo TV Janela.

Fotografia 05: Barracas queimando na Praia do Poço da Draga. 2023. Fonte: Paulo Henrique Ferreira.

Fotografia 06: Entulho deixado pela Agefis pelas derrubadas das barracas na Praia.

Paulo Henrique Ferreira, 2023.

Fotografia 07: Reunião entre moradores e barraqueiros da Draga com órgãos públicos de defesa dos direitos humanos no Pavilhão Atlântico, antiga sede da Associação do Poço. Paulo Henrique Ferreira, 2023.

Fotografia 08: Representante da Prefeitura e da Regional dando explicações aos moradores, barraqueiros e órgãos de defesa dos DH. Paulo Henrique Ferreira, 2023.

Fotografia 09: Ponte velha do Poço da Draga em 1935. Foto de Robert S. Platt / Biblioteca da Universidade de Wisconsin-Milwaukee.

Fotografia 10: A estrutura de trilhos em funcionamento em 1935. **Foto:** Robert S. Platt / Biblioteca da Universidade de Wisconsin-Milwaukee.

Fotografia 11: Marcas dos trilhos da Ponte do Poço da Draga: esquecer e deixar cair? Foto: Paulo Henrique Ferreira, 2022.

Fotografia 12: Trabalhadores descarregam algodão no antigo Porto de Fortaleza, atual Ponte Velha do Poço da Draga. **Foto:** Robert S. Platt / Biblioteca da Universidade de Wisconsin-Milwaukee.

Fotografia 13: Intervenção política em defesa das trabalhadoras (es) barraqueiras (os) na Praia do Poço da Draga. Foto: Paulo Henrique Ferreira, 2023.

Fotografia 14: Dj Buggzinha discotecando durante ato de intervenção na Praia do Poço da Draga. Foto: Paulo Henrique Ferreira, 2023.

Fotografia 15: Cássia conversando com as pessoas presentes no Poço da Draga durante a intervenção na praia. Foto: Paulo Henrique Ferreira, 2023.

Fotografia 16: Buggzinha na Ponte do Poço da Draga. Foto: Eliaquim Gonçalves, 2023.

Fotografia 17: Tea e Flor (na bolsa de pet). Foto: Paulo Henrique Ferreira, 2023.

Fotografia 18: Agnes na Praia do Poço da Draga. Foto: Paulo Henrique Ferreira, 2023.

Fotografia 19: Mari Lacerda chegando no Poço da Draga de bicicleta. Foto: Paulo Henrique Ferreira, 2023.

Fotografia 20: Má Dame na Praia do Poço da Draga. Foto: Paulo Henrique Ferreira, 2023.

Fotografia 21: Os dreadlocks do meu mano pretinho, Wallace, na Praia do Poço da Draga. Foto: Paulo Henrique Ferreira, 2023.

Fotografia 22: Jovens debaixo da ponte do Poço da Draga com suas bikes. Foto: Alex Hermes, 2023.

Fotografia 23: Jovens jogando altinha na Praia do Poço da Draga. Foto: Alex Hermes, 2023.

Fotografia 24: Vista da ocupação do espigão na Praia do Poço da Draga, atrás se vê a Indústria Naval do Ceará e o cemitério de navios. Foto: Alex Hermes, 2023.

Fotografia 25: Vista das barracas da Praia do Poço da Draga, ao fundo se vê os jovens de frente para o pôr do sol. Foto: Alex Hermes, 2023.

Fotografia 26: Vista da Praia do Poço da Draga, ao fundo se vê o espigão da Indústria Naval e a continuação da Praia interrompida pelo Hotel Marina Park. Foto: Alex Hermes, 2023.

Fotografia 27: Meninos com cabelos nevados nadando na Praia do Poço da Draga. Foto: Alex Hermes, 2023.

Fotografia 28: Grupo de amigos nadando na Praia do Poço da Draga. Foto: Alex Hermes, 2023.

Fotografia 29: Vista do Mar da Praia do Poço da Draga, ao fundo se vê a Ponte Velha. Foto: Alex Hermes, 2023.

Fotografia 30: Jovens se preparando para saltar da Ponte Velha, ao fundo se vê algumas barracas de um lado e do outro o Pavilhão Atlântico da Comunidade da Draga. Foto: Wallace Douglas, 2023.

Fotografia 31: Criança com a farda da escola observa o mar para saltar da Ponte Velha. Foto: Wallace Douglas, 2023.

Fotografia 32: Jovens posam para foto do Wallace na Ponte Velha, ao fundo se vê a Indústria Naval e o Cemitério de navios. Foto: Wallace Queiroz, 2023.

Fotografia 33: Ocupação da Ponte Velha, as estruturas de trilhos, e o Mezanino da Ponte Velha onde alguns sobem para saltar com mais adrenalina. Foto: Wallace Douglas, 2023.

Fotografia 34: Jovens vão ao mar após saltar da Ponte Velha. Foto: Wallace Douglas, 2023.

Fotografia 35: Imensidão poética de um vencedor. Foto: Wallace Douglas, 2023.

Fotografia 36: Jovem escalando a Ponte após salto ao mar na Ponte Velha. Foto: Wallace Douglas, 2023.

Fotografia 37: Pescadores no mar do Poço da Draga, um dos pescadores indica a denominação Raíz do Poço em suas costas. Foto: Wallace Douglas. 2023.

Fotografia 38: Imagem da proa do barco Laura II. Fonte: Museu do Ceará / Cristina Holanda, 2004.

SUMÁRIO

Lista de Mapas

Lista de Fotografias

Resumo

Um jovem negro em Fortaleza (s)

Parte 1 - Pensando Fortalezas Negras junto ao Atlântico

A praia do Poço da Draga

Contextualizando as aproximações desta pesquisa com o Poço da Draga

Os rumos da Pesquisa na Praia do Poço da Draga

Parte 2 - Localizações da antropologia e etnografia urbana nas cidades e corpos junto ao Atlântico

Saindo do pedaço / dazaria: Produções de estranhamento das familiaridades no espaço urbano

Mobilidade urbana e (in) segurança pública

Saúde mental e vida financeira

Lazer, arte, cultura e consciência crítica

Interlúdios às águas Atlânticas de jovens negros/as em Fortaleza

Parte 3 - Tudo começa aqui e nada termina aqui na Praia de Iracema: dialética de narrativas transatlânticas no Poço da Draga

Nasci e me criei no Poço da Draga: Narrativas de bem viver de jovens negras

A Praia do Poço da Draga é nossa: Narrativas de direito à Praia com jovens negras (os) artistas, ativistas e intelectuais

Jovens transatlânticos: Ocupação e apropriação negra e periférica na Draga

Parte 4 - Sinais de navegação e os conceitos da gente negra nas cidades

Transatlanticidade e os territórios físicos e existenciais da negritude nas cidades

Divisão racial do espaço e os lugares da gente negra nas cidades

Juventudes negras como experiência interseccional e multifacetada nas cidades

Considerações finais sobre autoestima de jovens negros (as) que respondem ao genocídio da juventude negra em Fortaleza CE

Referências

Um jovem negro em Fortaleza (s)

As relações que são distribuídas nas grandes cidades brasileiras remetem quase sempre à produção de desigualdades subjetivas e estruturais que se apresentam ora de maneira distinta e ora de maneira semelhante em cada lugar, bairro, rua, comunidade ou favela. Por isso inicialmente trago aqui uma realidade não tão distante da que nos debruçamos no decorrer desta dissertação, buscando assim uma aproximação não comparativa, mas complementar de pontos distintos da cidade de Fortaleza.

Passei cedo a “vivenciar” a cidade. Mas ainda assim, não pude estar presente diante de tantos processos que fazem a cidade ser uma cidade ou uma grande cidade. Falo aqui dos momentos de festa, de celebração, de luta, das memórias que são compartilhadas e ensinamentos que se aprendem no cotidiano que marcam os processos de construção coletiva das ruas dos bairros de uma cidade. Por exemplo, destacarei aqui alguns desses marcos que percebo importantes devido ao contexto que se insere nessa experiência.

Apesar da referência geográfica de Fortaleza aqui estabelecida, neste começo de texto refiro-me especificamente ao *meu chão*, o lugar que eu compartilho com outras tantas pessoas iguais e diferentes de mim, bons momentos e lembranças coletivas. Entre tantos e diversos momentos com o lugar de onde fui criança, adolescente e atualmente jovem negro com as lidas de “ser exatamente aquilo que se é” (Leminski, s/d), esperando que realmente nos leve além, como diz o poeta.

Acompanham aqui momentos que marcaram um pedaço do processo de implantação de serviços básicos na favela do Pantanal que somente depois de um processo de plebiscito encomendado pela Câmara Municipal de Fortaleza, passa a ser chamada por bairro Planalto Ayrton Senna, embora o bairro nunca tenha tido nenhum contato com o piloto de Fórmula 1. Destacou-se a relevante marca da violência urbana como fator não apenas físico e psicológico diretamente na vida das pessoas mas também relacionado à infra estrutura de um bairro que impacta a qualidade de vida de uma comunidade.

A grande maioria de corpos negros que habitavam a Favela do Pantanal desde suas primeiras ocupações na década de 90 onde cerca de 80 famílias ocuparam a parte no extremo sul de Fortaleza nas fronteiras com a cidade de Maracanaú, ainda hoje habitam ela perfazendo um número de mais ou menos 33 mil habitantes. A grande mudança tanto na população

quanto na pequena melhoria da qualidade de vida das pessoas está inteiramente ligada aos processos de conquistas de serviços básicos para a comunidade.

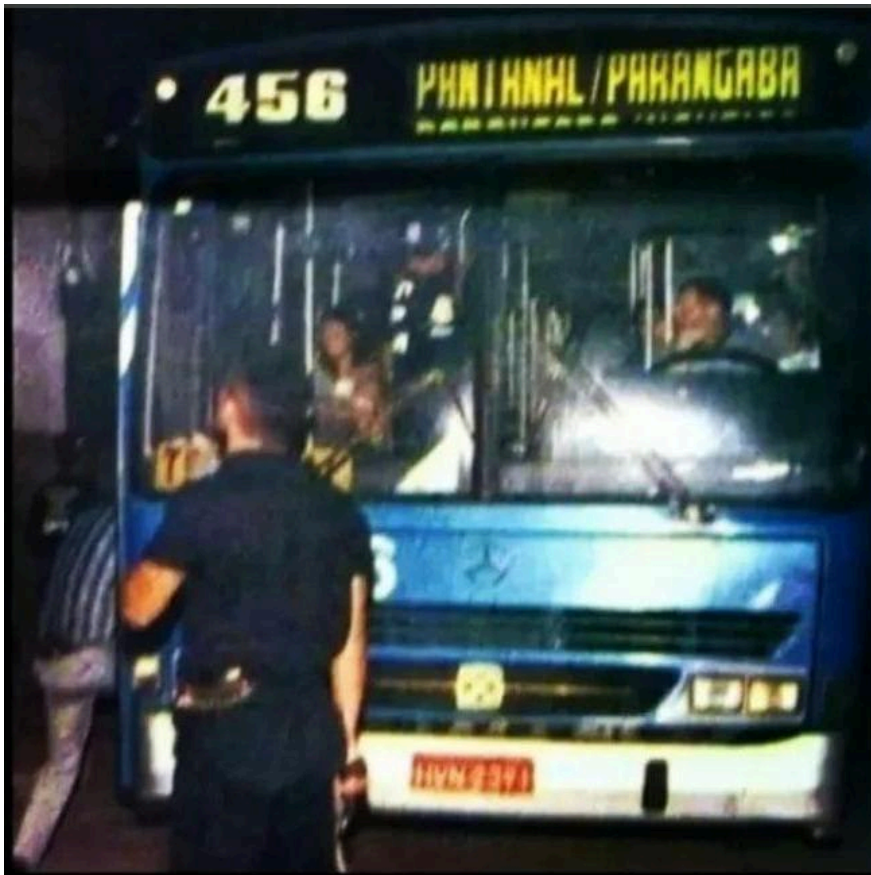
Muitas das memórias que são arquivadas pelos próprios moradores (às) da Favela, captaram muitos momentos e cenas cotidianas das implementações e transformações desses serviços como ferramenta de processos de luta também como Memoriais. A TV Janela, por exemplo, é um programa de formação, produção e difusão do AudioVisual e de mecanismos de comunicação social na comunidade que atua desde a chegada desses primeiros habitantes. Através de seu acervo é possível delimitar alguns marcos importantes para a coletividade desse lugar.

É importante ressaltar que em tão curto período de tempo essas conquistas das principais demandas da população ocupante desde o início da Favela do Pantanal, que são a chegada da energia elétrica (luz) e dos meios de transporte (linhas de ônibus) que ligavam o bairro ao restante da cidade, são importantes para a época logo que a classe trabalhadora negra da cidade passava por “re-alojamentos” e “ocupações” na cidade de Fortaleza.



Fotografia 01 - Passeata da Lamparina, Favela do Pantanal, Fortaleza - 1991.
Fonte: Acervo da TV Janela.

A fotografia acima, mostra que em 1991, no segundo ano de ocupação dos moradores aconteceu no bairro ainda chamado por Favela do Pantanal a “passeata da lamparina” que protestava contra a falta de energia elétrica e também outras políticas que estavam ausentes ainda naquela época em parte da cidade de Fortaleza.



Fotografia 2 - Ônibus da linha Pantanal / Parangaba (456), À frente do ônibus um homem armado aguarda o embarque dos passageiros. Acervo: desconhecido. S/d.

Esta fotografia, no entanto, embora traga às memórias da circulação do ônibus na Favela do Pantanal traz consigo imagens nítidas dos mecanismos de controles que são exercidos cotidianamente nas periferias brasileiras. A utilização de guardas, policiais e milícias para defesa de bens públicos e privados contra os trabalhadores (as) em seu cotidiano, atuam com base no discurso de prevenção à violência enquanto ao mesmo tempo prática uma série de violações de direitos com o exercício da força desproporcional. Importante ressaltar, que trago essas informações para perceber a interação tanto da minha formação pessoal como política e intelectual ligada ao meu território.

Por volta de 1998, um ano após o meu nascimento, foi noticiado pelos meios de comunicação que aconteceu uma “chacina de crianças e adolescentes” por policiais militares. Essa chacina, ainda então, pode ser considerada um dos primeiros grandes crimes de violência policial na cidade de Fortaleza, que gera grande atenção para a construção de imagens de estigmatização para as (os) moradores da Favela do Pantanal.

Então, lá pelo ano de 2005, um grupo de moradores ligados a grupos políticos criam uma nova Associação Comunitária com o único objetivo de solicitar à prefeitura a mudança do nome do bairro. Em votação aberta aos moradores o bairro passa a ser chamado de Planalto Ayrton Senna. A intenção nesta solicitação de mudança de nome se dá pela ideia de possibilidade de “desmarginalização” do bairro.

Diversos outros fatores estão interligados nestes dois momentos citados aqui, desde a possibilidade de racialização destes processos como a intencionalidade geracional e espacial de uma “nova divisão da cidade de Fortaleza”, com a chegada da massa trabalhadora no lado oposto de construção histórica da metrópole.



Fotografia 03 - Antiga Piçarreira - 1994, Favela do Pantanal.
Fonte: Acervo TV Janela.



Fotografia 04 – Rua Chico Mendes, Favela do Pantanal.

Fonte: Acervo TV Janela.

Portanto, esta pesquisa se relaciona diretamente com à minha própria relação enquanto jovem negro com Fortaleza, que vem sendo indicada durante algum tempo, como uma das capitais brasileiras que mais matam *jovens - homens - negros*¹ por meio de uma política de utilização de armas de fogo no país. Promovem dados que são assustadores, segundo o relatório *Pele no Alvo: a bala não erra o negro* (RAMOS, 2023. p. 7-8):

“É possível ver a capilaridade da violência policial com a população negra ao nos depararmos com números alarmantes de vítimas da violência armada do Estado: negros representam 94,76% na Bahia, 80,43% no Ceará, 93,90% no Pará, 89,66% em Pernambuco, 88,24% no Piauí, 86,98% no Rio de Janeiro e 63,90% em São Paulo. Somado a isso, existe uma enorme omissão no Maranhão ao não registrar os microdados categorizados por cor ou raça”.

Essa política fica visível, então, apontando para o fato de que cerca de 80,43% dos casos notificados de assassinatos por policiais militares do Ceará, as vítimas são pessoas negras. Também evidencia que apontando para dados que informam que 68,45 dessas vítimas no Ceará possuem idade entre 18 a 29 anos de idade e que essas vítimas ultrapassam a proporcionalidade de habitantes negras (os) do Estado.

A cada 58 horas uma pessoa é vitimada pela política de segurança pública no Ceará, e a cidade de Fortaleza concentra os maiores índices de taxas de violência, para os dados cadastrados pela Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social, enquanto 2 vítimas são brancas e as outras 7 vítimas negras.

Como corpo atingido diretamente pelo genocídio do negro promovido nessas metrópoles, me atentei a observar densamente esses processos. Como acadêmico, discutia em eventos, fóruns, projetos de extensão, de pesquisa as relações do racismo estrutural e institucional com as interações promovidas nas cidades contemporâneas. Marcado pelos fatores de segregações que estão ali sempre presentes, passei a diluir em pequenos textos meus estranhamentos.

Durante este trajeto pude compreender que o genocídio da juventude negra não se resume aos altos índices de mortalidade de jovens negras e negros em todos os lugares do Brasil. Essa é apenas a face mais cruel de demarcação de espaços subalternizados e

¹ Para ver mais, ler: REIS, Vilma. Como morrem os jovens - homens - negros. In: *Atocaiados pelo estado: As políticas de segurança pública implementadas nos bairros populares de Salvador e suas representações, 1991-2001*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Salvador: UFBA, 2005. p. 245.

precarizados, onde o extermínio e o encarceramento em massa são manipulados como política pública.

Foi possível perceber que a (o) jovem negra (o) é desde o seu nascimento marcada (o) por políticas de exclusão e de isolamento social. Onde ela (e) tem sua dignidade e suas aspirações profissionais e pessoais totalmente descartadas e desconsideradas em meio a um turbilhão de preocupações que não lhe garantem nenhuma possibilidade de concretização de suas necessidades e quem irá dizer de seus sonhos.

Essa trajetória poderia ser vista na cidade, nas ruas da cidade, nas praças das cidades, na ausência das praças, dos saraus, das ruas, ou até mesmo sempre da ausência delas. Mas sempre tinham praias, barracas de praias, coco na praia, reggae na praia, que iam do asfalto, deixando efêmeras pegadas na areia e que iam até o mar, onde se encontrava com o Atlântico.

Lembro aqui do meu preferido poema de José Craveirinha:

Ó, velho Deus dos homens,
me deixa ser tambor.
Só tambor na velha noite dos trópicos,
só tambor (CRAVEIRINHA, s/d).

Eu, como jovem negro “gay”, ou simplesmente uma bicha preta, chego até aqui consciente do tempo, do espaço e sobretudo do meu corpo. Das marcas que trago no meu corpo, no meu pensamento e também nas lembranças.

Essas lembranças sempre afirmavam um lugar em comum com muita gente que compartilhei esse percurso. Mas senti falta enorme de pessoas ainda mais próximas. É nítido para nós hoje que a negritude dos nossos corpos não é homogênea e muitos menos similar e cada vez mais que isso me lembrava, eu me perguntava qual é o lugar dos favelados, dos expropriados do poder público nas grandes cidades de suas identidades em troca de sobrevivência.

Fui percebendo os principais fatores que estavam em diálogo com minha existência, me questionava porque meu corpo estava marcado como problemático, raivoso e em todas as vezes que se posicionava era violentamente silenciado. Compreendi a relação das categorias subjetivas de “medo” e “perigo”, como constituintes do racismo nas grandes metrópoles e quis trabalhar com isso.

Iniciei como muitas outras pessoas ao questionar as causas e os efeitos do evento citadino conhecido por Fortaleza *apavorada* que foi uma campanha policial de paralisação da Polícia Militar, comum nas cidades e grandes cidades em que a PM participa de processos políticos eleitorais com grande apoio midiático e popular. Pude perceber nesse trabalho como essas primeiras categorias citadas estavam diretamente ligadas aos esquemas policiaescos de abordagem policial, o que são conhecidos como padrão de busca e apreensão.

Nesse ínterim de tempo, tive uma grande descoberta realizada em algum evento que participei que foi a *iniciativa negra por uma nova política sobre drogas*, que ainda mais colocou em contraposição a ideia de padrão de busca e comoção seletiva. Que eram nada mais nada menos que a divisão racial das subjetividades criminais.

Onde na primeira elege e sustenta as ideias higienizantes de que preto é igual a bandido, recriando o imaginário escravocrata que afirmava que preto era igual à escravo. E que branco era igual à vítima e que os dispositivos de proteção e segurança do estado estariam a serviço da população branca que residia em lugares compartilhados pelas elites nas grandes cidades.

Essa foi uma chave de compreensão do mundo geral e das disposições das desigualdades raciais. Uma ideia geral que eu formulei na minha cabeça e que pude confirmá-la em seguida com diversos livros, pesquisadoras e pesquisadores. Mas eu precisava de mais, apenas aquilo não poderia satisfazer um caminho que se pretendia esgotar aos 22 anos. Então comecei a questionar novas disposições nas cidades, onde chego nessa imersão.

Para além do baculejo², é para mim e para a minha trajetória apenas um início. Em que buscarei trilhar um caminho de relações e companheirismos reais e abstratos, como os que fazemos na academia para que algo traga a disposição do povo preto que reside nas favelas de Fortaleza para perto. Pode ser um esforço, ainda inocente, mas sempre jovem e negro. Dissidente também, por que não? Vulnerável, porque ainda não roubaram o afeto que os negros carregam consigo nesse mundo de desafetos.

Olhar além do baculejo é também um desafio para questionar como a representação de jovens negras/os é comumente reduzida às violências cometidas contra essas pessoas. Possibilitar enxergar os estilos e modos de vida, as atribuições relacionadas nas cidades brasileiras através das subjetividades e materialidades produzidas por esse específico grupo social é profundamente político e epistemológico no fazer científico e artístico.

² Pode ser lido também como, para além da abordagem policial.

PARTE 1 - Pensando Fortalezas Negras junto ao Atlântico Negro

As experiências vividas de quem nasceu e se criou na Comunidade da Draga³ e as relações mantidas com esse espaço repletos de belezas e de relações humanas e ambientais são traduzidas a partir de diversas relações de construção de cidadanias e de luta pelo direito à vida e à dignidade. Como também os registros que podem ser traduzidos em apropriações do espaço urbano e litorâneo por jovens negros e periféricos e suas fruições de ocupação da costa ao Mar.

O Mar Atlântico e suas memórias traduzidas nas peles negras de seus moradores e transeuntes estão presentes nas marcas e nos registros do tempo da cidade de Fortaleza. Uma cidade que nasce pelas águas banhadas do encontro de dois continentes de imensas dimensões territoriais e existenciais revelam muito mais que simples traduções do tempo da escravidão. De lá vieram muitas pessoas, histórias, espantos, lembranças que povoam em grande medida as nascentes econômica, política, filosófica, artística e antropológica de um chão repleto de gente diferentes entre si mas que também possuem diversas similaridades compartilhadas pelo tempo no espaço vivido. É certo de que pouco se falava sobre essas pessoas de maneira oportuna e com a relevância que merecem, quase sempre elas são retratadas através de obras expostas em museus sob o cálice da dor e da tragédia.

Mas ao perceber as diversas nuances de ausências e silêncios provocados pelas ruínas de uma história⁴ ou incompleta ou mal contada e até mesmo mentirosa, sem revelar nenhum julgamento de valor sobre as correntes teóricas de determinados tempos e pessoas que nos antecederam, torna-se cada vez mais necessário que se busque delimitar as lacunas não preenchidas pelos discursos e sentimentos esvaziados de sentidos e que aproximem essas pessoas esquecidas para o real presente e as possam projetar em si mesmas as condições de que sejam lembradas em outros momentos.

Encontrei através das imagens reproduzidas por jovens negras e negros uma possibilidade de reconexão entre as dimensões físicas e simbólicas da feitura de uma cidade que insiste em não afirmar a existência múltipla de seus povos. Cidades que condenam ao temeroso obscurantismo do silêncio as marcas e as delícias da vida e do prazer de viver em comunidade e até mesmo individualmente.

³ Comunidade do Poço da Draga.

⁴ Relação mantida devido à ligação da Comunidade com as memórias da Ponte Velha / Metálica.

Confrontei as possibilidades de interpretação dessas angústias, compartilhei com colegas, amigas e amigos e diversas pessoas que se interessaram em compreender o porquê do Mar possuir um significado tão forte como eu apontava inicialmente. Fui mergulhando entre as incertezas e as certezas que também guiavam esses desencontros e por fim, pude conceber a ideia de que Fortaleza não pode proibir ou fechar o seu Mar para o seu povo que sempre busca nas suas águas mornas e salgadas o acalanto de uma semana puxada de trabalho aos encontros geracionais com as amizades que perfazem o tempo de vida de tanta gente apaixonada pela vida dessa cidade que por vezes, os rejeita.

Fortaleza e suas belas praias escondem também outros cartões postais, e sua gente diversa. Esta etnografia, no entanto, vai em busca desse desencontro para possibilitar um diálogo inicial através das águas. Foram as águas e as pessoas do Poço da Draga que me conquistaram e me levaram a buscar esse desconhecido de uma forma prazerosa e cheia de cuidados durante muito mais de um ano de pesquisa de campo. São quase seis anos de contato e observação sempre atenta desse lugar de Fortaleza que encanta qualquer pessoa de longe que venha a conhecer.

A Praia do Poço da Draga

Uma praia localizada num emaranhado de grandes prédios e de muitos Centros Culturais de Fortaleza. Abriga a efervescência de domingos ensolarados e repletos de visitantes de toda a cidade e de vários lugares do mundo que buscam um lugar tranquilo para estar à toa curtindo a maresia e as belezas que apenas se encontram em Fortaleza.

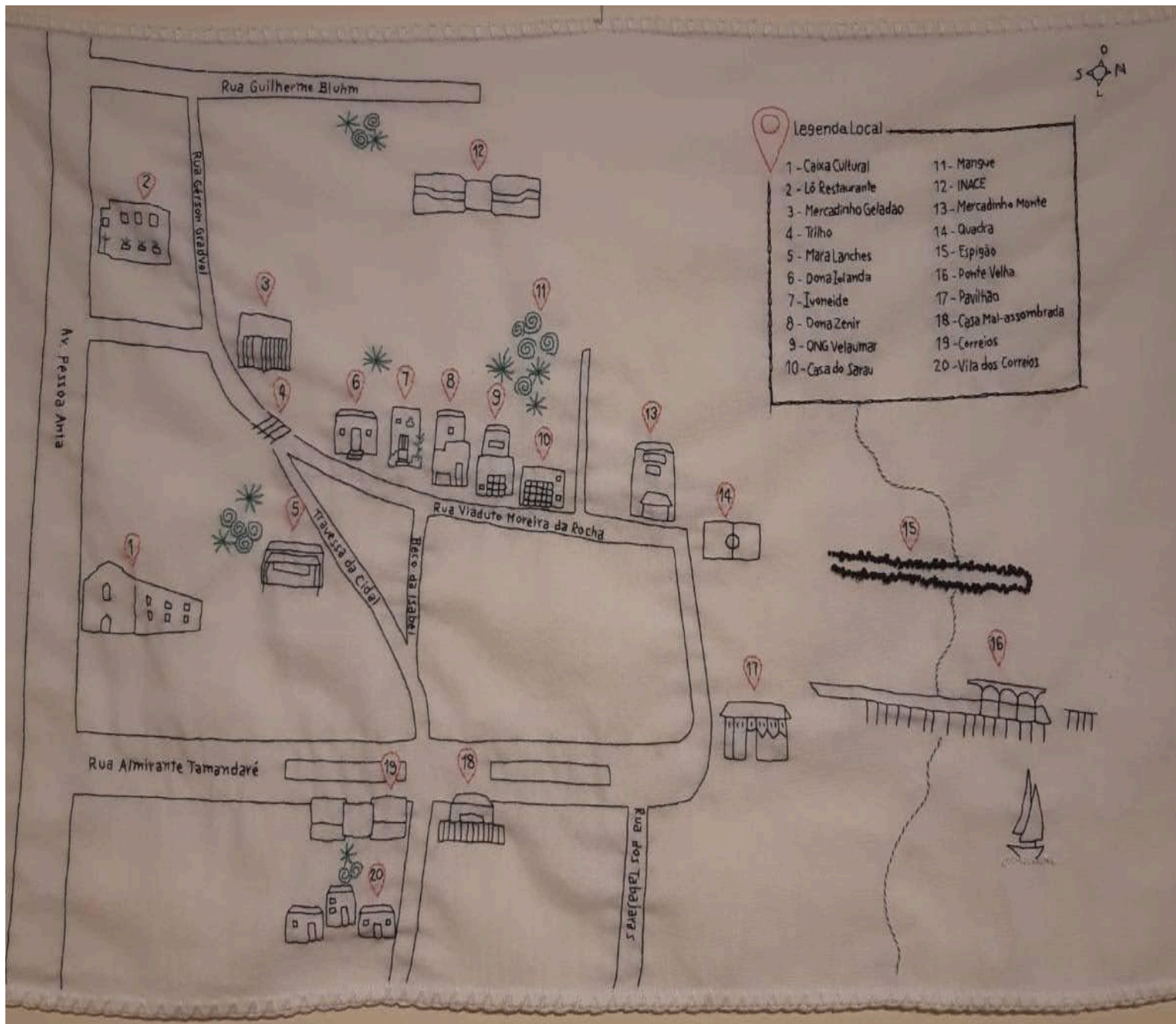
Para além da Praia, gostaria de enfatizar a presença da Favela do Poço da Draga, consistindo numa comunidade que resistiu há muitos anos às políticas de remoção urbana provocadas pela especulação imobiliária e pelo capital que afeta a dignidade de seus moradores e moradoras. Mesmo que nessa pesquisa o foco não seja explicitamente a relação dos Moradores com a Praia, é importante apresentar as suas principais características.

A comunidade que já foi extensamente maior antes da construção do Hotel Marina Park, antes da chegada da Indústria Naval e mesmo da tentativa de construção Acquário de Fortaleza⁵. Perfazendo antigamente uma região interligada com as Praias do Pirambu, hoje registra em seu cotidiano a presença de mais de oitenta (80) famílias residindo ainda a

⁵ Uma obra que se encontra parada há pelo menos 8 anos.

localidade próxima ao litoral de Fortaleza. Tendo também um cotidiano expressivamente movimentado pelas ações realizadas por diversas lideranças da comunidade e extenso meios de captação de condições financeiras próprias, como o desenvolvimento de trabalhos autônomos em barracas de praia e também de manutenção de serviços de limpeza da praia e de salvamento de banhistas que eram até então gerenciadas pela própria comunidade de moradores e trabalhadores.

Possui os seus limites através da delimitação da avenida Almirante Tamandaré (avenida que passa ao lado do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura), Avenida Pessoa Anta, a Rua dos Tabajaras e pela indústria Naval. A comunidade é atravessada pela Rua do Viaduto Moreira da Rocha que desemboca no Mar. Através desse Mapa Diagnóstico desenvolvido junto à comunidade do Poço da Draga que recebi do querido Sérgio Rocha, geógrafo e morador do Poço da Draga, explica as atividades realizadas lá e seus limites e ameaças em relação à especulação imobiliária.



Mapa 02 - Cartografia social do Poço da Draga em costura das mulheres do Poço da Draga.
 Fonte - Álbum 115, Felipe Camilo Kardozo.

Este outro mapa elaborado por moradoras e moradores do Poço da Draga retratam o seu território por meio de uma prática muito realizada dentro da própria comunidade, a costura. Este mapa estava disponível na exposição de comemoração de 115 anos do Poço da Draga curada e organizada pelo colega Felipe Camilo.

Em um território fértil de produções artísticas e de diversas linguagens culturais é facilmente captadas obras como essas que a partir de trabalhos recentes são levadas aos Museus de Arte da cidade para fortalecer os vínculos da comunidade com os centros culturais que se localizam próximos aos limites da Favela da Draga.

A Comunidade da Draga não é avaliada em seus índices de desenvolvimento humano na Cidade de Fortaleza como um bairro, o que torna difícil uma pontuação em relação ao acesso às demais políticas públicas presentes na comunidade, logo que possa aparecer como o bairro Praia de Iracema ou mesmo o bairro Centro como aparece em contas de luz e água e registros de localidade de alguns moradores que são bairros que se consideram “os melhores para se morar em Fortaleza”, um contraste gigantesco se mencionar em relação a esses bairros em comparação com o Poço da Draga.

Contextualizando as aproximações desta pesquisa com o Poço da Draga

Mesmo que para a seleção desta pesquisa se apontasse para a existência de um material em arquivo produzido em anos e momentos anteriores a pandemia, passei a ficar apreensivo pela possível não realização do processo de investigação em campo e da utilização de técnicas pretendidas inicialmente como a observação participante e a realização de entrevistas. Em meio a uma aproximação com este território há alguns anos como visitante e morador da cidade de Fortaleza onde quase sempre visitava a praia acompanhado de diferentes relações de amizade, afetos e encontros como festas que aconteciam com bastante frequência. Foi durante o período de abertura da pandemia de Covid-19, momento esse que havia quase encerrado as disciplinas do mestrado que aconteceu de fato uma aproximação com uma das principais colaboradoras desta pesquisa.

Foi numa sexta-feira de março de 2022 enquanto acontecia uma das aulas de prática de pesquisa em antropologia que recebi uma mensagem por redes sociais onde dizia que os barraqueiros e as barraqueiras da Praia do Poço da Draga estariam sendo impedidos (as) de trabalharem devido a Agência de Fiscalização da Prefeitura de Fortaleza (Agefis). As

imagens que passaram a circular rapidamente pela **Cássia Vasconcelos** eram de uma tristeza muito grande. Me desloquei até o local para registrar o fato e de pronto, como ativista⁶ me solidarizar com os (as) trabalhadores.

Na intervenção pública que se assegurava que a Comunidade de Barraqueiras (os) estariam infringindo leis ambientais por construírem ilegalmente sem autorização da Prefeitura de Fortaleza as barraquinhas de vendas que eram meio de sustento de quase todas as famílias envolvidas no caso, derrubaram as barracas, queimaram as madeiras, em seguida arrancaram com trator coqueirinhos plantados pela própria comunidade, agiram com bastante agressividade inclusive com uma trabalhadora que se encontrava grávida dentre outros relatos que pude ter contato durante essa breve aproximação. Essas narrativas eram desenvolvidas durante a chegada da Prefeitura e de diversos órgãos públicos de defesa de direitos humanos que negociavam sobre a retomada dos trabalhos na Praia do Poço da Draga.



Fotografia 05: Barracas queimando na Praia do Poço da Draga. 2023.

Fonte: Paulo Henrique Ferreira.

⁶ Em muitos momentos a distinção era quase irreal dos meus interesses em campo. Ora ativista, ora antropólogo. Talvez ninguém ainda saiba se existe uma unidade intrínseca à identidade que me permitiu ser construída nessa interação.

Alguns barraqueiros relataram os altos custos para construção das barracas e traduziam a angústia de ver tudo ser queimado de forma tão rápida e sem direito a recusar essa invasão por parte da Prefeitura. Entre esses momentos de desalento para muitas dessas pessoas era muito perceptível as contradições emergentes no espaço, como a própria desconfiança de muitas pessoas que se aproximavam, inclusive a minha própria presença, pois era ali a primeira vez que eu tinha contato com muitas pessoas diretamente da Comunidade.



Fotografia 06: Entulho deixado pela Agefis pelas derrubadas das barracas na Praia.

Paulo Henrique Ferreira, 2023.

Cheguei a conversar com alguns dos trabalhadores que tiveram suas barracas destruídas pela intervenção da prefeitura e fui vendo aquela rede de pessoas institucionalizadas se aproximando da Comunidade em torno da pessoa da Cássia. Lógico que eu já tinha conhecimento da mobilização política que ela realizava em defesa da comunidade, mas ali era prático ver como a defesa do seu lugar interage rapidamente com interesses convergentes em torno da defesa do meio ambiente, do direito ao trabalho e sobretudo, da dignidade do pessoal da Draga.

Conversei em seguida com a Cássia pessoalmente pela primeira vez nesse dia e confirmei algo que ainda me intrigava. As similaridades que compartilhamos através da luta social e da melanina que carregamos foi ponto central de aproximação. Alguns registros

desse dia sintetizam a relação construída durante esse momento. Nesse momento, Cássia me convidou para uma segunda reunião que aconteceria no Domingo. Na reunião os moradores, trabalhadores e os *amigos do Poço da Draga* pensariam juntos as estratégias para resolução do caso dos (as) barraqueiros (as).



Fotografia 07: Reunião entre moradores e barraqueiros da Draga com órgãos públicos de defesa dos direitos humanos no Pavilhão Atlântico, antiga sede da Associação do Poço. Paulo Henrique Ferreira, 2023.



Fotografia 08: Representante da Prefeitura e da Regional dando explicações aos moradores, barraqueiros e órgãos de defesa dos DH.
Paulo Henrique Ferreira, 2023

A aproximação que existia com o espaço foi então se alargando. Como parte do que Cássia chamava por *amigos do Poço da Draga*, acreditei ser possível contornar uma das grandes dificuldades de realização da pesquisa considerando que me inseri naquele momento quase de fim da pandemia mas com permissão legal para a realização de algumas atividades públicas e utilização de espaços públicos.

Mas foi nessa segunda reunião que a pertinência dessas hipóteses se confirmou. Diante de várias narrativas que cada barraqueiro (a) e moradores solidários iam contando um por vez, sempre retornavam às temáticas da distinção social do espaço da comunidade e as construções imagéticas de estigmatização de violência, de impopularidade das pessoas que frequentam a Comunidade e que recaiam sobre a Praia do Poço da Draga. Uma dessas falas não identificadas, pois nesse momento eu decidi não identificar nenhum morador nominalmente, dizia, “é mas a gente sabe o porquê que eles fazem isso. Do lado de lá ficam os ricos, as elites e do lado de cá os favelados”.

Em seguida tentou-se conter para voltar ao assunto principal suscitou em outros moradores outras sequências de relatos, tais como a realização das limpezas autônomas da Praia pelos próprios barraqueiros (as) devido a não inclusão da Praia da Draga nos planos da UrbanFor⁷ e a ausência de um batalhão de salva vidas na Praia, atividade essa que era desenvolvida muitas vezes por moradores que praticam a pesca artesanal após casos de afogamento na Orla e também de pessoas que utilizam cotidianamente a Ponte para a prática de saltos.

Como Zona de Interesse Social prioritária da cidade Fortaleza, a ZEIS do Poço da Draga⁸ é um órgão da sociedade civil ligado às políticas de habitação e urbanismo de Fortaleza responsáveis pelo levantamento dessas demandas da comunidade. Hoje estão implantadas tanto os batalhões de salva vidas do corpo de bombeiros como a política de limpeza da Praia da Draga como continuidade da Praia de Iracema.

⁷ Autarquia de Urbanismo e Paisagismo de Fortaleza

⁸ A ZEIS Poço da Draga se encontra no território da Secretaria Regional 12 (SER 12), acolhendo um total de 1 assentamento precário, que soma uma população estimada de 1.026 habitantes, segundo dados do Plano Local de Habitação de Interesse Social (PHLIS) 2012. A área da poligonal da ZEIS é de 34.502,02 m², e está inserida em um bairro da cidade de Fortaleza, o Centro.

Os rumos da Pesquisa na Praia do Poço da Draga

Dentro de tantas incertezas, algumas possibilidades foram se tornando viáveis de serem delimitadas. A primeira apontava para um abandono parcial do espaço delimitado inicialmente, a Praia do Poço da Draga, onde passaria a interagir também com outras localidades a partir de contatos com outras *refs*⁹ de vários lugares com ampla circulação entre artistas da cidade, mas permanecendo sendo jovens negras (os) artistas que residiam em regiões banhadas pelas praias periféricas / favela de Fortaleza.

Passei então a convidar algumas pessoas que já conhecia anteriormente para gravar entrevistas sobre os seus estilos de vida, relações com a cidade e com os lugares que eles viviam e sobre a dinâmica da arte em Fortaleza. Ao convidar a Mumutante¹⁰ (Muriel Cruz) demonstrou total disponibilidade e se disponibilizou prontamente para conversarmos sobre as suas vivências na Praia da Sabiaguaba¹¹. Mumu possui muitas composições poéticas - musicais que abordam o seu cotidiano e suas vivências muito próximas ao lugar onde ela nasceu, se criou e hoje é ameaçada constantemente pela especulação imobiliária.

Alguns dias depois fui à casa do Prof. Leandro Bulhões e enquanto conversava sobre essa pesquisa com a Daary Bezerra, uma colega do mestrado em antropologia da UFC/UNILAB e ativista do movimento LGBTQIA+, ela me apresentou a Gisele, uma jovem negra que estava trabalhando com ela na produção do Festival *For Rainbow*¹² que por acaso teria decidido ficar ali mesmo após o fim de seu expediente na produção do festival.

Gisele¹³ passou pelo processo de remoção urbana quando morava na Praia do Pirambu para a construção do Vila do Mar¹⁴. Quando criança juntamente de sua família e hoje apresentava uma série de ideias e de estratégias que se aproximavam muito das que eu já

⁹ São pessoas que possuem notável reconhecimento entre seus pares.

¹⁰ Artista travesti preta, nascida e criada na Sabiaguaba. Baculejo, presente no título dessa dissertação, é uma composição poética musical dela.

¹¹ A Praia da Sabiaguaba é conhecida por caracterizar um dos mais belos encontros do Mar com o manguezal banhado pelo Rio Cocó e o Rio Pacoti. Lugar detentor de duas unidades de conservação ambiental desde 2006 que são mantidas pela prefeitura de Fortaleza, que são: Parque Natural Municipal das Dunas de Sabiaguaba e a Área de Proteção Ambiental de Sabiaguaba.

¹² Festival internacional de cinema da diversidade sexual e de gênero, sediado na cidade de Fortaleza há muitos anos.

¹³ Artista preta e produtora cultural. Atua em diversos espaços na cidade de Fortaleza e ama viajar e mudar de cidade. Segundo ela, precisa sempre se manter próxima ao mar em qualquer lugar que seja.

¹⁴ Conhecida como a maior obra de revitalização das orlas marítimas e construção de habitações populares em Fortaleza.

vinha escutando há um tempo por parte de outras pessoas na Comunidade da Draga e por exemplo na Praia da Leste Oeste¹⁵ que é popularmente conhecida como Praia da Lest.

Nessas andanças que eu estava realizando me aproximei também de artistas da Região do Grande Mucuripe¹⁶, nas Favelas / Comunidades do Serviluz, Castelo Encantado e Vicente Pinzón a partir de uma rede de artistas do grafite, rap e das batalhas de rima que também nascem e se criam por lá. Mas foram essencialmente, através do Berin¹⁷ e do Pig¹⁸ que tinha conhecido recentemente enquanto desenvolvia um trabalho de professor de cidadania e participação social no projeto Embaixadores da Paz, que trabalhávamos com formação de arte educadores junto com jovens egressos de medidas do sistema socioeducativo de Fortaleza.

Berin participou deste curso como palestrante e em alguns momentos também dava oficinas de pintura e artes visuais com os jovens. O Pig atuava como educador social no Projeto, toda quinta feira ele realizava acompanhamentos com a turma que eu trabalhava. No decorrer desses momentos fomos trocando ideias e conversando sobre muitas coisas, inclusive sobre as dinâmicas de ser morador do Grande Mucuripe e as relações que eles dois mantinham com o lugar tanto por meio da arte como também por meio das várias questões que envolviam morar em um dos lugares mais caros da cidade de Fortaleza.

Fui algumas vezes durante esta pesquisa no Mucuripe por diversas ocasiões diferentes, mas especificamente em um dia, acompanhado do Pig e Berin mas também com a Amanda, companheira do Pig, Nego Cássio, artista do rap / trap e produtor cultural de Fortaleza e a Mabel, assistente social e uma amiga querida, estávamos conversando no Mirante do Mucuripe sobre como eles viam as comunidades do Mucuripe lá de cima.

Contaram as histórias de ocupação e relação das fábricas M Dias Branco que produziam bolacha e massas mas que por algum motivo que eu ainda não entendi os moradores das comunidades chamavam por fábrica de manteiga, fiquei por horas impressionado olhando as chamas da Petrobrás que não se apagam mesmo caindo uma intensa chuva. Falaram também sobre as relações mantidas tanto com o medo da remoção urbana das comunidades como também da manutenção de poder por parte de grandes

¹⁵ Extensão de praia que ligam bairros como Pirambu, Moura Brasil e Cristo Redentor. Um dos maiores complexos de favelas do Brasil.

¹⁶ Onde hoje ficam as Favelas / Comunidades de Santa Terezinha, Serviluz, Conjunto São Pedro, Castelo Encantado e Vicente Pinzón. Região de favelas em Morro e também de comunidades à beira mar de Fortaleza.

¹⁷ Jovem artista visual negro, pinta telas e faz muralismo. Mora no Serviluz.

¹⁸ Jovem artista visual e rapper. Produtor cultural e muralista. Mora no Santa Terezinha.

empresários na região que não se importam minimamente com os (as) moradores (as) do Grande Mucuripe.

Algumas dessas possibilidades eram muito convenientes devido à relação de proximidade que estavam ali se fazendo com tantas pessoas que nasciam e se criavam nas comunidades do litoral periférico de Fortaleza. As marcas da construção das favelas e do processo de favelização no Brasil refletia profundamente nessas interações e assim tornava-se nítido que era uma grande possibilidade. Tanto a Mumu, a Gisele, o Pig e o Berin que nasceram e se criaram em comunidades / favelas diferentes em Fortaleza, se encontravam em um determinado momento da vida compartilhando suas experiências como referências culturais, políticas e artísticas que viviam em suas comunidades.

Talvez hoje, penso eu, que a proximidade com o campo acabou eticamente me distanciando por questões próprias e individuais. Manter-se perto ou dentro desses lugares era como se muitas vezes eu próprio fosse enxergado por essas ou pelas pessoas como *de dentro demais, mas nem tanto*. Tornava-se cada vez mais comum durante a pesquisa que algumas pessoas chegassem pra mim me perguntando sobre diversos amigos (as) que moram no Pirambu como se eu também morava no bairro Pirambu, que é o bairro que abriga a Praia da Leste, devido a minha aproximação muito forte com um grupo de amigos que estudaram no curso de ciências sociais da UFC e que atuam hoje em áreas da moda, educação museal, produção cultural, danças, tranças e dreadlocks e diversas outras áreas.

Acabei me distanciando da proposta de pesquisa junto dessas pessoas e decidi então me dedicar apenas às relações do Poço da Draga. Retornei ao projeto inicial e mantive um certo foco na Praia do Poço da Draga, pois era isso que eu havia proposto inicialmente como projeto de pesquisa. As incertezas que mais eram sem dúvida a da não percepção de uma relação direta em campo que muitas vezes eram cobradas nas aulas de Prática de Pesquisa em Antropologia. Embora eu soubesse que uma relação direta (juntas) em campo não seria possível.

Porém, essa mesma perspectiva me obrigou a olhar a Praia do Poço da Draga de uma maneira diferente. A aproximação que mantive com a **Bianca Ellen (Bug ou Bugzinha)** que é conhecida em Fortaleza pelas diversas linguagens artísticas em que ela passeia e domina é que me permite realizar toda esta pesquisa, inclusive com a realização das entrevistas gravadas com áudio e vídeo.

A Bianca ou Bug é aqui no entanto, uma matriz importante para a relação do pensamento não apenas desenvolvido em dois capítulos mas também em todo o processo de levantamento de informações, de interlocução com outras pessoas logo que ela quem indica a necessidade de gravação da entrevista também com a Cássia Vasconcelos e apresenta a Praia da Draga por uma visão totalmente diferenciada que eu já tinha me questionado por vezes.

Ela abria muito espaço para a interposição de uma colaboração e apresentava muitas contribuições para esta pesquisa devido ao grau de profundidade apresentado nas entrevistas, conversas e muitas vezes também da energia expansiva que carrega e torna qualquer lugar mais agradável de se habitar. Portanto, é a possibilidade de encontrar nesse caminho uma pessoa que diretamente trocasse as ideias centrais da pesquisa que me garantiu a certeza no meio dessas incertezas de quais rumos tomariam.

Apontando a especificidade deste texto etnográfico que busca compreender como se constituem identidades negras “do outro lado do atlântico”, trata-se de uma pesquisa fundada na trans-atlanticidade de Beatriz Nascimento (2022), os lugares da gente negra e a divisão racial do espaço de Lélia Gonzalez (1982) e as categorias políticas de juventudes negras e genocídio da juventude negra elaborada e sintetizada por Paulo César Ramos (2021). Essas três principais noções de navegação são pensadas como caminhos de territórios físicos e existenciais da negritude em Fortaleza, especificamente no encontro com o mar e com as suas coexistências.

Justifico a escolha analítica dessas duas categorias aqui pois são concepções que nitidamente repõem no cenário acadêmico, duas importantes pensadoras e intelectuais que com muita maestria nas discussões em que assumiram garantiram uma percepção crítica e analítica substancial para a realização de discussões como essas, no caso as que tomam a concepção afro-diaspórica para pensar a relação de lugares, corpos e existências.

Sob a premissa de que a pesquisa etnográfica, constitui um processo denso e rigoroso de abordagem crítica de “complexidades” encontradas constantemente em freixas, frinchas, interstícios e encruzilhadas do que quase sempre não se pode visualizar a olho nu nas relações sociais entre as coisas, o tempo, o lugar e os corpos. Essa relação de pesquisa correlaciona-se com processos de construções de redes, o que torna variável a condição de tempo e mesmo de lugares.

Entre um período curto, visto a aproximação anterior com o campo há então um prolongamento de tempo, por exemplo, nos casos da pesquisa fotográfica e etno-documental que tornou necessário a utilização das técnicas e métodos de gravação em audiovisual tanto

com a Buggzinha como com a Cássia Vasconcelos que mesmo diante de rotinas de trabalhos exaustivas toparam gravar as entrevistas. Realizei também buscas nos acervos do Museu do Ceará, do Museu de História e Cultura Afro Brasileira (MUHCAB) e do Museu da Cultura Cearense.

As imagens fotográficas foram registradas por mim, mas também por três colegas que participaram juntamente nessa pesquisa, artistas e pesquisadores que compartilharam distintos momentos em campo. A quem devo agradecimentos, Eliaquim da Silva Gonçalves que muito me ensinou do mundo negro enquanto compartilhamos moradia ainda na graduação por cerca de dois anos, Wallace Douglas Queiroz que também muito me ensina sobre imagens e audiovisual, te agradeço pretinho por toda ajuda durante esta pesquisa desde as entrevistas, as conversas infinitas sobre as minhas incertezas as trocas sobre a presença da câmera e pelos belos registros fotográficos e também inusitadamente o colega de graduação, Alex Hermes, um ilustre fotógrafo de Fortaleza que mantêm um acervo gigantesco de fotografias da Comunidade do Poço da Draga e captou as maiores certezas desta pesquisa. As três fotografias da capa desta pesquisa simbolizam essa troca fundamental para a concretização sendo cada fotografia de um deles.

De antemão, é fundamental o alerta de que não se trata de uma pesquisa com a comunidade da Draga ou da *Favela do Pau Finim*, por isso essa questão de nomeação do lugar será apenas lembrada. Embora sejam trabalhadas as entrevistas realizadas com duas jovens negras moradoras da Comunidade do Poço da Draga, Bianca Ellen (Bug) e Cássia Vasconcelos, com todo o respeito e responsabilidade que uma pesquisa realizada nessa comunidade de moradores demanda é preciso deixar nítido que esta pesquisa trata especificamente do local da praia e suas extensões que também é a comunidade negra e favelada que frequentemente ocupa e ressignifica esse espaço mesmo que a partir da visão e das experiências dessas duas moradoras e habitantes do lugar.

Existe uma disputa de memória em torno da nomeação do lugar que como será apresentado além dos corpos o lugar é expressamente multifacetado. Seja pelo encontro de um espaço elitizado e sua co-existência marginalizada ou mesmo com a alta especulação imobiliária e as resistências cotidianas de pobres e negros que ali se encontram há mais de um século. Ainda nesta seção é interessante observar como na cidade de Fortaleza são renomeadas práticas de auto estima entre jovens negros, sendo estes sobre estética, corporalidades e políticas emancipatórias, como aponta a intelectual Nilma Lino Gomes (2017) e também as práticas de renomeações de cidadanias plenas e efetivas, como afirma já na virada do século o intelectual Milton Santos (2002).

É oportuno ainda afirmar que em todas as dimensões de realização desta pesquisa, em todas as suas fases e etapas sempre foi um grande desafio encarar essa missão. Dias de leitura, buscando uma profundidade que muitas vezes não se alcançaria de maneira alguma. Dias de interpretação de caminhos possíveis para a elaboração de um sumário que discutisse os principais conceitos, que pudesse contextualizar as principais características de campo e de vivência cotidiana.

Construir um projeto de pesquisa que muitas vezes confundiu até mesmo os caminhos que se pretendia percorrer. Uma construção, enfim, árdua e cansativa. Espero então aqui cumprir a densidade etnográfica e apresentar uma boa argumentação das principais demandas de pesquisa que envolvem a ausência de muitas discussões em torno da juventude negra.

Nas palavras da intelectual Beatriz Nascimento em Orí (1989), seria o fato de que o colono mesmo depois de praticar tanta violência não conseguiu roubar os sentimentos dos colonizados. Como eles esqueceram que os negros e as negras sentem dor, amam, choram, sorriem, vão à praia, vão aos cinemas, visitam parques, cheiram as rosas dos caminhos de suas casas, vivem. Não roubaram a nossa humanidade. Então categorias como essas, transmitem a potência da elaboração de cidadanias e humanidades de jovens negros e negras.

Apesar de que o tema venha aos poucos ganhando notoriedade e importância, não tem sido através destas experiências trabalhadas nesta pesquisa, que a juventude *negra*, tem se tornado uma categoria política e conceitual crítica na academia, nos movimentos sociais e na formulação de políticas públicas. Uma das faces mais esquecidas são as elaborações políticas de jovens negras e negros através de processos de ocupação urbana.

Parte 2 - Localizações da antropologia e etnografia urbana nas cidades e corpos junto ao Atlântico

A posicionalidade de uma antropologia que busca deslocar noções e conceitos proeminentes aceitos e disseminados em um prolongado tempo pode não parecer a principal porta de entrada de uma etnografia de mestrado. Proponho então que seja um caminho de possibilidades ou um trajeto de investigação contínua no tempo - espaço apropriado para sua realização juntamente com os corpos que perfazem as relações aqui obtidas dentro de variáveis significados.

Opto pela vinculação de perspectivas que sejam sólidas e conceituais e não apenas tratada como êmica ou imersa em uma linguagem vernacular de uma determinada comunidade, grupo social ou mesmo indivíduo, para o caso das auto-etnografias. No entanto é preciso alertar que muitos marcadores sociais da diferença atravessam essa pesquisa, como jovem negro gay ou bixa preta (GOMES, 2017) e aqui na condição de pesquisador em antropologia social.

Pensar uma antropologia que possa estar cada vez mais conectada com as comunidades, grupos e indivíduos que interagem diretamente com as pesquisas precisa ser considerada muito mais que consciência ética de pesquisa, mas também como reparação epistêmica (DIAS, 2021). No caso de comunidades negras, indígenas, travestis e transsexuais masculinos e femininas, esses processos ainda caminham de maneira lenta e muitas das vezes acompanhadas de esforços mínimos que são incapazes de lidar com determinadas situações no campo de pesquisa e mesmo nos programas de pós-graduação em Universidades brasileiras. A antropóloga Rita Segato (2021, p. 22) afirma que,

Se pensamos que, a partir do evento colonial e dentro da ordem da colonialidade que ali se instala, a raça passa a estruturar o mundo de forma hierárquica e a orientar a distribuição de valor e prestígio, entenderemos também que ela tem um papel central na definição de quem é quem e na atribuição de autoridade no mundo da formulação de ideias, sua divulgação e sua influência.

Em seguida, a própria autora aponta para o fato de que essas pontuações podem ser encontradas em diversos trabalhos recentes que vêm sendo produzidos na antropologia feita no Brasil onde aqui o caminho ainda não é o inverso. É preciso localizar a antropologia feita no Brasil, como um conceito geral que autoriza e desautoriza não apenas ideias, mas também

quem são as e os pesquisadores e pesquisadoras que podem se debruçar sobre determinados temas e questões.

A colonialidade do saber é atravessada diretamente pelo racismo acadêmico, sistemáticas práticas de negação e deslegitimação de antropólogos e antropólogas negros e negras, além de suas competências mas também seus repertórios e conhecimentos. Nesta pesquisa, mais especificamente para a antropologia urbana e as etnografias nas cidades, é importante compreender as contribuições de duas pesquisas que são pioneiras em abordar contextos urbanos que são produzidos por sociabilidades de comunidades negras.

A primeira delas é a etnografia da antropóloga Ruth Landes em “A cidade das Mulheres” (1938), em que o protagonismo das “mulheres de santo / mães de santo” em Salvador passa a ser registrado com a colaboração de Edison Carneiro, outro importante pesquisador das relações raciais no Brasil ou mais precisamente a escola dos estudos do negro ao qual foi vinculado em vida.

Neste trabalho estão presentes questões como relações de gênero e fazeres econômicos, sexualidades dissidentes dentro do candomblé e uma riqueza de perspectiva sobre a cidade de Salvador e a presença da população negra. A presença visível de mulheres negras de axé nas ruas de Salvador com um longo processo tradicional de mercantilização do Acarajé, aponta para além do protagonismo feminino dentro das religiões afro brasileiras, mas também revela o protagonismo feminino em práticas de empreendedorismo, tema atual e bastante discutido no campo das políticas públicas.

A segunda é uma importante contribuição de Virgínia Leone Bicudo, estudante da primeira turma de Sociologia Política da Universidade de São Paulo, que através da orientação do antropólogo Donald Pierson, escreveu sua dissertação intitulada “atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo” (1945; 2010) e outros trabalhos publicados em revistas de estudos psicanalíticos e em uma grande pesquisa realizada pela UNESCO que revisou as políticas raciais no Brasil em 1950, expondo assim uma imagem caricata brasileira de país da democracia racial.

Virgínia Bicudo, analisa como “associações negras” discutiam questões intrínsecas entre os grupos de “pretos” e “mulatos” na cidade de São Paulo e como essas relações eram operadas dentro desses circuitos de negros em mobilidade social. Suas contribuições para pensar a presença negra nos espaços urbanos são destacadas através da pesquisa da antropóloga negra Janaina Damaceno Gomes (2013).

Certamente, desconsiderar as trajetórias e contribuições pioneiras de Ruth Landes e Virgínia Bicudo, além de diversos outros nomes que podem também apresentar contribuições no campo dos estudos da antropologia urbana, tem sido um erro para a formação de antropólogos/as que situam suas pesquisas nas cidades.

A questão racial é presente nas cidades brasileiras e perpassa então, diversos momentos na produção bibliográfica e científica no Brasil e no mundo, desde as teorias de base para o racismo científico baseadas no evolucionismo que buscava a objetificação do negro em seus estudos, tornando essa população passiva e passível de escrutínio científico sem precedentes.

Aderir a perspectivas que possibilitam percepções etnográficas como processos de uma produção relacional da interdisciplinaridade e interseccionalidade nos espaços urbanos e constituintes de identidades próprias de cada cidade brasileira, como demonstra Carla Akotirene (2018), pela imbricação de marcadores sociais da diferença de raça, classe, gênero, sexualidades, geração e território como sensibilidades analíticas expostas nas grandes avenidas relacionais da vida de uma pessoa negra.

Posicionado então, como antropólogo negro, a escrita etnográfica deve acompanhar as demandas críticas que nos afetam para contribuições teóricas e práticas - ontológicas, epistemológicas, ancestrais e políticas - para a comunidade negra em todas as suas perspectivas sejam elas transdisciplinares e ou transnacionais.

A intelectual afro-americana bell hooks quando trabalha sobre a “representação da negritude”, ela aponta que: “o colonialismo significa que sempre devemos repensar tudo, *pois (...) a questão é de que ponto de vista. A partir de qual perspectiva política nós sonhamos, criamos, olhamos e agimos?*” (2019, p. 59). Pouco se aborda nesse contexto de pesquisas, essas relações a partir dessas perspectivas aqui apresentadas. Para tanto, esse trabalho se insere nesse contexto de produção de novos paradigmas para pensar as juventudes negras nas grandes metrópoles.

A antropologia urbana é um campo concebido para buscar a produção de conhecimento sobre as relações sociais que são produzidas nas cidades ou no espaço urbano, através de recortes espaço-temporais previamente definidos pelo pesquisador (a). Possibilita a utilização de referenciais metodológicos que expandem as experimentações do fazer antropológico clássico, aqui destacados tanto pelas técnicas de ensaios fotográficos, entrevistas, busca de representações artísticas e pesquisa histórica, não como recursos

ilustrativos mas como técnicas complementares de pesquisa baseadas na observação participante.

A opção por uma perspectiva interdisciplinar entrelaçado dentro das possibilidades com estudos de urbanismo, geografia e relações raciais, entre estes campos permitem-nos realizar aproximações empíricas e teóricas com outras categorias que recebem enfoque nesta pesquisa, como as de divisão racial do espaço, afro-transatlanticidade e juventudes negras.

Para os antropólogos Akhil Gupta e James Ferguson, a questão do espaço nas ciências sociais obteria um pequeno espaço nas pesquisas antropológicas, e sua importância se dá a partir da ideia de que “a experiência cultural ocorre em um espaço contínuo, conectado, atravessado por relações econômicas e políticas de desigualdade” (GUPTA; FERGUSON, s/d. p. 42). Concordando com o teórico crítico Homi K. Bhabha (s/d), eles afirmam que as contradições incomensuráveis de uma zona intersticial de deslocamento e desterritorialização confirmariam a identidade do sujeito em contextos distintos.

Para tanto, o campo dos estudos em relações raciais é fundamental para a realização desta pesquisa, no que tange às contribuições dos estudos sobre atitudes raciais (BICUDO, 2010) até as ideias mais recentes de racismos institucional e estrutural (ALMEIDA, 2018). Essas possibilidades correlacionam diretamente com as experiências empíricas, teóricas, sensíveis e políticas para a realização desta investigação em que as relações de troca devam ser bilaterais ou multilaterais tanto para a construção de políticas públicas, como para expansão de compreensão sobre as dinâmicas das (os) sujeitas (os) envolvidas (os).

Ao tratar da questão da diferença e como as mulheres negras redefinem essa categoria expandido seus horizontes, a teórica feminista Audre Lorde aponta para o fato de que essa relação é sempre tomada por estudos que caracterizam os “humanos desviantes” e não a partir das diferenças humanas. Para a autora, "a rejeição institucionalizada da diferença é uma necessidade absoluta numa economia centrada no lucro que precisa de *outsiders*" (LORDE, 2019, P. 144).

A realização de uma abordagem qualitativa que tenha como método a observação participante é importante porque aqui poderá também transitar entre os espaços e participar. Para a antropóloga Saba Mahmood (2006), sob a construção do pós-estruturalismo nos estudos sobre as relações de gênero no Egito pós-colonial, propõe estudos fenomenológicos que contemplem as perspectivas de *self*, *embodiment* e agência.

Essa abordagem sugerida pelos estudos pós coloniais permitem que a produção de posicionamentos politicamente prescritivo, como propõe a autora, surgiram com a realização de etnografias em que essa agência teórica (a pesquisadora) precisam estar interligadas, *in loco* nesses espaços e com um número maior de fenômenos a serem descritos e trabalhados.

Sendo estas, no entanto, as produções que se localizam entre as dimensões políticas e práticas de fatos registráveis. Em dimensões práticas o pós estruturalismo ainda não se afasta completamente de seus antigos métodos de registros, interpretação e escrita causando diversas variações e principalmente extinguindo a percepção de hierarquia na produção antropológica e etnográfica.

Através desse rico campo de produção de conhecimento que nos permite relacionar diversos campos do saber, podemos articular em perspectiva crítica às noções pré-concebidas e noções que permanecem enraizadas sobre determinadas formas de expressar, de conviver, de interagir e de comunicar no mundo empírico que afeta diretamente o mundo teórico, entre a fusão de horizontes (OLIVEIRA, 2018) que produz diálogos densos e compartilhados entre a produção de cidadanias.

O antropólogo Roy Wagner chama de invenções antropológicas as interpretações sobre humanidades e culturas desconectadas da biologização e da moralização desses processos, assim respectivamente. Há no entanto dimensões de interpretação e escrita de cunho crítico e criativo sobre as projeções que são dadas em escritas que promovem abordagens morais e evolutivas. Para ele:

[...] a humanidade é pois, natureza refinada e filtrada por um desígnio e uma ordem consciente, uma disciplina que é ela mesma objetificado como algo que pode ser aprendido, ensinado, preservado, registrado e “inventado” estendido [...] os valores sociais e morais reduzem a criatividade às questões práticas (WAGNER; s/d. p. 309;314).

As antropologias de fronteiras, como são chamadas aquelas que priorizam questões como marcadores da diferença e as relações de poder em sociedades capitalistas tem sido profundamente abertas a novas possibilidades de interpretações, utilização de técnicas como a oralidade, presente anteriormente em técnicas bem menos complexas e com suportes técnicos que contemplassem as perspectivas desses interlocutores.

O que se caracteriza nesta pesquisa é uma antropologia que pretende ser negra, que se orienta junto da escrita de outros/as teóricos/as e antropólogas/os negras/os, que vêm organizando e sistematizando as noções e os conceitos que orientam essas experiências,

vivências e interlocuções, com propostas de imersões coletivas e produções traduzidas sob as ideias de associativismo não mediado pelo estado e suas relações nesta pesquisa.

É importante afirmar que a partir de minha aproximação das técnicas de pesquisa desenvolvidas pela fotografia foi possível criar cartografias imaginárias e desconhecidas, criando registros da Praia da Draga desde 2017 mesmo que as imagens utilizadas neste trabalho tenham sido feitas dentro do período de observação em campo que durou de março de 2022 à março de 2023. A câmera e os registros fotográficos representam boa parte do sucesso de realização desta pesquisa, embora ela represente apenas fragmentos de uma parcialidade das visitas ocorridas nesse período de um ano de exercício de campo.

As entrevistas, no entanto, buscam uma intimidade relativa com o lugar através das narrativas e trajetórias de pessoas que nasceram e se criaram na Comunidade do Poço da Draga. Essa opção metodológica que foi descrita anteriormente se tornou possível e ajudou bastante a fechar as lacunas sobre representações coletivas. Dentro dos processos de co-teorização das pesquisas que se buscam antropológicas, destaco novamente a Bianca Ellen como um fio condutor de excelência para caminhar pelo Poço da Draga.

A existência também de outras modalidades e possibilidades de produções de diários de campos, como uma experimentação das *cartografias negras* e de *mapas etnográficos* a partir da racialização de dados cartográficos racializados, que vem sendo desenvolvidos em estudos das cidades por pesquisadores e pesquisadoras de diversas áreas do conhecimento apresentam parte da riqueza encontrada nesta pesquisa. Suas representações em mapas e na mentiras sobre os mapas¹⁹ descrevem o litoral marginal em que nos inserimos.

Para fins de exemplificação metodológica, cabe afirmar também a contribuição direta da musicalidade produzida e emergida neste cenário temporal e espacial desta pesquisa por artistas que embora se considerem circular em diversas linguagens artísticas vem se destacando no cenário musical. Utilizo-me de recursos disponíveis por várias delas durante a organização deste trabalho, bem como no título desta etnografia que conta com uma contribuição direta de Mateus Fazen Rock e Mumutante.

Podem ser destacados a emergência de diversos nomes de cantoras/es e grupos, como Má Dame, Gutto, Bakkari, Di Ferreira, Lorena Nunes, Caiô e a Outra Galera, Matuê, Maria Antonia (*in memoriam*), Nego Gallo, Don L, Luiza Nobel, SubConsciente em Pauta, Perímetro Urbano, Emocionar e tantas outras artistas que ainda irão florescer na cidade que

¹⁹ Categoria de mapas criados pela arquiteta e artista visual Cristiellen Rodrigues no projeto “mentir sobre mapas”.

compõem e criam sobre as praias de Fortaleza e suas periferias fazendo assim emergir através deste recurso as diferenças de uma cidade também desigual e racista.

Saindo do pedaço / dazaria: Produções de estranhamento das familiaridades no espaço urbano

As dinâmicas do espaço urbano são expressas através do movimento de sair do pedaço (MAGNANI, 2016; 1996. CUNHA, 2001) ou sair das zarias²⁰ que no caso das juventudes negras que majoritariamente residem em favelas e longes dos centros dessas cidades, esse mecanismo de sair de sua área ou pedaço, trata-se das diversas dinâmicas de mobilidade e deslocamento realizados na cidade.

A concepção da saída do pedaço está diretamente condicionada à escassez de políticas públicas e de representações que estão diluídas pelas imagens da cidade. É importante saber que essas ideias são fundamentais para compreendermos os limites nas quais se apresenta firmemente aqui, pois as experiências que serão abordadas aqui não tratam de análises institucionais e nem estão localizadas no campo das instituições públicas, como hegemonicamente se mobiliza a categoria de juventude negra na maioria das pesquisas acadêmicas.

Trata-se de uma política do cotidiano que é exercida pela necessidade da mobilidade urbana. Esses deslocamentos muitas vezes condicionados à busca por momentos de lazer e mesmo de determinação de arrendamentos financeiros, grande parte da vida social e mental de jovens negras (os) nas cidades brasileiras.

Diante de tantas questões a serem levantadas, era comum na trajetória desta pesquisa deparar-se com imbricações coletivas tão próximas como distantes da realidade ao qual nos encontramos. Foram muitas as ocasiões em que a cidade surpreende qualquer pessoa, como nos dias em que me encontrei sendo salvo de baculejos de policiais militares por estar acompanhado de pessoas brancas ou mesmo quando me deparei com um Policial Militar “conhecido do tempo de criança” que durante a abordagem policial me reconheceu e me liberou enquanto abordava um outro grupo de jovens com bastante truculência.

²⁰ Categoria êmica utilizada por jovens negros e negras oriundos de favelas para designar o espaço em que vivem, residem e ou nascem.

É preciso ser artista para ser negro e jovem vivenciando as liberdades que o espaço urbano tem a oferecer. Tem que estar quase sempre esperto e atento para não cair na cilada do despreparo. São muitas as questões que atravessam esse corpo marcado por essas diferenças que tornam esses sujeitos tão frágeis como passarinhos ao serem capturados por caçadores. Mas não só os caçadores apresentam cotidianamente os perigos que exigem a malandragem necessária para sobrevivência nas cidades, é preciso estar confiante e seguro para se manter à espreita da possibilidade de se movimentar de um lugar para o outro.

Baseando nessas breves considerações fui percebendo que algumas técnicas de pesquisa planejadas não seriam possíveis de serem aplicadas diante do universo ao qual eu estaria mergulhando agora como pesquisador e não mais apenas como cidadão que usufrui do direito à cidade. Acredito que em alguns pontos específicos desta etnografia seriam profundamente aproximadas da realidade se eu pudesse entrevistar o máximo possível de jovens negros do sexo masculino durante minhas visitas ao Poço da Draga, mas essa condição não era possível para mim enquanto homem negro jovem mesmo embora me apresentasse como pesquisador ou como antropólogo que renderia muita conversa sobre dinossauros e fósseis.

Entrevistar um semelhante que é desconhecido seria profundamente perigoso nas condições ao qual me eram concedidas. A utilização da câmera por vezes diminuía os impactos causados pelas distâncias que os processos inerentes à modernidade da construção dos indivíduos nas cidades revelavam. O auto-ódio é parte de uma conquista do pensamento capitalista de disputa por privilégio e *status* atribuídos aos domínios de dimensões simbólicas nas cidades por jovens negros, sobretudo do sexo masculino.

Mesmo que muitas vezes sejam atribuídas características depreciativas para esse movimento, muitos desses processos condicionam jovens negras e negros a saírem das periferias e favelas das cidades onde residem para “disputar” políticas públicas, ter acesso à cultura, esporte e ao lazer, exercer cidadanias em relação às ausências e transformações da vida mental e financeira e também do emprego da dicotomia carregada na pele da in segurança pública no cotidiano dessas cidades. É oportuno então, apresentar brevemente as dinâmicas e interações que se fazem presentes no cotidiano.

Mobilidade urbana e (in) segurança pública

Durante os finais de semana a Praia toma-se como lugar centralizado para diversão e encontros na cidade de Fortaleza. Como demonstrado, as políticas de mobilidade urbana se desenvolvem a partir de algumas possibilidades, sendo elas, a maior utilização se dá via transporte público onde os ônibus são a principal escolha desses jovens para realizarem os seus trajetos até o Poço da Draga.

É bem comum se deparar com cenas inusitadas e também cenas de aventuras constantes na realização desses percursos. Os ônibus que fazem o trajeto da Praia vindo das periferias da cidade normalmente saem de quatro principais pontos: os terminais de integração de transporte público de Fortaleza, que são, o Terminal da Parangaba, o Terminal do Antônio Bezerra, o Terminal do Papicu e o Terminal do Siqueira. Esses quatro terminais de integração fazem a ligação deste ponto da Praia com a grande maioria dos bairros distantes da Orla de Fortaleza. Três outros terminais não ligam diretamente aos trajetos que se findam lá, que são os Terminais do Conjunto Ceará, Lagoa e da Grande Messejana.

Nesses percursos algumas linhas de ônibus circulam, sendo uma delas uma ligação entre quase todos esses terminais. O 51 e o 52 cruzam a cidade de Fortaleza em sentidos opostos, literalmente eles rasgam a cidade num grande círculo que envolve grandes avenidas que ligam a cidade. Sendo que jovens, trabalhadores e demais transeuntes na Praia que saem principalmente do Terminal de Messejana, Papicu e Antônio Bezerra são usuários dessas duas únicas linhas de ônibus.

Algumas outras linhas de ônibus fazem percursos que findam no caminho do Mar. São o 071 (Antônio Bezerra / Mucuripe), 073 (Siqueira / Praia de Iracema), 077 (Parangaba / Mucuripe). Dentre todas elas os trajetos mais conhecidos foram o da linha 077 pois esse terminal de integração se liga a regiões periféricas ligadas aos primeiros espaços construídos para a localização de bairros de trabalhadores da cidade e depois de ocupações urbanas de

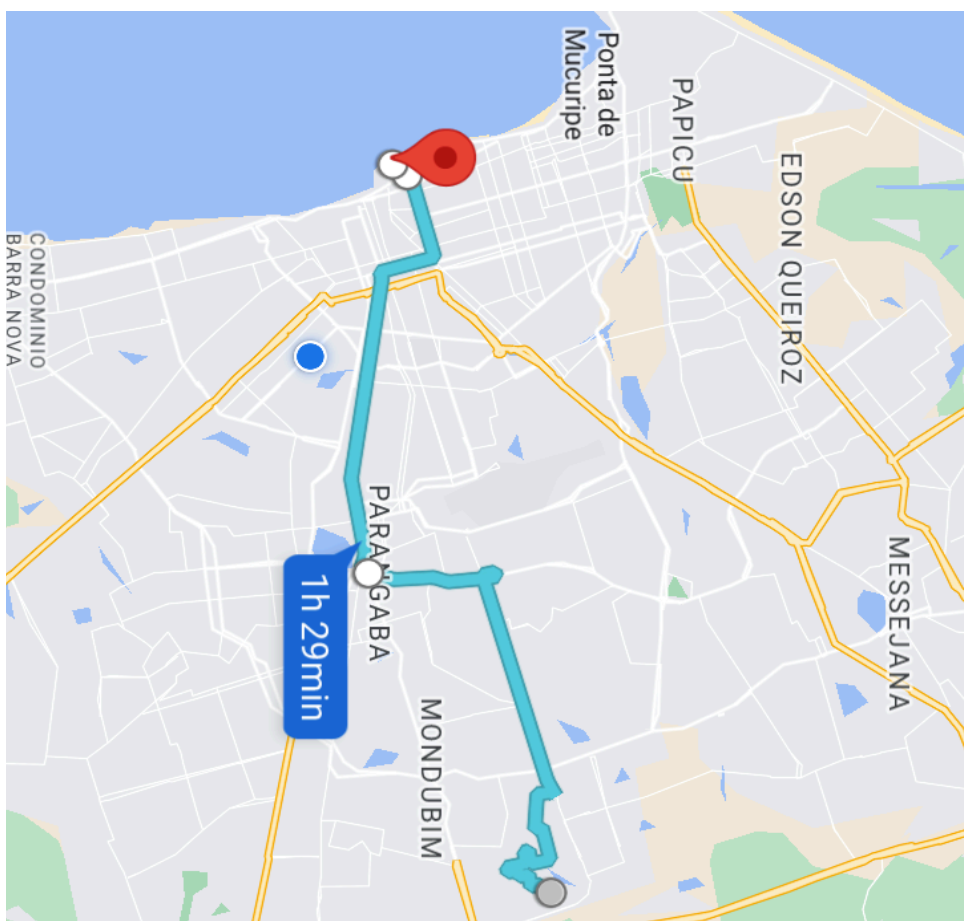
trabalhadores sem teto. Ocasionalmente, de onde partia sempre quando me deslocava pela cidade.

Mapa 03: Trajeto de saída do espaço até o Poço da Draga.

Fonte: Mapa extraído do Google Maps, Paulo Henrique Ferreira, 2023.

O Mapa extraído do Google Maps traça o caminho percorrido pelo transporte coletivo saindo do bairro que eu nasci e me criei na cidade de Fortaleza que está presente no início desta pesquisa passando pelo Terminal da Parangaba e seguindo até a Praia do Poço da Draga. É possível observar outros dois pontos inexatos de Terminais do Papicu e da Messejana. O Terminal do Antônio Bezerra se localiza à esquerda do Mapa pouco depois do ponto azul e o Terminal do Siqueira fica um pouco próximo ao Terminal da Parangaba havendo linhas de ligação entre os dois Terminais.

Os Terminais eram os primeiros espaços que alertavam o caminho da praia e indicavam quem eram os transeuntes das praias de Fortaleza. Tanto pela presença da Guarda Municipal e de vários fiscais trabalhadores (as) que aguardavam o embarque dos (as)



passageiros (as) nos ônibus garantindo a entrada prioritária das pessoas que possuíam o direito à prioridade de assento e embarque nos transportes coletivos até mesmo pela repressão de jovens que eram continuamente selecionados de maneira “aleatória” anteriormente a realização dos embarques.

Presenciar esses fatos eram sempre possibilidades de dar tudo errado para essa pesquisa. Eu era um semelhante àqueles que eram sempre “selecionados aleatoriamente”. Eram sempre os primeiros indícios de que estar na rua e estar a caminho da Praia era um perigo constante. Nas filas do 077 pude então perceber que as dinâmicas de mobilidade urbana estavam diretamente relacionadas aos mecanismos de controle da segurança pública que possuem suas marcas de um capitalismo colonialista, racista e sexista.

Estabelecer parâmetros rigorosos de controle social urbano para usuários desses transportes que estavam plenamente dispostos a se divertirem a baixos custos pela cidade se transformava na primeira possibilidade de causar constrangimentos para esses sujeitos e apareciam sempre as primeiras negações de direitos na gestão do espaço público de Fortaleza.

Era muito comum ouvir reclamações por parte de pessoas que mais apresentaram reações de repulsa para com aquelas pessoas do que necessariamente reclamações de estarem tendo seus direitos violados. Não conseguia de nenhuma forma compreender como a alegria de quem utiliza os mesmos serviços públicos funcionava como elemento de negação de direitos para outras pessoas que utilizavam os mesmos serviços públicos.

A insegurança como fenômeno cotidiano é revelada quase que diuturnamente contra esses corpos, se demonstrava cruel e desproporcional no cotidiano dos finais de semana nesses Terminais de Integração. As pessoas que buscavam realizar o embarque nos coletivos durante o trajeto são constantemente classificados por uma espécie de política do olhar muito presente no espaço público, onde se for preto e se “parecer vetim”²¹ é a escolha certa para muitos trabalhadores responsáveis pelo transporte público “queimar as paradas”²².

A considerar a baixa circulação de outros meios de transporte principalmente aos domingos era possível visualizar os grupos de jovens que utilizam as bicicletas para realizar os percursos até a Praia. Quase sempre grupos de pessoas ciclistas que se locomoviam de locais nem tão distantes da localização da Praia mas também pessoas que vinham de locais

²¹ Classificação usual para características performáticas e de composição de vestuários de jovens negras (os) e periféricos em Fortaleza. “Vetim” vem do termo “pivetim” que, por sua vez, deriva de “pivete”. Vetim é regional.

²² Classificação utilizada quando os motoristas de transporte público não estacionam nas paradas seletivas para embarque de passageiros.

distantes. Busquei realizar os percursos apenas poucas vezes visto que até a Praia dava em torno de 16 Km de distância de ida e a mesma distância de volta. Era como realizar uma maratona todo domingo se eu fizesse isso.

As estéticas coletivas e as improvisações realizadas nas grandes avenidas de Fortaleza marcam essas aventuras. O sol marca também quem pretende realizar esses percursos. porém os ventos assumem papel fundamental no equilíbrio de calor da cidade ou melhor nas avenidas abertas para a Praia como a Avenida João Pessoa que vem da Parangaba, a Avenida Leste Oeste que vem do sentido do Antônio Bezerra e as ruas seguintes que dão sentido ao lado do Papicu, Messejana e Mucuripe, quem garante a possibilidade de ser uma boa experiência é o próprio Mar e a sua produção de ventos.

Outros meios de transporte são bastante utilizados como veículos próprios e veículos de transporte alternativos e de aplicativos que tem tomado grande parte do mercado quase extinto dos taxistas e mototaxistas. Apesar de diminuir um terço do tempo de uma viagem realizada pelos transportes públicos, tomam outras características na gestão desses espaços públicos.

Saúde mental e vida financeira

É incomum que nas dinâmicas das cidades urbanas brasileiras não existam imagens de pobreza e miséria convivendo ali diretamente com as paisagens de prazer e delícias produzidas pela urbe. A pobreza e o luxo convivem nos mesmos lugares do tecido urbano e isso afeta os imaginários das juventudes negras de uma maneira muito particular. As imagens de pobreza carregam em suas construções estéticas - políticas dois marcadores sociais da diferença que são centrais e quase permanentes, raça e território. Embora os marcadores de idade e gênero não sejam fixos elas também contribuem para uma autodefinição coletiva de estereótipos da pobreza nas cidades.

Esses marcadores se revelam através da intergeracionalidade presentes na formação de famílias negras faveladas e ou de comunidades urbanas que são expurgadas de forma cruel e humilhante das dinâmicas mais básicas como a possibilidade de ver os (as) seus filhos (as) frequentarem a escola, de garantir uma alimentação com qualidade, de irem em um parque em um dia qualquer ou mesmo de comemorar alguma data especial, até as mais complexas da vida social comunitária.

Não são herdeiros da miséria como convencionalmente ousam chamar crianças negras pobres e nem são reprodutores de miseráveis os homens negros e as mulheres negras pobres que sonham em ser pais e construir uma família. São famílias negras espoliadas de capital financeiro que maltratam crianças negras, homens negros e mulheres negras e reproduzem em si a miséria formando jovens negros (as) destituídos de auto-estima e exemplares para se instruírem em coletivo.

Jovens negros (as) que sonham e passam a enxergar a liberdade pelo resultado da ausência constante. Tudo que os negam eles passam a almejar alcançar e constantemente esses jovens racializados de maneira subalterna recebem como única moeda de troca pelas suas existências diversas formas de assassinatos precoces nas metrópoles brasileiras.

Aprisionados pela guerra constante de não serem confinados pela pobreza, jovens negros (as) criam suas próprias estratégias de sobrevivência principalmente através da busca por acúmulos de capital. Esse acúmulo de capital não pode de maneira alguma ser compreendida com as ideias de acumulação primitiva mas deve ser entendido como uma maneira de “contrariar a estatística” (RAMOS, 2021) mesmo que o maior risco dessa estratégia seja tornar esse jovem negro uma estatística.

Viver nas cidades brasileiras e grandes capitais tem se tornado um alto custo de vida. Não apenas para uma vivência plena com todas as garantias de direitos públicos e privados, até mesmo para pessoas que têm reduzido os custos de vida tem se tornado cada vez mais difícil pensar a sobrevivência como apenas um aspecto da vida financeira. Os altos índices de adoecimentos psíquicos têm cada vez mais se refletido entre os jovens negros, sobretudo do sexo masculino. Não relacionar esses dois aspectos diretamente também pode ser um erro de análise. É necessário que se compreenda a localização da pobreza na produção de adoecimentos variados na urbe.

A produção de riquezas nas cidades precisa ser distribuídas de maneira em que jovens negros (as) não apenas contribuam para a circulação de capital financeira mas que participem ativamente dos ativos de suas produções. É cada vez mais necessário compreensões amplas para as condições psíquicas de viver no espaço urbano. A distinção entre pobreza e riqueza afeta diretamente a construção de imaginários de jovens negras (os).

A circulação de capital na cidade ao determinar quem pode e quem não pode acessar determinados espaços torna-se mediador central de políticas de micro-segregação, mas não apenas, se considerarmos as condições impostas para jovens negros (as) podemos estabelecer

que marcadores sociais da diferença de raça, idade, território e gênero estão profundamente interligados ao dinheiro e aos exercícios de sua utilização.

Um jovem negro e ou periférico que “pula a catraca do busão” não comete uma infração e sim apresenta uma proposta prática de como resolver uma questão de direito à cidade. A criminalização desta prática²³ impossibilita-nos de enxergar de fato qual é a centralidade do ato de pular a catraca. Aquela roleta que media o ato do passageiro trocar o seu direito de passageiro pela moeda do dinheiro negocia se aquele sujeito possui ou não o direito de realizar a continuidade do seu percurso.

Percebemos então que a condição financeira de circulação de pessoas no espaço público toma o lugar de controle social urbano. Seria inimaginável acreditar que algo que seja proibido de realizar e participar do básico da vida urbana consiga se manter calmo e ordeiro. O jovem negro (a) tem então duas opções para resolução desta proibição, obedecer e aceitar que é sim um criminoso ou não aceitar as condições e negar para garantir seu direito de participação social da vida urbana.

Essas imagens políticas que se constroem no cotidiano entre a pobreza de muitos e a riqueza de poucos configuram então na construção de uma raiva iminente entre jovens negros (as). Uma raiva que também é sustentada pela ausência de direitos e antes de tudo pela negação de uma existência plena de condições de vida necessária para exercício de suas cidadania mutiladas.

Lazer, arte, cultura e consciência crítica

As viagens realizadas no espaço urbano que foram descritas aqui como formas de habitar e de transitar pela cidade em busca de direitos apresentam-se sobretudo baseadas nas políticas de lazer. Aproximar o tempo de vida livre dessa juventude é uma possibilidade extensa e necessária para formação política de jovens negras (os).

As distinções realizadas no espaço urbano, sejam elas entre a mobilidade urbana e a insegurança pública ou entre saúde mental e vida financeira, são manifestadas por meio da produção artística e cultural dessas pessoas no cotidiano e se reproduzem conscientemente como uma crítica fundamental de uma sociedade excludente e racista.

²³ Vale ressaltar que, nos ônibus estão presentes diversos comunicados de que esta prática configura-se em crime.

As mesmas imagens, mapas, poesias, músicas, performances e demais criações são plenamente executadas por toda a cidade. É possível enxergar durante todo esse percurso a criatividade como arma de resistência a processos de autoconstrução de direitos. Jovens negras (os) se opõem a sua exclusão e constroem seus próprios espaços de lazer por meio de uma redefinição de suas culturas pela busca da aproximação de suas linguagens artísticas e políticas.

A distribuição de empregabilidade no mercado de trabalho e as suas distinções afetam também a constituição desses espaços. É perceptível que as variações internas de tipos de empregos exercidos por cada jovem produz suas diferenças na cidade. O jovem que trabalha com arte e cultura é um sujeito que se diferencia e consegue comunicar os seus iguais para uma busca de autoconhecimento profundo de reflexividade e posicionamentos.

O (a) jovem que atua no mercado de trabalho formal tem ali a possibilidade de acessar espaços de lazer que são caracterizados pelo consumo. O (a) jovem que atua no mercado de trabalho informal, no entanto, mesmo com as dificuldades da informalidade também se faz presente nos espaços de lazer. É necessário atentar-se aos jovens que não acessam nenhum dos mercados de trabalho e são então excluídos de qualquer possibilidade de lazer.

Mesmo que seja usual a descaracterização dessas ocupações de lazer, arte e cultura por um sentido de ostentação é perceptível que é incomodante que a sociedade veja um (a) jovem negro (a) simplesmente bem, com saúde mental e vida financeira saudável. Essas óticas se entrelaçam também aos próprios sujeitos participantes de uma necropolítica que afirma que a única possibilidade de ser um jovem negro (a) seja por meio da precariedade de condições de existência.

O jovem que vive na cidade, que vive a Praia aos finais de semana, no entanto, busca para si e para os seus amigos, familiares a dignidade de se viver bem. Esse trânsito realizado cotidianamente pelos espaços sejam eles quais forem é uma demonstração da qualidade de vida dessas juventudes que em si são também distintas através de suas práticas, manutenções e características ideológicas.

Mesmo que nem todos os (as) jovens frequentem a Praia com os mesmos objetivos e finalidades para estarem ali, ainda é perceptível que a busca por um descanso e pelo lazer são mediadores da habitação e da transitoriedade pela mobilidade urbana. A produção de consciência crítica entre esses jovens apresenta diversos marcadores de diferença e mantêm a partir da ideia compartilhada entre iguais o estranhamento da raça. A raça ou a negritude

ocupada e manifestada no espaço urbano por esses jovens possuem características e fenômenos próprios de distinção de suas experiências.

Vejamos então em seguida algumas construções de interpretações críticas, artísticas e políticas sobre o espaço urbano por jovens negras (os) artistas da cidade de Fortaleza.

[sábado]

Talles Azigon

o sol imprime a pele da cidade
uma melodia sai dos pneus dos ônibus
rasgando o asfalto
escorrendo entre passageiros de moto táxi (*uber*)*, ciclistas e pedestres
FORTALEZA IS BURNING

na praia dos *crushes* (*ou da Draga*)*
garotas e garotos paqueram no mar
mãos submarinas encontram partes submersas
submergem
alcançam do fundo das águas
os altos dos céus
FORTALEZA IS BURNING

três garotas esquecem
dentro de um quarto de motel
o ontem,
sempre com 17 anos, ariana
FORTALEZA IS BURNING

alguém quase morre afogado no futuro
alguém atravessa o rio a nado na Sabiaguaba
alguém abre uma cerveja na barra
meninos negros com cabelos loiros
descem as ruas da Sapiranga
pegam um buzão em rumo da praia
FORTALEZA IS BURNING

suor desce o dorso de jogadores de futebol em campinhos do José Walter
amigos fazem café
depois do mais corajoso ir comprar pão
naquela padaria por de trás da avenida C
uma pessoa chora
mesmo com todo excesso de luz solar
uma pessoa chora nos fones de ouvido
pouco importa se
mateus fazem rock*, dona leda,
aviões, *katy perry*, *kondizika*
cannibal corpse
o sábado acontece por todos os lados
FORTALEZA IS BURNING

Interlúdios às águas Atlânticas de jovens negros/as em Fortaleza

Fortaleza *is burning* ou *in burn*²⁴ é sobretudo uma composição poética sobre as distintas cidades que formam Fortaleza. Transformada posteriormente em música, em performance, em dança, em grafite e em todas as outras possibilidades estéticas que vêm sendo alcançadas e desenvolvidas através da arte de excelência negra em Fortaleza. Como movimento artístico contemporâneo essa linguagem se alicerça dentre as filosofias da ancestralidade e as técnicas de resistência cotidiana.

Essas transformações carregam não apenas as variações estético poéticas que um poeta ou que um autor criou e disseminou através de círculos de leituras chamadas de Saraus - coletânea de livros poemas - que são muito mais que poemas e que não é coisa de adulto mas é sempre coisas de jovens e de velhos. Elas são transformadas a partir de movimentos de correntezas fluídas que foram pouco a pouco se interligando em coisas bem maiores. Nos sarais as experiências de jovens negros e periféricos se manifestam como meio de letramento político coletivo e organizado (SILVA, 2019).

A narrativa da cidade expandida corresponde aos circuitos emaranhados de lugares simbólicos de narrativas de apropriação do espaço urbano por parte de jovens negras e negros nas periferias da cidade de Fortaleza. Há um transporte mediado pela dificuldade de movimentar-se entre os asfaltos rasgados pelos ônibus e suas sinfonias, as ruas da cidade, as ciclovias e ciclofaixas e mesmo as ruas, becos, vielas e avenidas que são ultrapassadas pelos *moto-uber*.

Há um desaguar quase que espontâneo no Mar. Há uma busca por coisas que parecem inexplicáveis nesses lugares. Uma dialética entre o prestígio de um lugar e a precariedade de outros lugares. Existe a emergência de contra narrativas de insubordinação coletiva que denuncia na prática autoridades abusivas de negação de existências, somente a partir dos corpos dessas pessoas que se mexem no meio da cidade em seus meios de transporte.

Não poderia deixar de mensurar o tamanho da riqueza que tenho e carrego comigo por meio de uma comunicação (mídia / meio) de repertórios musicais e poéticos produzidos por jovens negras/os na cidade de Fortaleza. Na contemporaneidade desses corpos que compartilham suas vivências com acertado teor crítico e afetivo por um lugar comum, a Fortaleza *is burning*.

²⁴ A variação e as mudanças tanto na poesia [sábado] conta com a graciosa permissão risonha de seu autor. Um poeta que ri e que sonha, para que nunca esqueçamos a poética de risada frouxa de Talles Azigon.

As composições de Mateus Fazeno Rock, Luiza Nobel, Nego Gallo e Mumutante, aproximam esse estudo entre referências que são necessárias para essas existências coletivas. Em boa parte da execução desses caminhos de escrita e de pensamentos foram essas manifestações poético-políticas que guiaram as escolhas e as imaginações sócio-políticas.

Existe um entrelaçamento entre o corpo, a voz, a textualidade e as experiências desses jovens que torna exatamente possível a expressão dessa busca através de suas composições musicais e intelectuais, a partir de um repertório de situações vividas cotidianamente que são transformadas em música, álbuns, trabalho, renda e identidade. Tomadas ao lugar de constituição de co-teorizações estão presentes no título desta pesquisa por conter significantes contribuições para a construção deste território apropriado pelas negritudes jovens e seus saberes construídos na contemporaneidade.

A primeira delas é a Missa Negra, que Mateus faz esse rock assim:

Domingo na praia, comigo na praia
Domingo não, não tem busão
Não há justiça mas tem sol e calor (...)
Pula a catraca, mantém decência
Praia lotada, segue a sequência.

(Missa Negra, Mateus Henrique Ferreira do Nascimento).

Podemos iniciar este trajeto com a percepção do corpo de quem visita às praias aos domingos e do território de quem visita às praias aos domingos. A característica de sua não regulação e de sua incessante busca pela identidade no espaço urbano que nos leva à praia, há uma intermediação nesse processo que é realizada pelo ônibus e pelo transporte público. Eis então, nosso primeiro grande problema num domingo ensolarado.

Diversas noções coletivas de como os corpos devem se comportar em determinados espaços públicos na cidade, sendo elas, a garantia do silêncio durante o trajeto e a comodidade do transporte. Nenhuma dessas duas noções podem exatamente ser aplicadas nesse universo e isso não possui nenhuma relação com quebras de protocolos. A questão é que os protocolos nessas situações não são mais pré-estabelecidos e possuem diversos pontos a serem elencados e descritos.

A ruptura com esses protocolos de comportamento, tomam características quando contextualizados com noções geracionais e ainda mais através de seus repertórios musicais. Algumas noções trazidas pela música Missa Negra, são importantes para exemplificar a ideia

de corpo emancipado elaborado por Nilma Lino Gomes (2019). São corpos que buscam através da insistência de apropriação do espaço urbano e constituição de significados não apenas estéticos, mas também políticos de elaboração de identidades que são compartilhadas pela formação destes territórios negros e periféricos através dos múltiplos encontros nestes espaços.

Seguindo nosso trajeto pela cidade, nos deparamos com a Mumutante, que lança:

Sinto que algo está por vir ou melhor, sinto que algo está pra voltar
A mesma angústia é sentida o pesar
nos ombros ameaça o encontro brusco entre o lábio e o chão
fico leve, e isso é só o tempo entre um baculejo e outro.
(Baculejo, Mumutante).

Passamos então, a perceber que não são exatamente as rupturas de comportamento pré-estabelecidas que compõem o restante do percurso. E sim os mesmos fatores de construção do início desse percurso: o corpo, o território, o gênero, a idade e outras *diferenças*. Os baculejos, são conhecidos também por abordagens policiais e seguem diversas características específicas nas grandes cidades que podem ser pontuadas como, questões inerentes a seletividade racial e aos padrões de busca por “corpos considerados suspeitos”, onde esses fatores configuram a colocação de Muriel Cruz em seu repertório.

Ainda que tenhamos que desviar dessa imagem de controle (BUENO, 2020) e dessa imagem de perseguição muitas vezes isso não é possível. *A mesma angústia é sentida o pesar*. É parte inerente de ser negro em qualquer lugar do mundo porque te colocam no mundo e quando você percebe você já foi escolhido como o inimigo. Não adianta se comportar direito como manda a cartilha dos pré-estabelecimentos, pois você sempre será o inimigo que precisa ser combatido e humilhado.

Fico leve. É possível perceber que mesmo os corpos menos adestrados ainda sentem o mesmo peso que os outros. Mais uma vez, a identidade precisa ser lembrada aqui. Pois nesse repertório há nuances sutis de compartilhamento de vivências e de categorias que podem sempre ser trazidas à tona para que rapidamente um conjunto de pessoas possam compartilhar suas experiências. Parece mágica, algo assim, mas percebemos que é uma tristeza que isso não possa ser resolvido com magia. Mesmo não existindo a tão falada *fórmula mágica da paz* é possível criar algumas estratégias.

Não que se finde, porque sempre possuem continuidades. Mas ao reencontrarmos Luiza Nobel e Carlos (Nego) Gallo, chegamos há um outro ponto do caminho,

Ficar junto de novo
Luz, consciência ao meu povo
Let's burn! Let's burn!
(*Let's burn*; Luiza Nobel; Nego Gallo).

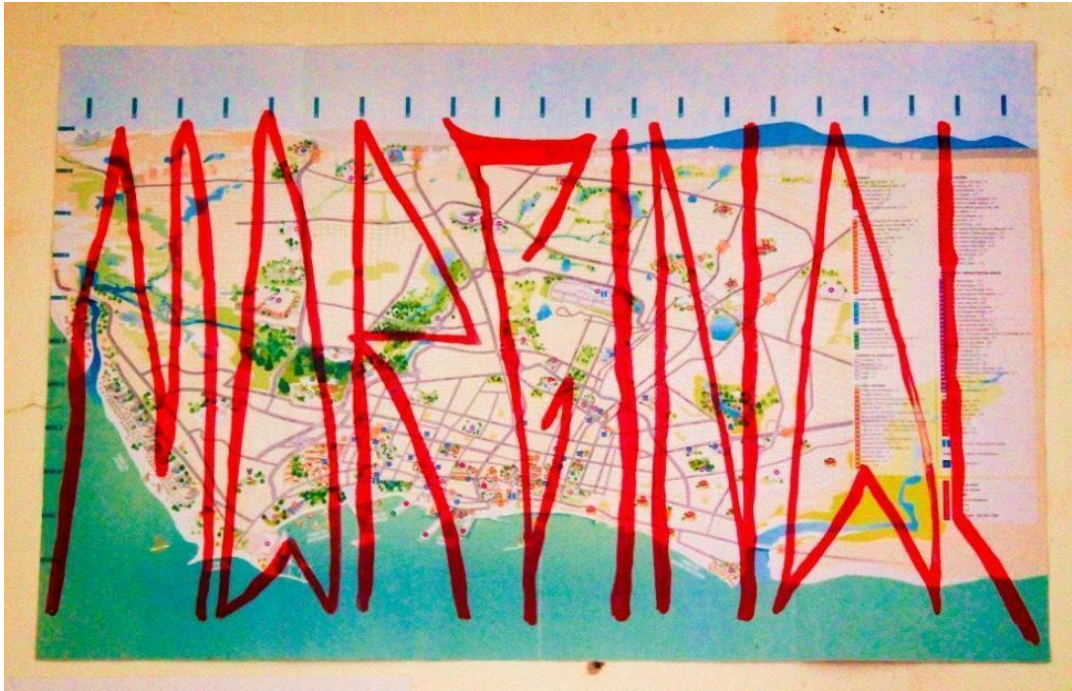
A *Fortaleza in burn* tem sido construído como projeto autônomo e criativo, principalmente organizado por jovens negros/as construtoras/es da arte e cultura da cidade nas periferias e centros culturais de Fortaleza. Para Stuart Hall, “na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas” (2003, p. 27), pois é possível perceber que mesmo com essa multiplicidade de experiências que o espaço urbano ou a cidade nos causa, ainda existem pontos de conexões que podem ser trabalhados a partir de duas ideias centrais, que são a produção de sociabilidades e as suas interações internas desse grupo social e a produção de pertencimentos subjetivos e materiais na cidade.

Trouxemos esse repertório aqui devido tanto às possibilidades criadas no contexto dessa pesquisa que nos permite realizar caminhos pela cidade sempre com fone de ouvido e compartilhar essa experiência com muitas pessoas diferentes e próximas ao mesmo tempo. Esse espaço urbano passa a ser formado pelo compartilhamento de identidades, o que nos leva adiante para diversas outras discussões. E são essas identidades que geram fluxos, cruzamentos e trajetos tão ricos e poderosos de sabedorias de existências contínuas.

Ainda para Stuart Hall, é importante lembrar de seu questionamento em “quem é o negro da cultura negra? (2003)”, em que aponta algumas ideias que são fundamentais de serem sistematizadas, como a constituição dos repertórios dessa *cultura negra popular*. O que abordamos rapidamente aqui é como essas músicas, poesia e literatura negra criam e reinventam as existências de jovens negros/as na cidade de Fortaleza. São essas experiências que permitem a profundidade dessa pesquisa.

Outros elementos referenciais desse pensamento crítico acerca da cidade de Fortaleza estão presentes na elaboração de *mapas artísticos* que promovem uma série de reflexões profundas e fundamentais para refletir sobre a constituição desses espaços urbanos. Durante esse percurso de investigação conheci duas obras visuais que utilizam mapas para pensar uma cidade excludente e racista.

O primeiro deles foi a obra “Fortaleza Marginal”²⁵ da artista visual Maria Mataglau que ao se referenciar sobre mapas antigos de Fortaleza buscam estabelecer uma espécie de grito coletivo de denúncia desses processos de exclusão e gentrificação das Praias através da utilização de letras garrafais em caixa alta chamadas por MARGINAL.



Mapa 04: Mapa artístico - Fortaleza Marginal.

Fonte: Maria Mataglau, 2022.

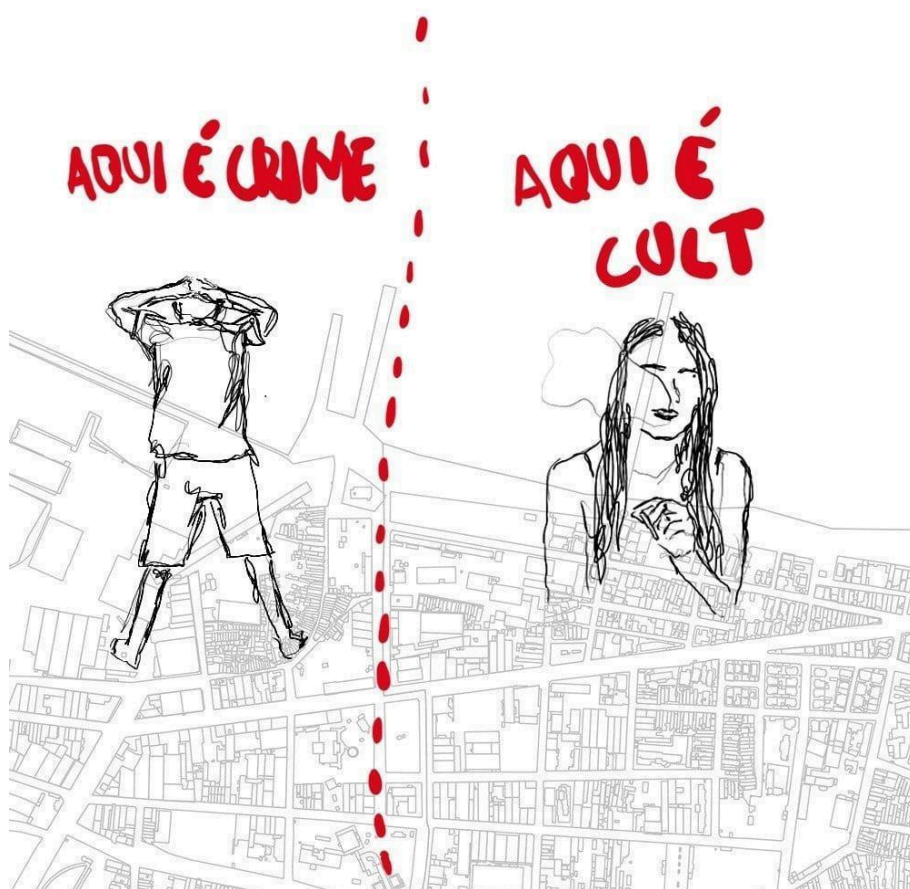
Colocado então durante uma exposição de artistas negres para a realização de um leilão de obras, deparei-me com esse trabalho extremamente reflexivo. A obra que estampava as paredes de um restaurante da cidade de Fortaleza localizada em um bairro universitário lembrava da presença cotidiana de pessoas pretas e faveladas que são constantemente levadas à condição de marginalidade.

Ao abordar uma extensão territorial que compreende as faixas do litoral da cidade remete também aos espaços em que a presença de comunidades-favelas habitam os mesmos espaços que hoje se reinventa a partir da elitização e dos altos custos de vida através da especulação imobiliária que disputam os lugares de gentes negras e faveladas no tecido de

²⁵ Agradeço enormemente a disponibilidade da artista visual e multilinguagem Maria Mataglau por permitir prontamente a utilização de sua obra nesta pesquisa. A sua contribuição imagética tornou possível uma convergência entre essa pesquisa e a reflexão de muitos (as) outros artistas visuais da cidade de Fortaleza.

formação da cidade. São comunidades-favelas que estão continuamente afirmando resistência através da existência de práticas coletivas e de seus saberes.

O segundo mapa apresenta características semelhantes apesar da utilização de técnicas mais próprias da artista e arquiteta urbanista Cristiellen Rodrigues através de seu projeto *mentindo sobre mapas*²⁶. Tanto as ideias de micro-segregações como a identificação compulsória de corpos marginalizados aparece também com a criminalização das práticas exercidas por esses grupos sociais em espaços apropriados por essas pessoas e comunidades-favelas.



Mapa 05: Mentindo sobre mapas: Aqui é crime | Aqui é cult.

Fonte: Maria Cristiellen Rodrigues, 2021.

Em sua obra que divide em dois territórios diferentes da Orla Marítima da cidade de Fortaleza, sendo eles, de um lado as praias habitadas majoritariamente por pessoas negras e faveladas que compreende os bairros Moura Brasil e Poço da Draga e do outro lado os

²⁶ Agradeço também a Cristiellen Rodrigues pela sua pronta cessão de sua obra para compor esta pesquisa. Destaco ainda a importância de suas pesquisas que vêm sendo realizadas sobre a constituição do racismo a partir das dinâmicas fundiárias no espaço urbano de Fortaleza.

espaços apropriados pela elite alencarina que abarcam os espaços públicos da Praia de Iracema.

As marcas dos corpos e das comunidades tracejadas por uma linha vermelha indicam os limites de separação de pólos divergentes a partir de seus compostos significados tanto de apropriação como de habitação do espaço urbano. São limites invisíveis que só podem ser capturados por meio de uma investigação que leve em consideração as narrativas subjetivas de jovens negras (os) que cotidianamente transitam nesses locais.

As composições poéticas, musicais e visuais traduzidas aqui nos informa uma grande preocupação constante das metrópoles brasileiras, a condição de subalternidade de sujeitos e grupos coletivos e sua permanência nesses espaços. Elaboram pensamentos coletivos de compreensão mútua dessas condições de existência e ativam processos de criação que são mediados não apenas pela exclusão de seus corpos e de seus territórios, mas que redefinem seus próprios conceitos e modos de habitar e transitar na cidade de Fortaleza.

Ao compreender a importância desses materiais de análise e de reflexão contínua podemos estabelecer critérios próprios de diálogos de co-teorização e de apropriação de saberes endógenos de artistas e criadores (as) negras (os) que demarcam as suas próprias práticas de insurgência e de redefinição de suas diferenças manifestadas através do racismo e de práticas de intervenção sobre o próprio racismo.

Nesse espaço - tempo cabe destacar ainda a fruição de perspectivas que são levantadas nesse processo que se debruça pela ideia de presente ou mesmo de contemporâneo, mas também de produção de familiaridades reconhecidas pelos estranhamentos causados por essas diferenças e as suas características de manifestação no espaço urbano de Fortaleza. Seria então inevitável adiar a presença dessas criações como contribuições para formulação de um pensamento crítico sobre o cotidiano de jovens negras (os) na cidade de Fortaleza.

Parte 3 - Tudo começa aqui e nada termina aqui na Praia de Iracema²⁷: dialética de narrativas transatlânticas no Poço da Draga



Fotografia 09: Ponte velha do Poço da Draga em 1935.
Foto de Robert S. Platt / Biblioteca da Universidade de Wisconsin-Milwaukee.

As memórias de resistência na Comunidade do Poço da Draga estão entrelaçadas a diversos componentes construtores dessas lembranças, como os seus diversos lugares, as próprias pessoas²⁸ e o tempo que aparece também como mediador dessas recordações. Durante uma intervenção política realizada no dia 05 de março de 2023, que defendia a livre utilização do território da Praia pelos trabalhadores da comunidade que haviam sido proibidos de realizar atividades comerciais na praia. Uma moradora e liderança comunitária, afirmou:

Nós somos o começo. O Poço da Draga não é o final da beira mar e ela não é o final da Praia de Iracema. Ela é o início, porque tudo começou aqui. Tudo começou através desse primeiro Porto de Fortaleza e a comunidade do Poço da Draga é oriunda desse Porto. Nós chegamos primeiro, nós colocamos os primeiros tijolos aqui, então, a praia de Iracema em si não termina aqui no Poço da Draga, ao contrário ela começa aqui, tudo começa aqui e nada termina aqui.

Cássia Vasconcelos, 2023, Poço da Draga.

A comunidade do Poço da Draga afirma que sua existência se dá há 117 anos e se estabelece em Fortaleza como uma das principais potências de existência e resistência coletiva. A ligação entre a Ponte e a Comunidade é o principal elo de memorização da presença desses moradores nessa região da Praia de Iracema. As políticas de memória

²⁷ Trecho de falas públicas e de entrevista realizada com Cássia Vasconcelos, mulher negra e articuladora social da Comunidade do Poço da Draga.

²⁸ Para saber mais sobre os memorialistas do Poço da Draga, ler: KARDOZO, Felipe Camilo. **Comunidade visível: Narradores de imagens e memórias do Poço da Draga.** Tese de doutorado em sociologia, orientadora: Glória Diógenes. Universidade Federal do Ceará, 2021.

correlacionam-se diretamente com a produção de identidades nas cidades brasileiras por meio de construções de identificações comunitárias em processos de lutas individuais e coletivas.

A Ponte Metálica foi inaugurada oficialmente no ano de 1906 quando se concluíram as suas obras de construção e tornou-se então o primeiro porto marítimo da cidade e que foi um grande responsável pelo crescimento da experiência comercial de exportação em massa de produtos fabricados no Ceará, como por exemplo, o algodão, o charque e a madeira. Fortaleza passa a ter então uma alta produção econômica a partir das atividades exercidas por esses trabalhadores portuários que passam a desenvolver várias funções no cotidiano do Porto de Fortaleza. No ano de 1929 a Ponte foi reconstruída em concreto substituindo o antigo material que havia sido danificado rapidamente e recebeu o nome de Viaduto Desembargador Moreira da Rocha na qual permanece até hoje, inclusive com as marcas dos trilhos, porém com sua estrutura quase que completamente comprometida.



Fotografia 10: A estrutura de trilhos em funcionamento em 1935.

Foto: Robert S. Platt / Biblioteca da Universidade de Wisconsin-Milwaukee.



Fotografia 11: Marcas dos trilhos da Ponte do Poço da Draga: esquecer e deixar cair?
Foto: Paulo Henrique Ferreira, 2022.

Uma questão muito intrigante é a percepção que as fotografias de Robert Platt de 1935²⁹ nos leva a se questionar, toda a perspectiva dominante e oficial de construção histórica de Fortaleza e do Ceará que afirma com bastante veemência a extinção total da população negra do Estado, porém, por meio dessas fotografias encaramos um cenário totalmente controverso às memórias institucionais que reafirmaram a não existência de comunidades negras neste território.

Essas imagens distanciam a dimensão do tempo posterior ao processo abolicionista por cerca de 49 anos. A abolição no Ceará, conforme afirmam as ilustres memórias cearenses ocorreram em 1984 sendo assim 4 anos antes da assinatura da Lei Áurea pela Princesa Isabel. Conforme as narrativas oficiais, confirmava-se uma quase totalidade de transferências de ex-escravizados e libertos para outras regiões do país até registra-se documentos e artigos de sócios efetivos do IHGB que dizia “no Ceará não tem negros” (Ratts, 2011; Marques, 2013).

Conforme então aos registros de Platt, esses negros não só continuavam existindo mas como também prosseguiram sendo força braçal e fundamental para o crescimento econômico

²⁹ NORDESTE, Diário do. 2023. **Imagens de 1935 mostram Ponte Velha do Poço da Draga em funcionamento como Porto de Fortaleza.** Acessado em: 10 de Setembro de 2023. Acesso em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ceara/imagens-de-1935-mostram-ponte-velha-do-poco-da-draga-e-m-funcionamento-como-porto-de-fortaleza-1.3400731>.

de Fortaleza. Eram os trabalhadores negros portuários que exerciam funções fundamentais para a produção de riqueza das elites cearenses que cresciam aos solavancos através da exportação de algodão e de outros materiais.



Fotografia 12: Trabalhadores descarregam algodão no antigo Porto de Fortaleza, atual Ponte Velha do Poço da Draga.

Foto: Robert S. Platt / Biblioteca da Universidade de Wisconsin-Milwaukee.

Nessa antiga região portuária de Fortaleza que era ocupada por muitos trabalhadores/as ainda se registram atividades relacionadas aos portos marítimos e aos outros ambientes de trabalho que formavam a base social da primeira comunidade da Praia de Iracema, bem como filhas e netas de ex-portuários e portuários na Comunidade do Poço da Draga.

Nós nascemos, a comunidade nasceu através de um amor, eu sou filha de portuário, eu sou neta de portuário com muito orgulho e assim nós temos várias pessoas aqui que ainda trabalham no porto e que a família ela veio oriunda dessa história. A primeira comunidade que surgiu aqui nesta praia de Iracema foi a comunidade do Poço da Draga porque foi através da ponte metálica né, que foi o primeiro Porto de Fortaleza e nós merecemos respeito porque fomos os primeiros.

Cássia Vasconcelos, 2023, Poço da Draga.

Essa conexão entre passado e presente pode ser descrita pela historiadora Beatriz Nascimento, como característica de *continuum histórico*. Seria portanto, esse encontro entre

experiências destas comunidades negras de outros períodos se reencontrando em outro momento, não necessariamente a partir das mesmas práticas mas também marcadas pelas mudanças registradas pelo tempo e pelas imposições do racismo às comunidades negras.

Ela afirma, que: “o grande drama da gente, a grande tragédia, é justamente a perda da compreensão do nosso passado, a perda do contato com o outro. Isso é fundamental” (NASCIMENTO, 1989. In: RATTS, 2009, p. 9). Importante reflexão é trazido para o diálogo, porém, a figura ilustrativa de Chico da Matilde ou José Ferreira do Nascimento denominado por Dragão do Mar pelo Movimento Abolicionista do Rio de Janeiro (na época capital do Brasil) seria uma figura ligada às narrativas encontradas, como:

“Foi nessa ponte que Dragão do Mar o Chico da Matilde falou que não desembarcava mais escravos. Foi nessa ponte e foi nessa praia” ou “Por ter começado aqui a abolição da escravatura através de um pescador, um homem, que tinha sua atividade pesqueira e que entendeu que não era justo que não conseguia viver e aceitar aquela situação e foi daqui também que saiu a jangada pro Rio de Janeiro com os três pescadores na quais foram falar que não queriam que desembarcassem mais nenhum escravo aqui”.

Cássia Vasconcelos. 2023, Poço da Draga.

Outras figuras podem ser incorporadas também nesse processo de complementaridade das memórias de libertação da negritude cearense, como José Napoleão e Preta Tia Simoa que vão também sendo incorporados aos debates públicos e repatriando a memória negra cearense. A ideia de quilombo de Beatriz Nascimento, reflete então sobre a construção social desses sistemas sociais alternativos para as comunidades negras constituídas nas Américas.

A contribuição do movimento abolicionista por parte dos jangadeiros negros cearenses é de inegável teor histórico da memória nacional e mesmo o trilho do trem perfazendo a ligação direta da Comunidade do Poço da Draga ao então Centro político, residencial e comercial de Fortaleza não permite historiograficamente a distância não resolvida de quase 50 anos. Cássia também descreve a importância de se resgatar esses processos históricos para os dias atuais como mecanismos de defesa e de reivindicação de direitos básicos como o direito à moradia digna e o direito de ir e vir.

É muito complicado quando a gente vê essa história querendo ser apagada, essa história sendo sumida e a gente não vai deixar que isso aconteça. Por isso que a gente lutou tanto pra que não houvesse a demolição da ponte, porque tendo a demolição da ponte é justamente acabando com a nossa história, acabando com a nossa identidade. Porque a nossa identidade do poço da draga está ligada à Ponte Metálica, porque nascemos e somos oriunda dela.

Cássia Vasconcelos, 2023, Poço da Draga.

Cássia afirma também que a Comunidade inicialmente se construiria a partir de ligações afetivas entre trabalhadoras de prostíbulos com esses trabalhadores portuários. A Ponte Metálica, no entanto, como fator de ligação dos trabalhadores negros portuários e a construção de um estilo de vida e dinâmica tanto por parte desses trabalhadores do Porto de Fortaleza como pela própria região em que eles passavam a estabelecer moradias próximas aos seus locais de trabalho.

É muito comum essa questão do comércio e o comércio dessas áreas portuárias são os prostíbulos, são os bares então como tinham pescadores, portuários, marinheiros e esses homens trabalhadores portuários acabaram se apaixonando por essas prostitutas desses prostíbulos e consequentemente fazendo casas próximas ao trabalho. Nós ainda temos mulheres que também trabalhavam nesses prostíbulos porque era muito comum.

Cássia Vasconcelos, 2023, Poço da Draga.

O Poço da Draga, nas narrativas encontradas, surge como uma comunidade construída por trabalhadores portuários e trabalhadores (as) na cidade de Fortaleza. As imagens de registro da época apontam um fator racial muito eloquente em sua composição estética que nem as suas características de fotografia em preto e branco possibilitam uma análise ausente dos aspectos fenotípicos de racialidade desses trabalhadores.

As reminiscências históricas ou as continuidades históricas se refletem de maneira muito positiva no presente a partir da produção de uma interlocução fundamental com duas jovens mulheres negras que buscam estabelecer processos de resistência por meio dos elos deixado pela oralidade que é outro fator da dinamicidade das comunidades negras.

Nasci e me criei no Poço da Draga³⁰: Narrativas de bem viver de jovens mulheres negras

³⁰ Citação de entrevista de Bianca Ellen (Buggzinha), 2023.



Fotografia 13: Intervenção política em defesa das trabalhadoras (es) barraqueiras (os) na Praia do Poço da Draga.

Foto: Paulo Henrique Ferreira, 2023.

Viver bem ou bem viver são categorias cunhadas por cosmologias milenares e são reproduzidas pelas mulheres negras brasileiras em marcha para descreverem seus processos de construção de estratégias de superação das desigualdades impostas aos seus grupos de pertencimento. Para uma compreensão dos pontos elencados pelas mulheres negras daqui do Brasil, precisamos compreender que a política do bem viver demanda a necessidade de garantias plenas, como: o direito à vida, o direito à humanidade, o direito à ter direitos e o reconhecimento das diferenças³¹.

As estratégias traçadas pelas concepções de mulheres negras de cá do Brasil reflete uma profunda análise das condições de vida e de direitos das diversas possibilidades de manifestação das diferenças entre a pluralidade das mulheridades negras. Tendo então, profundo comprometimento com as contribuições coletivas das mulheres negras brasileiras em diálogo com as políticas de superação do desenvolvimentismo, das violências, das privatizações, das explorações e da monopolização de saberes e recursos.

A difusão coletiva e individual das ideias de justiça, equidade, solidariedade e bem-estar são noções irrecusáveis para as mulheres negras. Dentro desse panorama de ideias e princípios que são difundidos dentro do universo dessa prática sociopolítica dos feminismos

³¹ Para saber mais, consultar: Carta da Marcha das Mulheres Negras, 2015. Marcha contra o racismo, a violência e pelo bem viver: Documento analítico e declaração. Novembro, 2015: Brasília.

negros, podemos relacionar diversos argumentos presente em narrativas sobre a luta contemporânea de mulheres negras no Poço da Draga.

A Bianca Ellen (Buggzinha), jovem preta e periférica tem transformado a cena cultural a partir do desenvolvimento de diversas habilidades e técnicas no fazer artístico, ela se descreve como:

Meu nome é Bianca Ellen ou Buggzinha, né, como as pessoas me conhecem, tenho 24 anos, sou multiartista atualmente [e] minha principal ocupação é de DJ, mas eu também sou atriz e musicista porque eu toco instrumentos. Cantei pela primeira vez com o Mateus Fazeno Rock, recentemente. Sou artista circense, trapezista. Toco quase todo final de semana assim em vários lugares de noite ou de dia, se me chamar, eu vou. *Eu nasci e me criei no Poço da Draga.*

Bianca Ellen (Buggzinha), 2023, Poço da Draga.



Fotografia 14: Dj Buggzinha discotecando durante ato de intervenção na Praia do Poço da Draga

Foto: Paulo Henrique Ferreira, 2023.

Este encontro com a Bianca Ellen (Buggzinha) se deu através da fruição em arte e cultura pela cidade de Fortaleza dentro de redutos de construção de identidades múltiplas e dispersas nas metrópoles. Divididos, muitas vezes pela binaridade artista e público mas que sempre foram espaços e momentos provocadores de reações diversas que variavam de sentimentos de liberdade, angústia e até mesmo de reciprocidade a depender de que lugar exatamente nos encontrávamos.

Outro encontro foi fundamental para criação dessa relação de observação de práticas políticas das mulheres negras em Fortaleza, descrito no início desta pesquisa, com Cássia Vasconcelos, denota uma sapiência de articulação política fundamental para um diálogo da Comunidade do Poço da Draga com diversos grupos, pessoas e entidades da cidade que provocam ações positivas de cuidado e atenção ambiental do universo da praia.

Cássia Vasconcelos, atua no Poço da Draga desenvolvendo diversas atividades e projetos dentro da Comunidade com uma grande rede de parcerias que ela descreve como os *amigos do Poço*. Ela descreve a si, como: “Eu sou articuladora social aqui da comunidade do Poço da Draga e da Praia de Iracema, moradora da comunidade do Poço da Draga. Eu resido aqui na comunidade que é um lugar que eu amo muito e luto muito por ele” (VASCONCELOS, Cássia, 2023).



Fotografia 15: Cássia conversando com as pessoas presentes no Poço da Draga durante a intervenção na praia. Foto: Paulo Henrique Ferreira, 2023.

A partir do diálogo com essas duas mulheres negras do Poço da Draga, não tão distantes, embora suas percepções sobre memória, ecologia e política sejam também mediadas por transmissões orais de familiares mais velhas, esboçam uma compreensão física e existencial de prática política de constante resignificação de suas identidades e pertencimento ao seu território.

Esse processo de continuidade histórica também se revela entre as manifestações em defesa de direitos coletivos e individuais como, a cobrança pelas políticas de saneamento básico, o direito de ir e vir que é frequentemente ameaçado por obras na praia do Poço da Draga até as lutas e os sentimentos que envolvem as constantes ameaças de remoção da comunidade daquele espaço. Essas múltiplas versões de lutas por direitos emancipatórios na Comunidade do Poço da Draga são, então, captadas através das narrativas orais de ensinamentos coletivos de seus habitantes mais longínquos até os mais recentes.

Uma das características de continuidade, se revela por desmascarar as mazelas do racismo em relação às comunidades negras. É bastante comum que comunidades que habitam lugares entremeados aos espaços apropriados pela elite a partir das políticas de urbanização e gentrificação (FRUGOLI; SKLAIR, 2009) de espaços de populações pobres e negras nas cidades, sofram por processos de ameaça de remoção forçada nas grandes capitais através da construção e estabelecimento de grandes empreendimentos. Para a Cássia:

O sentimento que nós temos é de pertencimento por esse local onde nós vamos lutar por ele até o último suspiro que tiver um morador aqui que mora nesta comunidade. Nós vivemos com essa questão da especulação imobiliária, sabemos que moramos no m² mais caro de fortaleza, infelizmente o nosso cep era praia de Iracema, dormimos praia de Iracema e acordamos no centro da cidade porque o m² do centro é muito mais barato.

Cássia Vasconcelos, 2023, Poço da Draga.

Os sentimentos de pertencimento e de medo da remoção andam juntas em seu cotidiano. A consciência de sua apropriação espacial na cidade bem como as dinâmicas do poder concentrado no poder econômico das elites e das gestões públicas a preocupam e mantém uma dinâmica de constante ressignificação política. Para Beatriz Nascimento, ao relacionar os seus estudos de quilombos com as favelas brasileiras e as políticas de remoção como repressão contínua aos quilombos - favelas, afirma que:

A história da repressão ao quilombo continua até hoje através da especulação imobiliária. Acabam-se com as favelas e ela é jogada para um conjunto habitacional do subúrbio. Nesse novo lugar, diferente de seu mundo, se obriga a usar condução [ônibus], a conviver com pessoas estranhas e ir todos os dias trabalhar na [zona sul]³², entrar em um mercado profissional em que ela não tem condições de

³² Embora a autora faça uma ligação direta em seus estudos sobre as favelas do Rio de Janeiro, é possível intercalar sua apresentação numa dialética possível com Fortaleza através da categoria de “sair do espaço”, trabalhada inicialmente na compreensão da dinâmica da cidade de Fortaleza. Os conjuntos habitacionais em Fortaleza, que passam a ocupar as zonas de vazio, espaços que em tese não deveriam haver construções, tem

competir. Nunca mais encontra o botequim no caminho de volta, lhe faltam os amigos e o tempo de cantar. Vive num lugar que não é dela (1977; 2023, p. 133).

Esses espaços de resistência contra a ordem racista, sexista e capitalista também desmascaram o autoritarismo exercido pelos grupos racialmente dominantes. Através do exercício de pertencimento ao território da comunidade do Poço da Draga essas mulheres negras passam a continuamente exercer discursos de recriação tanto da identidade local como das experiências compartilhadas com pessoas de outros locais mantidas por meio desses contatos mais amplos.

A Bianca Ellen (Buggzinha), descreve sua relação com o Poço da Draga e com as pessoas da cidade,

Minha relação com o lugar que eu moro é que eu cresci, que eu vivenciei várias coisas né, que eu lutei também, participei de várias lutas com a galera. Tudo me transformou em quem eu sou e também no que eu busco passar pro pessoal das minhas criações, nas minhas coisas, é, sobre o mar, sobre esse lugar que é muito nosso específico de quem mora sabe, se identifica com a galera de periferia de ter esses lugares de escape.

Bianca Ellen (Buggzinha), 2023, Poço da Draga.

Esses processos de luta a partir de contatos amplos atuam no cotidiano como força de manutenção e criação de novas experiências individuais e coletivas. Atuando diretamente na percepção individual dessas mulheres negras sobre um coletivo mais amplo. Essas pequenas mobilizações que são realizadas no Poço, por exemplo, essa atividade que possibilitou os registros fotográficos emaranham um certo público de frequentadoras (es) da praia mas também possibilitam relações de afeto e de atenção em torno de uma pauta, a defesa do território e da autonomia de gestão dos moradores sobre esse lugar.

Cássia também descreve suas percepções desse processo,

Parece que você está lutando sozinha contra tudo e contra todos e dentro desses momentos na qual você encontra pessoas que continuam de alguma forma fortalecendo esse processo, fortalecendo a luta. Isso pra nós é muito bom porque a gente sente também essa energia, né? porque a gente sente também que não tá sozinho.

sido utilizada pelo governo municipal como maneira de manter distante esses conjuntos da dinâmica política e econômica de Fortaleza criando assim guetos de pessoas pobres e negras em Fortaleza.

Cássia Vasconcelos, 2023, Poço da Draga.

A criação de uma comunidade para além do próprio espaço físico de habitantes (moradores (as) da Draga passa a atuar como uma segunda ponte de criação de pertencimento e soma-se com a Ponte do Viaduto Moreira da Rocha, que é elemento central na produção de identidade da Comunidade. A presunção da necessidade de pertencimento coletivo pelos demais moradores da cidade de Fortaleza reaparece de diversas formas nessas narrativas ao tratar de uma relação mais ampla com Fortaleza.

Dentro da formulação apresentada de que a Comunidade da Draga obterá indícios de formação de uma das primeiras comunidades periféricas e ou formadas por trabalhadoras (es) em Fortaleza, Cássia também afirma:

Eu vejo a Fortaleza querendo engolir a Draga e a Draga resistindo sempre, essa é a minha visão, entendeu? A gente tem uma cidade linda, uma cidade maravilhosa, mas essa cidade parece que não conversa e não dialoga com a periferia, não só com a comunidade do Poço da Draga, mas com todo esse espaço periférico, né? (...) Porque nos falta o básico que é o direito constitucional, o direito de ir e vir, direito pela educação, direito pelo saneamento básico, saúde e tudo isso é negado para nós. Eu vejo a cidade evoluindo, progredindo e nada acontecendo dentro da comunidade do Poço da Draga, é como se o progresso tivesse chegando, afinilando e querendo esmagar a história e a comunidade do Poço da Draga.

Cássia Vasconcelos. Poço da Draga, 2023.

Em diálogo amplo com as perspectivas das feministas negras em defesa do bem viver, essas mulheres negras apresentam as noções de desenvolvimento e progresso como ferramentas de produção de aprofundamento das desigualdades tanto para os direitos básicos de existência de uma comunidade como também pelas noções de urbanização excludente e exclusivistas para apenas uma parcela da população de Fortaleza que ocupam os espaços privilegiados de habitar e de transitar pela cidade.

É urgente para Fortaleza e para os estudos de planejamento urbano e da cidade rever as noções de planejamento urbano e seus demais critérios que definem uma cidade menos desigual, menos excludente e que possa realizar suas políticas urbanas cada vez mais de maneira eficiente se atentando às distintas realidades e maneiras de se habitar e transitar na cidade. A comunidade do Poço da Draga, estabelece critérios fundamentais para as resoluções de questões amplas que atravessam todo território abrangente da cidade de Fortaleza juntamente com as demais comunidades periféricas estabelecidas no litoral de Fortaleza.

A Praia do Poço da Draga é nossa: Narrativas de direito à Praia com jovens negras (os) artistas, ativistas e intelectuais

A imersão em um encontro é uma variável da cidade, tomada por um espaço amplo que constroem redes emaranhadas de pessoas e que produzem insights (MAGNANI, 2003). São os encontros possíveis que trago aqui para afirmar uma existência coletiva de jovens negras (os) que de diversas formas afirmam o desejo de pertencer a um lugar chamado por Fortaleza.

Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção ou Fortaleza de concreto, areia e mar? Fortaleza dos brancos e ricos que constroem os mais altos prédios com a compra da outorga onerosa³³ contrariando até o Plano Diretor da Cidade de Fortaleza ou a Fortaleza dos meninos negros que sofrem para pegar o busão na hora de voltar para casa ou mesmo a Fortaleza dos meninos negros que são abordados pela Polícia Militar apenas pelo fato de desobedecerem à lei inaudível e invisível que não permite a saída deles de outras favelas da cidade?

Os encontros são os principais motivos para quebrar essas regras silenciosas e inaudíveis que a cidade carrega em seu código de postura em exercício até hoje. Esses são apenas alguns recortes desses encontros mediados pela câmara em exercício durante uma pesquisa de campo. Muitos outros encontros que seriam dignos de compor a seleção desse recorte não puderem ser feitos devido a ocasião do dia escolhido.

Na cidade nem sempre os dias são os mesmos e as dinâmicas são alteradas facilmente, um amigo desmarca por que aconteceu algo na casa dele ou uma amiga nem aparece porque marcou um encontro melhor com outra pessoa desconhecida, enfim, essas coisas acontecem. Algumas pessoas se chateiam outras não, mas os encontros dignos mesmo de se chamarem “encontros” são aqueles que ninguém marca nada ou mesmo avisa que está indo para um determinado lugar e simplesmente, as pessoas se encontram.

Essas narrativas são portadoras de histórias muitas vezes surpreendentes porque nem sempre um encontro significa algo em especial. Ele pode ser apenas um encontro. Mas algumas vezes sim, ele pode sim, significar algo especial como mesmo no dia “certo” de ter conseguido uma câmera profissional para registrar uma intervenção política com maior qualidade na Praia do Poço da Draga. As narrativas a seguir são breves excertos de como

³³ Outorga onerosa é um valor pago por uma construtora ou empreiteira para compra do direito de construir prédios mais altos do que previsto no Plano Diretor de uma cidade.

encontrei cada uma dessas pessoas portadoras de retratos neste trabalho de imersão de pesquisa ou imersão em encontros.



Fotografia 16: Buggzinha na Ponte do Poço da Draga.
Foto: Eliaquim Gonçalves, 2023.

Na ocasião desses encontros celebramos a existência individual e a percepção coletiva da Bianca Ellen (Buggzinha), sobre o seu lugar de encontro cotidiano com o mar, ela afirma:

Eu tive o privilégio de nascer na beira da praia, né, então desde pequena eu tive esse contato das lembranças de eu sendo criança, as lembranças mais forte que eu tenho é do meu pai assim me segurando nos braços me ensinando a nadar, então eu nunca tive medo do mar, me sinto muito tranquila.

Bianca Ellen (Buggzinha), 2023, Poço da Draga.

Essa relação perpassa seu lugar de origem, as buscas realizadas e as comunicações produzidas por meio da arte e da difusão artística da cena negra em Fortaleza também são

oriundas das experiências produzidas nesses primeiros locais de interação cosmopolítica, Bianca diz,

A relação que eu tenho com a praia eu fico pensando que é muito espiritual, tem um momento na minha vida que eu me sinto mais espiritualizada e ficar nessas buscas assim né, de forças, de tentar encontrar caminhos na minha mente e na vida também. Outras formas de enxergar a vida né mais leve e também de ter fé, mas eu sinto que no mar na praia é onde eu consigo, principalmente quando eu vou surfar que eu fico horas e horas no mar, duas horas dentro do mar, no mínimo uma hora nunca fico menos de 1 h, ai eu sinto que é o lugar onde eu consigo ter essa plena espiritualidade assim que é meio que intrínseco sabe?

Bianca Ellen (Buggzinha), 2023, Poço da Draga.

Esses encontros consigo e com o mundo orientam uma prática política de encontros marcados e não marcados. É uma dialética do habitar e do transitar pela cidade, como afirma Tim Ingold em *Estar vivo*: “estabelecer um caminho através do mundo é habitar, habitar é viver historicamente, cada forma histórica de vida é uma produção” (INGOLD, 2015, p. 10). As formas de produção desses caminhos e desses encontros atuam diretamente na produção das formas históricas de viver a cidade e de afirmar que um espaço apropriado não é mais apenas um lugar de encontro mas um território de criação de memórias que são sempre políticas.

A aproximação que ocasiona essa pesquisa, principalmente com a Buggzinha e a Cássia Vasconcelos mas também com outras pessoas que conheço que mantemos interação nos mesmos espaços e em momentos diferentes, mesmo que nem sempre com tanta frequência, e também de pessoas desconhecidas, irmãs/os que as únicas possibilidades de interação é uma confirmação de cabeça, pra cima e pra baixo, afirmando sua presença.

Viver a cidade entre os encontros de jovens negras/os, carrega significados e emoções diversas que se dispersam entre os contextos de produção de histórias individuais e coletivas. As/os jovens negras/os que eu não acessava diretamente nas fotografias, por exemplo, eram desconhecidas em meu cotidiano e vice versa, percebiam-se através de mecanismos de comunicação presunçosamente gestual e corporal, ora, por não nos conhecermos e a minha condição de antropólogo não ser algo dado, as reações denotavam essa individualidade e impessoalidade (SIMMEL, 1973) nas cidades como posturas carregadas de percepções de medo e relações de inimizades urbanas.

Encontrar alguém, por exemplo, é uma relação de proximidade e de des-proximidade também, a representação destes encontros pode estabelecer marcas desses momentos. As fotografias centralizadas que exploram os movimentos do momento dos registros próximos e mais pessoais, são os que mantidos com as relações de amizade de interdependência coletiva e política do cotidiano.

A distopia provocada pela provocação à hegemonia branca, representada por grupos de jovens negras/os que pintam a cidade com festas de swingueira, brega funk, rap, funk, capoeira, candomblé, umbanda, omolokô, maracatus, afoxés, escolas de samba, blocos e em toda representação da negritude e de uma possibilidade de reafirmação em Fortaleza. Esses encontros marcam a concepção contra hegemônica dessa dominação branca que traz como projeto modernizador de Fortaleza, o apagamento das representações de sociabilidades, expressões e direitos da população negra.

Em concordância com a antropóloga Jamile Borges da Silva (2020), que tem a fronteira como expressão do limiar do que se guarda, separa, retém, expõe, oprime, revela, oculta, expande e contrai na cidade, essas fronteiras entre os discursos contrastantes de uma Fortaleza alencarina que desvaloriza suas próprias lembranças em prol da especulação imobiliária e uma prima menor, que teima em se afirmar como Fortaleza alencarina da classe média, que não rompe com a supremacia branca mas que dança e pula carnaval quando a cidade esfria e chove, e a Fortaleza que questiona a democracia racial e a supremacia branca com às aglomerações, rolês e festas de pretos favelados por toda a cidade.

Em paráfrase ao antropólogo Osmundo Pinho de Araújo, essa última ideia de Fortaleza, a que guarda a coragem de denunciar a farsa do apartheid segregacional em Fortaleza. Para Osmundo Pinho um espaço mediado por sua definição identitária cultural se constitui em um “corpus ideológico que define a identidade regional de tal modo que reatualiza o mito da democracia racial (...) não se encaminhando para resoluções concretas no plano das relações sociais” (1998/99, p. 258).

Também concordando com a antropóloga Olívia Maria Gomes da Cunha (2001), “quando a paisagem muda muito”, não só na visão da polícia, mas também de moradores e trabalhadores criam trechos de interlocuções diretas e indiretas. Assim como a formação dos arrastões aos fins de semana nas Praias da Zona Sul do Rio de Janeiro eram alta em 97, ano em que nasci, essas já permaneciam como característica principal na produção das diferenças no espaço urbano.

Ora, como espaço visto por prismas das relações de pertencimentos e sociabilidades dos moradores da Praia de Iracema e sobretudo da apropriação turística em larga escala, como outro mecanismo de dominação das relações de desterritorialização de seus habitantes / moradores de longe, das periferias, dos usuários de transporte coletivo e etc.

As cidades litorâneas e a produção de suas periferias, veem em torno das linhas de ônibus principais meios de locomoção e apropriação das cidades. Essas divisões de apropriação e de uso do espaço urbano marcando a diferença localizada pelo tempo e pelo espaço utilizado por grupos diferentes, desmarcaram às políticas sociais de incentivo à ideologias de supremacia branca nos espaços urbanos, principalmente em relação a utilização do mar e das praias.

Detenho me então há alguns encontros que simboliza essa marca de uma Fortaleza que reage aos discursos universalistas da identidade fortalezense modernista, com seus símbolos que até enaltecem personagens negros como o Dragão do Mar, mas que para a maioria dos cearenses esse Dragão parece mais os chineses do que o negro capitão-mor que participou de atividades grevistas contra o sistema escravista cearense e brasileiro.

Celebramos esses encontros, cada qual a sua maneira a depender de com quem for que além disso, dos muitos que aconteceram somente alguns vieram como um exercício de particularidade e como representação da construção de imagens futuristas em relação ao neoclassicismo que envenena Fortaleza. São imagens do sagrado, a partir da concepção de que jovens negras e negros artistas, políticos/as, acadêmicos/as, trabalhadores/as e etc constroem outras Fortalezas que são para além dos encontros.

Início esses encontros mais próximos e mais intimistas por Marcelo Tea. Tea é uma pessoa de encontro marcado. Nada fora de nenhum planejamento previsto de agenda nesse período ainda em meio às diversas aulas on-line que ela fazia na Escola de Belas Artes da UFMG, mas também da produção dos cursos de literaturas afro-brasilianas e indígenas que ela ministrava com Joaquim, Euclides e Luane, ex-colegas do curso de letras da UFC. Nada podia sair do controle, sobretudo quando tínhamos como acompanhante a ilustríssima Flor, uma senhorinha que era muito medrosa e andava sempre assim na sua bolsa bem confortável.

Ela também era de encontro desmarcado em cima da hora, sempre num domingo que não conseguia manter o cálculo de tempo ou que percebia que havia planejado algo fora do lugar de tempo, desmarcou o encontro. Porém, sempre disposta a realizar as várias

possibilidades de percurso até a Draga. De ônibus, de bike ou de uber sempre realizava os trajetos dos dois locais em que morou nesse período.

Eram sempre em torno de 8 km, distância que vez ou outra reclamava bastante, mas na possibilidade de realizar uma economia era sempre bem-vinda. Ela também era bastante organizada também em relação ao dinheiro que usava. Enfim, Tea era de programação certa e durante esta pesquisa foi uma parceira muito importante para as minhas conversas chatas e muitas vezes preguiçosas. Nossos encontros e aventuras foram sempre uma forma de driblar a insegurança aos corpos dissidentes de gênero, sexualidade, raça, território e geração.



Fotografia 17: Tea e Flor (na bolsa de pet).
Foto: Paulo Henrique Ferreira, 2023.

Agnes nem adiantava marcar encontro porque o bom de encontrar com ela era exatamente o inesperado “ah não mulher, agora eu vou embora” e depois disso conversar por horas sobre muitas coisas bem sem sentido e as vezes conversas bem sérias que iam desde a possibilidade de falar mal de alguém até ficar nos aplicativos avaliando como a cidade se organiza também em aplicativos de encontros duvidosos.

Foi muito bom encontrar Agnes várias vezes nesses percursos pela cidade. Nesse dia ela tinha ido participar em solidariedade aos trabalhadores do Poço da Draga e foi mais um desses encontros inesperados maravilhosos que aconteceram nesses anos de pesquisa e caminhada pela cidade com desaguamento no mar da Praia de Iracema.



Fotografia 18: Agnes na Praia do Poço da Draga.
Foto: Paulo Henrique Ferreira, 2023.

As avenidas de interseccionalidade que cruzam o seu corpo são múltiplas, todos esses corpos na verdade, são cruzamentos de avenidas de marcadores sociais da diferença, mas Agnes tem um a mais que não é apenas o sorriso ou o rostinho de não envelhecimento (parece que ela nunca vai envelhecer), é algo intrínseco a sua personalidade quando temos contato na cidade. Talvez seja a forma verdadeira em que ela circula pelos espaços, sem se importar muito com as questões que as pessoas carregam consigo e a maneira delicada dela. Agradeço pela presença e a fortaleza dos encontros com Agnes.

Mariana Lacerda é uma mistura entre encontros marcados e encontros inusitados. Acredito até que houve uma transição para isso, inicialmente era encontro marcado mesmo após qualquer atividade, reunião ou eleição do movimento estudantil, todas (os) nós sabíamos que íamos ao Poço. Era quase como religioso saber que a Praia do Poço da Draga nos aguardava por seus bons banhos de mar, contemplação do pôr do sol e uma coisinha a mais.

Com o passar do tempo esses encontros não eram tão rígidos assim, mas aconteciam vez ou outra. Vale ressaltar que foi na presença de Mari Lacerda que passei a frequentar o Poço. Na presença de outras muitas pessoas também, durante os encontros nacionais do movimento estudantil fazíamos questão de levar as (os) turistas de outros estados para conhecer o Poço, tinha uma certa atuação de apresentar o que nós acreditávamos e

concordamos ser o lugar mais belo da cidade de Fortaleza, com todo respeito há qualquer outro lugar da cidade que seja da Fortaleza bela.



Fotografia 19: Mari Lacerda chegando no Poço da Draga de bicicleta.
Foto: Paulo Henrique Ferreira, 2023.

Mesmo com a transição dos encontros marcados para os encontros inusitados, é preciso dizer da precisão de Mari com as coisas da cidade. O amor que ela carrega por essa cidade é surreal e de uma admiração profunda. Poucas pessoas têm a preocupação que ela possui em ver o bem estar social de Fortaleza.

Essa pessoa magnífica nem sei como descrever os encontros. Má Dame é portadora de boa parte da síntese descrita como argumento nesta pesquisa. Nesse dia especificamente [qual?], ela estava com duas outras supremas pessoas de Fortal, a Mumutante e Di Ferreira. A admiração que tenho pela poesia e musicalidade dela, mas também de Mumu e Di e tantas outras não cabem nesta pesquisa. Melhor seria viver a admiração e apenas assim conseguiria exemplificar esses encontros que aconteceram na Praia do Poço da Draga.



Fotografia 20: Má Dame na Praia do Poço da Draga.
Foto: Paulo Henrique Ferreira, 2023.

É especial poder compartilhar o mesmo espaço - tempo dessa artista gigantesca e real. O teor crítico de sua poesia e composição musical reflete sobre nossas experiências individuais e coletivas pela cidade. A potência e a presença desmistificadora que seu corpo traz para a comunidade negra em Fortaleza é fundamental para ser registrada. Salve, Má Dame.

Wallace Douglas não é apenas alguém que estava na Praia do Poço da Draga mas é digno de um parceiro desta pesquisa, no próximo capítulo é melhor compreendido esta afirmação. Wallace é de encontro marcado e desmarcado, sobretudo, é de quando dá certo ou principalmente de quando ele não está num set de filmagem ou numa ilha de edição de mais um filme que ele está participando.

A sua foto inclusive, foge do padrão retrato e do enquadramento das outras registradas apenas para marcar o processo de seus *dreadlocks*. Portador de uma criatividade e presunção da estética negra radical que me encanta qualquer longa conversa sobre qualquer um desses temas. Sem alongamentos porque esse mano é sucinto. Gratidão preto pela partilha do tempo e da disposição de chegar junto a inclusive junto com a Eliaquim Gonçalves coordenar a gravação e edição do documentário posterior a pesquisa. Um salve, espero muito mais encontros sobre cinema negro, exposição, fotografia e muita adrenalina.



Fotografia 21: Os dreadlocks do meu mano pretinho, Wallace, na Praia do Poço da Draga.
Foto: Paulo Henrique Ferreira, 2023.

Poderia ser registrado muitos outros encontros com pessoas queridas na qual foi compartilhado tempo e espaço para muitos outros encontros na Praia do Poço da Draga. A noção de encontro aqui não estabelece distância, por exemplo, do conceito de transatlântico. Pois nos encontros há uma visão desmistificadora do ecológico entre as possibilidades de criação de um território compartilhado que é físico e que é livre de experiências de controle urbano ou de controle racial.

A dialética do encontro com o mar atlântico ainda aponta para a necessidade de visualizarmos o cotidiano de uma comunidade negra em uma perspectiva da ecologia política das versões de encontros e das versões também de desencontros. Em concordância com Beatriz Nascimento, é na diáspora que podemos recriar as experiências coletivas negras como verdadeiras (os) descendentes de africanas (os).

Há nesta versão política e ecológica de visualização e encontro com o Mar permeado pelos encontros com as pessoas que gostamos de compartilhar bons momentos, boas conversas. Há um investimento de recursos humanos valiosos nessa dimensão temporal que nos inserimos, que é o tempo e que é o espaço e que é sobretudo os nossos corpos negros e jovens.

Jovens transatlânticos: Ocupação e apropriação negra e periférica na Draga

Os espaços litorâneos banhados pelo Atlântico carregam em si expressões muito fortes das contribuições históricas dos povos africanos que chegaram por meio de longas travessias em barcos de navegação cargueiras como corpos vendidos como objetos e mercadorias para um mundo distante e desconhecido até mesmo pelos colonizadores e pelo sistema escravocrata.

Esses sujeitos da história transformaram esses lugares como espaços de recriação contínuas no processo histórico tendo perpassado por diversos momentos e ocasiões específicas, algumas delas descrita até aqui, mas o que leva nos a pensar sobre como essas constituições de humanidades negro africanas como pensou intelectuais negros diaspóricos e africanos como Mbembe e Fanon, as suas auto-inscrições africanas e afro-diaspóricas são marcadas sobretudo pela reinvenção de suas práticas de liberdade.

Essas auto renomeações embora não permaneçam estáticas no tempo histórico e sofram por diversas modificações devem ser encaradas como atribuições de coletividades e individualidades negras nesses novos mundos. As reelaborações de liberdades nestas terras advém de representações próprias de si e do fazer cotidiano, esse dia a dia representa muito do que esses povos que aqui chegaram carregaram consigo por dias, semanas e meses dentro de mares furiosos com aquelas situações.

A memória e a consciência (GONZALEZ, 1987) traduz-se em eventos marcantes de resistência cosmopolítica em seus aspectos micro e macro políticos e devem ser constantemente percebidos não como distanciamento desproporcional e irracional que se distancia paulatinamente por uma visão racista de jovens ingênuos e despreparados de encarar suas diversas lutas cotidianas.

O jogo, o lazer, a festa e o encontro são práticas de resistência carregadas no decorrer das elaborações históricas das comunidades negras elas se encontram com a exaltação da beleza, o sorriso, as perdas e as dificuldades diluídas em momentos de construção de prazer para distanciamento das impossibilidades diárias no interior das famílias negras. Compreender as dinâmicas de jovens negros nas cidades brasileiras bem como suas micro práticas requer de nós muito mais que entendimentos de jovens sem etnicidades, mas de

jovens que buscam refazer suas características religiosas por outros caminhos que não os levem aos dogmáticos processos rituais.

A relação mantida pela especificidade de jovens negros na contemporaneidade não pode ser encaradas como as mesmas dificuldades encontradas em nenhum dos grandes eventos destacados por Mbembe, nem em relação a colonização dos portugueses, nem a escravidão e nem mesmo aos efeitos políticos do apartheid. Esses jovens carregam consigo hoje as plenas batalhas travadas contra um sistema moderno - colonial de aprisionamento e de extermínio físico e emocional em massa.

Mesmo que as práticas racistas permaneçam até hoje as mesmas, a condição desumanizante como pressuposto crucial para definição do racismo contemporâneo no Brasil. Não podemos de maneira alguma compreender esses processos históricos como pensaram os intelectuais canônicos que nos antecederam, urge a necessidade de encarar a primazia de dizer que nós negros e negras na diáspora, nunca fomos descendentes de escravos.

Somos descendentes de luta pela liberdade genuína encaradas por meio do trabalho e das práticas de prazer nas coroações de reis e rainhas africanas da África Ocidental e da região Congo-Angola, na construção do carnaval e de suas múltiplas representações regionais espalhadas pelo país e todas essas demais construções negras, mas não podemos de maneira alguma no tempo presente não encarar representações de culturas juvenis na cidades como alienadas de suas identidades negras. As ancestralidades negras não estão apenas nos locais de cultos sagrados e de ritualizações mitificadas pelo essencialismo negro construído nas diásporas, como coloca Paul Gilroy (2001): o atlântico negro também estrategicamente se reconstitui em diversas identidades políticas transnacionais.

O racismo como arma central da morte da memória e da consciência negra nesses mundos de encontros marcados e propiciados pelo Mar Atlântico nos atribui compreender essas relações de construção de representações muito além do que já foi entendida até aqui, é preciso encorajar as práticas de liberdade e de construção de revoltas negras por meio das juventudes negras e a plena utilização de seus repertórios.

Como reutilização dos lugares abarcados no litoral, vemos como práticas cotidianas o encontro com a musicalidade, a beleza das corporalidades, a contemplação e valorização de sistemas ecológicos, os saberes das malandragens e as posturas insubmissas de almas negras que continuam a não aceitar a repressão, o medo e a morte como caminhos únicos de suas vidas.

A partir desses entendimentos comuns, relatamos parte de um material amplo que foi recebido durante esta pesquisa por dois fotógrafos de alto poder de captação desses recursos empreendidos por jovens negros e negra no Poço da Draga. As fotos são de Wallace Queiroz³⁴ e Alex Hermes³⁵, e retratam parte das aglomerações juvenis realizadas aos finais de semana na no Poço da Draga, captando processos como jogos de altinha, jovens de bike, saltos na Ponte, contemplação das paisagens da Praia e muitas outras possibilidades de encontros.

Os registros dessas imagens negras e faveladas compõe aqui uma micro fabulação de uma cidade afro-atlântica apropriada por jovens negros (as)³⁶, onde para Saidyia Hartman (2020, p. 17):

Narrar contra-Histórias da escravidão tem sido sempre inseparável da escrita de uma História do presente, ou seja, o projeto incompleto de liberdade e a vida precária do (a) ex-escravo(a), uma condição definida pela vulnerabilidade à morte prematura e a atos gratuitos de violência.

Essas fabulações vão ao encontro então desse projeto de liberdade expresso nas especificidades de elaboração do tempo presente, sem amarras e desprendidas do processo autoritário do controle social urbano. O baculejo³⁷ no entanto, são diminuídas em sua representação não para causar a especulação de que esses jovens superaram os atos de violência gratuitos e as práticas de humilhação contínuas em seus cotidianos mas para alertar-nos de que esses jovens e suas auto construções não podem ser apenas definidas no tempo presente por projeto de condenação sumária.

A formação dessa coleção, particularmente e ordinariamente na Praia do Poço da Draga, discute os processos de ocupação e suas formas de apropriação do espaço por jovens negras e faveladas na cidade de Fortaleza, em repertórios de liberdade e de vida em contraposição direta à prisão e à morte.

³⁴ Jovem preto, morador da cidade de Fortaleza. É cineasta, roteirista e possui muitos trabalhos como diretor de fotografia em curtas e ficção. Apaixonado pela estética negra radical participou desse processo de pesquisa diretamente durante algumas visitas, gravações de entrevistas e também nos encontros cotidianos das praias e demais espaços de festas negras em Fortaleza.

³⁵ Homem negro, antropólogo e fotógrafo. Colega da turma de graduação em antropologia (UNILAB), mestre em antropologia social (UFRN). Participou da primeira turma da escola de audiovisual de Fortaleza que era sediado no Poço da Draga e possui um acervo de fotografias imenso sobre vários períodos da comunidade. A partir de pequenas conversas em encontros de antropólogos realizou alguns registros e em seguida me enviou, a quem agradeço muito pela força de captação da ideia desta pesquisa muito bem apreendida em suas fotografias.

³⁶ Em comum acordo com a intelectualidade negra, considero importante a afirmação da proposição de que negros não são hegemônicos em momento e espaço nenhum. Portanto, essa fabulação permite sim, a presença de jovens brancos como co-participantes dessas imagens.

³⁷ Baculejo são denominações para o ato de uma abordagem policial. Continuamente se vê nos espaços relacionados a esta pesquisa, grupos de jovens serem “parados” por patrulhas de policiais militares para investigações de suspeitas e ou de posse de drogas e outros ilícitos.



Fotografia 22: Jovens debaixo da ponte do Poço da Draga com suas bikes.
Foto: Alex Hermes, 2023.

Recebi inicialmente essa fotografia de Alex Hermes através de uma publicação em uma rede social na internet, ela me fez refletir sobre os caminhos dessa pesquisa por alguns dias devido a capacidade imagética de apropriação do tema de pesquisa. Acredito que parte de tudo que foi escrito nesta pesquisa poderia ser exemplificado através deste registro fotográfico.

Transitar pela cidade de bike (bicicletas) é uma das melhores possibilidades para chegar até a Praia do Poço da Draga, indicaria que esses jovens não residam tão distante da comunidade e garantem a possibilidade de acessar a praia apenas pelo esforço da exaustão física sendo não necessariamente a precisão de nenhum investimento financeiro para a atividade. Ademais a exaustão física também está presente na prancha de *bodyboard* que um dos jovens carrega presa ao guidão de uma das bicicletas.

Além de surfistas, todo menino negro e periférico um dia já sonhou em ser uma grande estrela do futebol. As inspirações provindas de representações positivas para esses

jovens são diversas que vão desde possuir uma vida profissional marcada por aspectos de qualidade e um estilo de vida com grandes possibilidades de mobilidade social que garantam a possibilidade de “mudar de vida” e vão também pelas badaladas interações dessas estrelas do futebol internacional, nacional e local. O status de visibilidade adquiridos pelos jogadores de futebol são sobretudo, a maior representação positiva para jovens negros e periféricos.



Fotografia 23: Jovens jogando altinha na Praia do Poço da Draga.
Foto: Alex Hermes, 2023.

A altinha é uma prática ligada ao futebol arte, que vem tomando os lugares das praias em grande escala e podem ser registradas em diversas praias brasileiras. A arte do futebol é uma marca que se estende desde ao ato de trocas de passes com variados estilos e improvisação de jogadas que seguem os rumos de interação entre jovens nas cidades. A prática tem crescido bastante e se difundido cada vez mais havendo hoje, inclusive modalidades de competições como futevôlei e altinha de mesa. Uma bola, amigos em roda e muito estilo são empreendidos nesta prática. De bike ou de busão, com uma bola ou com uma

tanga para se dispor das areias da praia, com caixinhas de som e bebidas variadas, os encontros de contemplação ao pôr do sol são garantidos na Praia do Poço da Draga. A paisagem encantadora multiplica seus visitantes de diversos lugares da cidade.



Fotografia 24: Vista da ocupação do espigão na Praia do Poço da Draga, atrás se vê a Indústria Naval do Ceará e o cemitério de navios. Foto: Alex Hermes, 2023.



Fotografia 25: Vista das barracas da Praia do Poço da Draga, ao fundo se vê os jovens de frente para o pôr do sol. Foto: Alex Hermes, 2023.



Fotografia 26: Vista da Praia do Poço da Draga, ao fundo se vê o espigão da Indústria Naval e a continuação da Praia interrompida pelo Hotel Marina Park.

Foto: Alex Hermes, 2023.

As ondas do mar também são pontos de encontro maravilhosos, as águas mornas que só existem no Nordeste brasileiro, marcam processos de imersão nas águas salgadas e promovem uma troca de energias. Jovens negros e periféricos se apropriam do mar cotidianamente no Poço da Draga.



Fotografia 27: Meninos com cabelos nevados nadando na Praia do Poço da Draga.
Foto: Alex Hermes, 2023.



Fotografia 28: Grupo de amigos nadando na Praia do Poço da Draga.
Foto: Alex Hermes, 2023.



Fotografia 29: Vista do Mar da Praia do Poço da Draga, ao fundo se vê a Ponte Velha.
Foto: Alex Hermes, 2023.

A ponte velha não representa apenas a identidade de origem com a Comunidade do Poço da Draga, ela também é um dos principais pontos de encontro na praia servindo além de muita beleza para contemplação do mar e do Mara Hope³⁸ como também adrenalina necessária para quem se aventura a dar saltos ao mar da própria ponte. É muito comum que esses jovens saltem da ponte e depois retornem a Ponte por duas escadas que ligam o mar à Ponte Metálica.

A ponte metálica ainda resguarda um pouco de suas características originais, mesmo estando em uma situação de ruínas e pequenas partes dela já estejam em desmoronamento. As ruínas da Ponte Velha e as ruínas do Edifício São Pedro de alguma forma aglutinam esses jovens que buscam aventuras por meio da produção de alta adrenalina em seus cotidianos de visitas a esses dois principais espaços na Praia de Iracema.

Muitas vezes alguns banhistas que são mais afoitos, infelizmente partiram no meio do mar e parte das lutas da Comunidade envolvia a necessidade de bombeiros profissionais para realizarem esse trabalho. Durante o período da pesquisa foi registrado o início das atividades desses profissionais na Praia.



³⁸ Embarcação naufragada que fica a poucos metros da Ponte Velha.

Fotografia 30: Jovens se preparando para saltar da Ponte Velha, ao fundo se vê algumas barracas de um lado e do outro o Pavilhão Atlântico da Comunidade da Draga.
Foto: Wallace Douglas, 2023.



Fotografia 31: Criança com a farda da escola observa o mar para saltar da Ponte Velha.
Foto: Wallace Douglas, 2023.



Fotografia 32: Jovens posam para foto do Wallace na Ponte Velha, ao fundo se vê a Indústria Naval e o Cemitério de navios.
Foto: Wallace Queiroz, 2023.



Fotografia 33: Ocupação da Ponte Velha, as estruturas de trilhos, e o Mezanino da Ponte Velha onde alguns sobem para saltar com mais adrenalina.
Foto: Wallace Douglas, 2023.



Fotografia 34: Jovens vão ao mar após saltar da Ponte Velha.
Foto: Wallace Douglas, 2023.



Fotografia 35: Imensidão poética de um vencedor³⁹.
Foto: Wallace Douglas, 2023.



³⁹ Certamente, essa seria a tipologia de legendas utilizadas pelo Wallace para descrever as fotografias.

Fotografia 36: Jovem escalando a Ponte após salto ao mar na Ponte Velha.
Foto: Wallace Douglas, 2023.



Fotografia 37: Pescadores no mar do Poço da Draga, um dos pescadores indica a denominação Raíz do Poço em suas costas.

Foto: Wallace Douglas. 2023.

Da Ponte se vê diversas embarcações, esses dois pescadores que são moradores da Comunidade do Poço da Draga ostentam para o registro da fotografia o escudo das “raízes do Poço”. Esses pescadores mantêm até hoje suas atividades de pesca tradicional na Praia do Poço da Draga.

Parte 4 - Sinais de navegação e os conceitos da gente negra nas cidades

As três noções chamadas aqui por sinais de navegação⁴⁰ desta pesquisa, são: transatlanticidade, divisão racial do espaço - lugares da gente negra – e a categoria política de juventudes negras que tomam lugar central de análise contextual e relacional para observação das práticas mas também da produção de imagens e de narrativas orais acerca da vida social deste grupo racial específico na Praia do Poço da Draga.

Esses sinais possibilitam a compreensão da produção de mobilidades urbanas e seus deslocamentos no interior das grandes cidades brasileiras exercidos por jovens negros (as) que mantêm nas capitais grande aproximação marcadas pela Praia e por suas diversas manifestações de relações de poder e construção de autonomia. Nesta pesquisa apenas parte desse pensamento pode ser exemplificado abrindo continuidade para outras formas de execução destas categorias e da produção de sociabilidades, resistências e auto definições por parte da população negra nas grandes cidades brasileiras.

Essas categorias chamam atenção para a questão das diversas possibilidades de manifestação das filosofias da ancestralidade e das práticas de resistências antes visto como espaços desprovidos de significados para jovens negros (as). Confronta discussões em torno da necessidade de enclausuramento do entendimento da população negra e jovem como meio alternativo de construção de ideias de ocupação coletiva e não meramente marcada pelo individualismo nas metrópoles.

Mesmo que se considere as contribuições dos mais diversos campos e noções antropológicas presente nesta pesquisa, como as ideias de espaço e espaço urbano, território e corporeidades, identidades, sociabilidades e transgressões de práticas hegemônicas. Esta pesquisa busca enfatizar um campo teórico que por muito tempo permaneceu às margens da produção do conhecimento científico no Brasil.

Apresenta parte das contribuições de intelectuais negros e não negros que buscaram sintetizar as ideias de construção espacial, social, ambiental e cosmológica de construções em suas diásporas postas em relação com a presença do Mar. Expõe a dialética da vida negra posta em relação na qual de um ponto enxergamos a produção de traumas pela colonização,

⁴⁰ Surge das oficinas de pesquisa realizadas no Laboratório de Estudos de Espacialidades, Gênero e Relações Étnico - Raciais (LaGente / UFG), ministradas pelo Prof. Alex Ratts para orientandas (os) e ex - orientandas (os) das pós-graduações em antropologia social e geografia e da graduação em geografia da Universidade Federal de Goiás.

escravidão e racismo mas também por seus contrapontos vistos pelas produções autônomas e coletivas das diferenças e diferenciações do pensamento social sobre as relações raciais no Brasil e sobretudo, em Fortaleza.

Transatlanticidade e os territórios físicos e existenciais da negritude nas cidades

A Terra é circular
O Sol é um disco
Onde está a dialética?
No Mar... Atlântico-Mãe⁴¹.

A *trans-atlanticidade*, bem elaborada pela historiadora Beatriz Nascimento (2021) e amplamente divulgada pelo antropólogo e geógrafo Alex Ratts e possui aqui uma afinidade cada vez maior com o escopo desta pesquisa por remeter-se a uma elaboração em um *continuum* histórico, geográfico e populacional criados pelas gentes negras na diáspora.

Percebendo então como a contribuição de processos combinados de deslocamentos de subjetividades e corpos negros jovens nos territórios que são apropriados pela gente negra. Beatriz Nascimento afirma que, esses “deslocamentos socioespaciais ocorrem entre diversos espaços sociais, da população negra em variadas escalas - local, regional, nacional e transnacional” (*apud* RATTTS, s/d). Essas relações estão mobilizadas no interior de comunidades negras, imersas em políticas de reconhecimentos subjetivos, mas também compartilhados por muitas experiências.

A apropriação desses espaços teria então sensibilidades históricas, geográficas, políticas e antropológicas que se relacionam mobilizado pela coexistência de pessoas negras. A partir das especificidades de suas pesquisas em relação aos campos da antropologia, mas também para além da disciplina. São os estudos das/nas relações raciais no Brasil, que tornam a produção negra acadêmica e não acadêmica um campo espesso por sua densidade e sensibilidade analítica das condições de existências da população negra.

O que nós pensamos quando estamos diante da imensidão do Oceano Atlântico? Se você parou algum momento para refletir sobre essa questão provavelmente deu-se a perceber o quão distantes estamos das produções para além de corpóreas que circundam esse enorme e expansivo lugar de vida e de morte. Como em todas as cidades litorâneas, Fortaleza possui

⁴¹ *Ori* (GERBER, 1989). Direção: Raquel Gerber. Pesquisa, textos e narração: Beatriz Nascimento. Duração: 89 min.

uma imensa faixa de terra arenosa em suas praias. Mas o que nos tem a dizer o Mar Atlântico?

Não somente a sua composição estética inspira e se reflete nesta pesquisa, mas a fruição que se pode ser percebida no cotidiano de quem a frequenta e compulsoriamente deixa um pouco nas salgadas águas do Mar. Ainda também se percebe as construções de resistências desenhadas pela cidade a partir dos encontros de diversos lugares em um só lugar. Um lugar comum compartilhado por pessoas comuns que experimentam suaves ondas de liberdade num dia ensolarado ou até mesmo quando o Sol resolve não aparecer.

A constituição da Transatlanticidade em metrópoles urbanas caracteriza-se por meio da presença negra nesses lugares, onde então a memória possui um locus de investigação constante para determinar as diversas circunstâncias e situações que marcam a vida cotidiana da população negra nessas cidades atlânticas. A atenção dada a essa questão compete à necessidade de vislumbrar essas cidades entre as políticas da memória como já dito, mas também como uma apreensão histórica da continuidade do processo de fazer e desfazer cidades.

Tanto a memória como suas continuidades históricas, geográficas, estéticas e políticas devem ser observadas não somente pelas atribuições da presença escravizada da população negra nesses espaços, mas também com suas referências e contribuições de legados que possam ser reconstituídos a partir das lógicas e das sociabilidades construídas entre seus pares, sendo assim uma permanente elaboração de encruzilhadas pelas grandes cidades brasileiras que se constituem economicamente, historicamente e geograficamente apontando para uma desvalorização e desfavorecimento de pessoas e famílias negras que passam em determinados momentos a ocupar e a construir seus lugares dentro de lógicas próprias de estilos de vida.

Maria Beatriz Nascimento, mulher negra e historiadora a quem muito aparece aqui, nos diz que o Atlântico Mar ou o Oceano Atlântico nos informa uma conexão profunda entre o amor pelos colonizados e o ódio pelos colonizadores. Para tanto ela narra sobre o Atlântico em sua tese de vida, o filme Orí:

Como eles puderam partir daqui para um mundo desconhecido? Ali eu chorei de amor pelos navegadores, meus pais. Chorei por tê-los odiado; chorei ainda por ter mágoa dessa história, mas chorei fundamentalmente diante da poesia do encontro do

Tejo com o Atlântico... da poesia da partida para a conquista, eles fizeram por medo também e talvez tenham chorado⁴².

Em seu texto-poesia pode até não ser tão evidente, mas é possível perceber que a dialética a que se questiona Beatriz Nascimento, se localiza dentre as feições elaboradas pelas grandes navegações e seus empreendimentos as contínuas histórias que são re-criadas anteriormente às travessias pelo grande Oceano Atlântico. A possível interpretação de todas as composições apresentadas por Beatriz Nascimento que nos leva até as mais profundas imaginações do encontro da colonização, ora marcada por dores inimagináveis às mais profundas ocasiões de revoltas, festas e prazeres dos que foram colonizados.

Certamente a reflexão se adensa quando nós estamos inteiramente conscientes das agências desses sujeitos que mesmo estando refletido em péssimas condições de existência e de subsistência, foram tão capazes quanto a colonização de se reinventarem e de reconstruírem através de suas próprias memórias de suas terras, laços familiares e cotidianos neste mundo novo.

É imerso nessa reflexão, que parte de quem escreve se mobiliza e chora ao pensar nas gentes negras que nos trouxeram até aqui para a experiência de lhes apresentar um texto-dissertação. As muitas possibilidades de interpretação do espaço, do tempo e dos corpos que se mobilizam pelo se inserem aqui com caráter central de discussão entre a formação das cidades litorâneas no Brasil e suas relações de sociabilidades com jovens negras (os) em seus interiores.

São relações estabelecidas nas praias de grandes cidades que aos poucos passaram a receber uma centralização populacional por diversas características, entre elas pode se destacar, a abundância de água para o recebimento de retirantes de secas em outros biomas regionais, como é o caso do Ceará, que por muito tempo sofreu e sofre estiramentos de seca.

Outras características próprias da invenção desse lugar chamado de Fortaleza, como as noções de progresso envoltas à construção desse primeiro Porto Marítimo no Poço da Draga que passaria então a desenvolver um papel fundamental na economia da capital cearense, mas também na promoção de interação com pessoas de outros lugares em diversos períodos.

Beatriz Nascimento (2021) quando apresenta por escrita brevemente o filme Orí, ela aponta que, a partir dessa influência, o retorno à África como transporte romântico (que

⁴² Orí (GERBER, 1989). Direção: Raquel Gerber. Pesquisa, textos e narração: Beatriz Nascimento. Duração: 89 min.

naquele momento era francamente político) surgiu como primeiro fragmento de ideologia com que o segmento negro da sociedade brasileira inaugurou o processo de consciência da negritude. A demarcação entre a ligação de África e Negritude pode ser compreendida como uma interação onde a autora aponta um *continuum* histórico de relações de contribuição que não são perdidas nessa longa travessia do Atlântico, mas que são recriadas e que muitas podem se estabelecer dentro de critérios de invenções onde a perda da memória e de laços podem ser fundamentalmente importantes para essa percepção.

No entanto, é oportuno lembrar que a constituição de transatlanticidade somente é possível quando este está ligada às continuidades e deslocamentos de corpos, mercadorias, de memórias, de estilos de vida, de filosofias, de técnicas, de estatutos, de imagens e de tantas observações que podem ser realizadas a partir do encontro desse espaço geográfico, biológico, simbólico e político através de marcas estéticas e fenotípicas em diversos lugares do globo.

O Mar e as suas praias então passam a caracterizar uma marca fundamental para a concepção do Atlântico Negro e nos questiona sobre as diferenças produzidas nestes locais específicos de encontro com o Mar, afinal é nestes lugares que desembarcam essas pessoas que chegam de outros lugares. É importante ressaltar inclusive, que ao se tratar de Fortaleza e Ceará é necessário que se indique a existência nítida de outras formas de deslocamento via terra e por outras saídas através de regiões do interior do Estado que fica conhecido como tráfico interprovincial (FERREIRA-SOBRINHO, 2005).

A dialética no Mar Atlântico, que se coloca diante do encontro da tragédia com a recriação, carrega, no entanto, modos de ver, de interagir, de sentir, de ouvir, de falar que são múltiplos. Diante do encontro do europeu, do africano e do ameríndio busca-se então uma reflexão que possa atribuir os caminhos percorridos até o cotidiano e que pode ser registrado através de cadernos de campo, diários de campo, fotografias, vídeos, entrevistas e demais técnicas de registro de pesquisa, de criação de arquivos e de acervos.

Ademais para uma plena concepção da transatlanticidade é necessário que se compreenda a dupla relação entre subordinados e dominadores e ou entre colonizados e colonizadores, “que eleva sempre a dignidade e a singularidade humana e vê ecologicamente o Mar Atlântico como um vetor, um meio (mídia) entre os povos da Europa, África e América” (NASCIMENTO, 2021). Esse vetor que se é compreendido como um meio de

comunicação para a historiadora, se coloca diante de diversas rupturas e transformações inclusive genéticas nesse longo processo.

Ainda para Beatriz Nascimento, o Atlântico ou o Mar Atlântico,

[...] é considerado pelos povos afro-brasileiros como deusa-mãe (Yemanjá-Oxum alimenta a existencialidade brasileira); é a ele, interventor de nossa felicidade, que nós nos rendemos. Pode ele através de seu espelho curar feridas tão profundas e abertas ao longo de toda esta história. (NASCIMENTO, 2021. p. 86)

Agora o interventor da felicidade do negro brasileiro ou afro-brasileiro é trazido até aqui em seus. As noções que até aqui então foram elaboradas dentro da ideia de continuum e podem ser reproduzidas através da noção de ancestralidade. Uma noção que ultrapassa as percepções da negritude, suas corporeidades e composições estéticas através de suas composições cosmológicas.

É então composto de um território que é físico e que é também profundamente existencial. É um território que é um corpo, que é também uma memória e um terreno a ser construído a partir do que existiu mas também do que pode ser criado e inventado. A negritude composta então na transatlanticidade nos revela suas características mais densas da coletividade negra no Brasil.

Sobre o lugar que possui o mar na interpelação da população negra na cidade de Fortaleza, o antropólogo e geógrafo Alex Ratts afirma, “o mar, pelo qual vieram africanos e africanas, passando antes por Recife e São Luiz, junto com as praias e vários bairros litorâneos, se coloca como marco espacial da memória negra cearense”. (Ratts, 2004, p. 2)

Para fins de concretude podemos relacionar a indicação de Alex Ratts com a presença desses circuitos ultramarinos entre as cidades de São Luiz e Fortaleza com a presença de um objeto “a proa do barco Laura II” exposto no Museu do Ceará que narra um massacre em massa de africanos em Fortaleza, realizado na antiga Praça dos Mártires hoje chamando de Passeio Público. Segundo a historiadora Cristina Holanda, os africanos:

Revoltados com as péssimas condições de alimentação e os excessivos castigos físicos, os [escravizados da embarcação Laura II] se rebelaram, tomando o barco e assassinando o resto da tripulação. O fato ocorreu no curso da barca entre São Luiz (MA) e Rio de Janeiro. Os amotinados foram presos e trazidos sob escolta para Fortaleza onde foram todos executados – fuzilados – na antiga Praça dos Mártires, atual Passeio Público. (Holanda, 2004, p. 89)



Fotografia 38: Imagem da proa do barco Laura II.
Fonte: Museu do Ceará / Cristina Holanda, 2004.

Sendo um objeto exposto na seção que aborda a presença negra africana no Ceará do Museu do Ceará, a proa do barco Laura II remonta ainda as memórias da negritude cearense ao seu suposto passado marcado ainda por uma ideia de passividade à escravidão negro africana. Um contraponto surpreendente se torna ainda os motivos que levam a esse fuzilamento em massa na Praça dos Mártires, esses africanos que aqui chegavam denunciavam a subjugação de suas vidas dentro dos percursos realizados pelo Atlântico.

O Atlântico torna-se também um espaço não apenas de mediação entre a vida e a morte, mas também um espaço de guerra existencial e física. Uma relação de conflito que se dá muitas vezes indiretamente, uma vez que o controle social urbano e marítimo da escravidão buscou e busca ainda restringir os corpos negros de uma plena ambiência nos espaços urbanos que aglomeram as praias onde esse mesmo grupo social continua a desobedecer essa imposição. Essas duas marcas então entram em divergência cotidianamente e muitas são as lógicas e repertórios que nos sinalizam sua existência.

Durante as travessias realizadas nesse íterim de tempo dedicado à pesquisa, alguns fatos ocorrem de maneira espontânea e marcam parte dessa busca. Foi assim quando estive no Rio de Janeiro para as atividades da Reunião de Antropologia do Mercosul em Agosto de

2023 e que na ocasião realizei um desejo muito grande que era conhecer de perto a Rota da Pequena África. De maneira um tanto inusitada me deparei com uma releitura do Mapa da Diáspora Africana que havia sido elaborado por pesquisadores através das pesquisas de Joseph Harris presentes nos estudos realizados pelo projeto História Geral da África e que registra a presença das cidades marítimas que receberam as embarcações de africanos durante as trocas mercantis da escravidão, como o Rio de Janeiro, Salvador e Recife.

Este mapa que está presente nas exposições do Museu de História e Cultura Afro-Brasileira (MUHCAB) no Bairro da Providência, no Rio de Janeiro, diferente dos outros mapas consultados registram também a presença de outras cidades marítimas e expande esteticamente a interpretação da reclusão das identidades negras africanas no Brasil para cidades para além das citadas como também, São Luís, Fortaleza e Belém.



Mapa 06: Mapa da Diáspora Africana.
Fonte: Museu de Arte e Cultura Afro-Brasileira (MUHCAB). s/d.

Nesta versão do Mapa da Diáspora Africana é possível visualizar as ligações diretas entre o continente africanos e as cidades brasileiras que mantiveram algum nível de relação com o mercado de corpos africanos vendidos como mão de obra. Fortaleza, no entanto,

aparece interligada tanto nos circuitos da Rota da Mina como na Rota da Guiné, bem como na distribuição dessas pessoas internamente ao território cearense e para outros estados já demarcados no trabalho “Catirina minha nega, tão querendo te vendê” do historiador Hilário Ferreira Sobrinho (2005).

São tracejados e pontilhados marcando as possibilidades de se atravessar e ser atravessado pelas imagens do Atlântico que interligam esses territórios físicos e existenciais. Territórios que permaneceram em constantes processos de recriações a partir da continuação de aprendizados trazidos do continente mãe e disseminados nas terras da diáspora. Para Paul Gilroy (2001), essa passagem do meio no atlântico negro foi responsável por criar um novo mundo transnacional das populações negro africanas, considerando suas dimensões tanto simbólicas - essencialistas como suas posições estratégicas de resistência.

A constituição de um pensamento sobre esse lugar imaginário e político levaram muitos anos e décadas para se redefinir, tanto as traduções do Atlântico Negro como pela ideia de Diáspora Negra ou Africana. Encontram-se explicitamente colocados nos trabalhos da antropóloga negra brasileira Lélia Gonzalez (1988), dos intelectuais negros no Reino Unido como Paul Gilroy (2001) e Stuart Hall (2003) e do historiador luso brasileiro Luiz Felipe De Alencastro (2000).

Lélia Gonzalez, ao buscar uma compreensão etno-geográfica a partir de uma composição política e estética das *Américas negras* e não relegando a importância da contribuição ameríndia nessas terras, propõe que amefricanidade constitui um lócus privilegiado de interpretação da construção desses novos mundos criados por sujeitos racializados no interior das diásporas negras africanas.

Pensa ainda como as contribuições das populações negras e indígenas se auto representam diante de um cenário esquizo da hipocrisia desse processo de colonização e de escravização, questiona de maneira profunda as relações de silêncio e de harmonização de violências deslocando constantemente em seus trabalhos e reflexões o que chamou de racismos por denegação. Uma característica própria do racismo constituído no Brasil, ele se nega, se camufla nas relações interpessoais e institucionais se legitimando a partir de uma noção ausente das relações de poder de quem domina sobre quem é dominado.

Tanto as ideias de Atlântico Negro como as de Diáspora Negra e Africana se entrelaçam nos escritos de Paul Gilroy e Stuart Hall, que afirmam que dentro de seus espectros relacionais entre a modernidade e a experiência da contra modernidade, ora

inspirada através de suas composições estritamente políticas e ora por suas conotações filosóficas que exprimem as vivências negras dentro desses processos por sua exposição à violência colonial e desumanizante.

Então observa-se como as condições geopolíticas de um longo processo de travessias levaram a profundas maneiras de auto-interpretação dessas populações dentro de uma cultura global de determinação da raça como fator elementar de humanização e desumanização. Essa observação da mundialização depois expressa e se sustentam previamente nos trabalhos dos estudos culturais realizados no Reino Unido.

Luís Felipe De Alencastro, no entanto, segue as rotas marítimas das grandes navegações ultramarinas para esboçar sua ideia interna ao processo de escravização às diversas condições desses sujeitos que se envolveram nessas tramas de comercialização e também de desumanização de corpos negros africanos. O historiador, ao compreender as relações mantidas pelas convenções do mercado ibero-americano aponta que esse comércio de corpos tornou-se a principal fonte de renda econômica do Ocidente por volta do século XVI se vilipendiando nas costas litorâneas do continente africano.

Esse mercado conhecido também como sistema escravocrata define então os litorais nas ilhas atlânticas (Canárias, Madeira, Açores, Cabo Verde e São Tomé) que atraíam os compradores de corpos negros africanos para Guiné - Cabo Verde e também para Congo - Angola, que foram responsáveis por 51% e 34%, respectivamente nesse comércio. Intensamente provocado pela coisificação desses sujeitos foram através do além mar trazidos à ferro e fogo, utilizando uma outra expressão do antropólogo francês Claude Meillassoux, aos litorais brasileiros onde encontravam-se alguns portos que recepcionaram essas pessoas.

Muito do que se pode ser construído a partir de uma breve contextualização sobre essas dinâmicas mantidas na escravização de corpos e na ruptura do estatuto de humanidade demonstra as principais rotas de deslocamentos desse comércio mantidas entre o continente africano e o os europeus para densamente povoar e colonizar as terras que supostamente estariam sendo “descobertas”, vale - se aqui a interpretação de terras invadidas para melhor apresentar esses processos.

Seria necessária uma pesquisa bem mais aprofundada em acervos e arquivos sobre os mortos da história para que fosse possível apontar precisamente essas constituições no espaço urbano de Fortaleza. Mas é possível destacar de forma breve pequenas trajetórias como pontuadas pelo historiador Janote Pires Marques (2009) que desenvolve uma pesquisa sobre

as festas de negros em Fortaleza entre os anos de 1870 à 1930, momento anterior à proibição das coroações dos Reis do Congo e das Rainhas de Angola por seus descendentes presentes na cidade e responsáveis pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Além de mapear a presença dos sambas de umbigada que também foram proibidas com os decretos do código de postura de 1870.

Esses descendentes de africanos presentes na cidade de Fortaleza construíram diversas possibilidades de continuação de suas festas, ritos, costumes e religiosidades. Essas marcas seguem presentes até hoje na propulsão dos movimentos negros contemporâneos e outras manifestações como a pluri diversidade dos catimbós, umbanda e candomblé, omolokô e outras linhagens de religiões de matrizes africanas, afro-brasileiras e originárias. A população negra em Fortaleza apresenta traços fortes de imbricação com as comunidades indígenas sendo expressada fortemente pelas características tanto corpóreas, territoriais como existenciais.

As marcas da colonialidade sobre a construção urbana de Fortaleza possui diversos registros também, dentre eles, sua toponímia e seus monumentos. Para Alex Ratts “as noções de negro, africano, indígena, escravo, foram e são redefinidas no horizonte por agente hegemônicos e outros subalternizados” (2016, p. 52). A definição e a redefinição destas marcas e de suas consequências sobre elas seguem então a lógica proeminente física e simbólica da repressão.

Uma repressão que divide, segrega e racializa os espaços urbanos. Ainda para Alex Ratts, “Fortaleza é uma cidade negra, dividida e segregada, mas com inúmeras pessoas e coletividades que recriam suas expressões e coletividades” (2014,p. 6), ao afirmar que possuímos sim um cenário em que a população negra permanece como habitante desses locais, podemos inferir uma interpretação de que, essas divisões e segregações ou higienismos, também são baseados em fatores de classificação racial.

Mesmo a presença de comunidades negras e de memórias negras nos espaços litorâneos não resultam em uma defesa efetiva de jovens negros e negras que visitam, circulam, trabalham e residem nesses espaços. Isso pode ser exemplificado através do Poço da Draga, mas também por todo o percurso litorâneo registrado pela fotógrafa Joyce Vidal (2022) que nomeou esse percurso por praias periféricas.

Essas praias que se tornam periféricas sob o olhar de atores hegemônicos e que utilizam as normas da repressão sobre esses lugares, como afirma Alex Ratts. Possuem suas

próprias marcas e as compartilham no cotidiano muito mesmo de formas sensíveis e muitas vezes despercebidas. Essa possibilidade pode ser alcançada através de processos de racialização de uma interpretação negra sobre esse repertório.

Esses repertórios de lugares são organizados em meio a construção de uma percepção de agrupamentos negros em contraposição às definições de comunidades negras rurais ou urbanas, como estratégia genérica inicial para não capturar de imediato pressuposições não estabelecidas. Também podendo permitir que o entendimento sobre o território possa ser ampliado. Para Ratts (2000, p. 26),

O território assim formulado, não reduz a terra ocupada, mas abrange também o espaço apropriado pelo grupo. Inclui um repertório de lugares de importância simbólica, envolvendo agrupamentos negros não mais existentes onde residiram antepassados, porções de terras perdidas, localidades para onde migraram vários parentes e que desejam conhecer. Lugares que são acessados através de viagem, notícias, lembranças, saudades.

Portanto, a apropriação de espaços banhados pelo Atlântico que são marcados pela presença da população negra em Fortaleza, nos permitem visualizar as dinâmicas das cidades em perspectivas diferentes das quais se construíram dentro de discursos de negação e de promoção da segregação. Essas apropriações demanda uma interpretação do espaço urbano estratégica e essencialista, aqui tendo como foco a transatlanticidade, mas também através de contribuições da constituição dos lugares da diáspora negra africana e das dinâmicas do Atlântico Negro.

Fortaleza não pode mais negar a presença da população negra e muito diminuir a contribuição fundamental deste grupo racializado para a construção histórica, geográfica, política, econômica e cultural do Estado do Ceará. As trajetórias de descendentes de africanos em Fortaleza são visíveis e demonstram a possibilidade de reinvenção das histórias para além de alencarinas.

Divisão racial do espaço e os lugares da gente negra nas cidades

Partir da ideia de que o espaço urbano não é disforme é uma premissa dos estudos sobre as cidades, mas seguramente pode se afirmar que o espaço urbano reflete diretamente na experiência subjetiva e material de maneira desigual a depender das considerações a serem feitas pela própria produção do modo de ler a cidade.

Jovens negras e negros lêem a cidade sob os fenômenos do racismo, do sexismo, da lgbtqiafobia e do capitalismo colonialista em acordo com a antropóloga Lélia Gonzalez, que diz que “o lugar que nos situamos determinará nossa interpretação” (RATTS, s/d). Quaisquer que sejam os atravessamentos presentes neste espaço de discussão é importante trazer a tona a contribuição de Lélia Gonzalez (1982, p. 15), que diz: “o lugar natural do negro é o oposto [aos brancos]: da senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais”, o critério tem sido o mesmo: *a divisão racial do espaço*”.

Esta categoria oportuniza perceber que os critérios de divisão espacial nas cidades também são marcados por subjetividades e políticas de classificação racial. Ao percebermos a constituição geográfica de comunidades negras nas cidades nos confrontamos com índices de desenvolvimento humano muito baixos em lugares que são majoritariamente habitados por pessoas negras.

Essa categoria reposiciona os debates de como devem se relativizar politicamente os debates que inserem a população negra em pesquisas realizadas no Brasil. A partir da noção de condição política dessa negritude coexistindo num determinado espaço, teríamos então, suas próprias relações a serem estabelecidas e experimentadas por quem da mesma forma se insere no espaço.

Torna-se complementar a concepção antropológica, geográfica e política de “lugar de negro ou lugares da gente negra” (RATTS, 2011; 2017), que reconfigura noções de processos de segregação socioespacial ou de higienismos urbanos e também denota as proximidades com processos de estigmatização de espaços de sociabilidades e de convivências negras nas cidades e metrópoles contemporâneas.

A contribuição antropológica dos estudos nas cidades e a produção de violências nas periferias e favelas brasileiras, acabam por ter um campo extremamente expandido em categorias e conceitos que possam estar disponíveis para pesquisadores/as negras/os. Sobretudo pela evidência de que a questão racial é fundamental para a interpretação crítica desses processos nos espaços urbanos, bem como esses espaços por meio de políticas institucionais e não institucionais que adotam a utilização da violência como política de estado explícita e implícita.

Marcadores sociais da diferença, como o racismo, são mediados pelo controle social urbano e a política de gentrificação dos espaços públicos que toma um lugar central, portanto, na produção do espaço urbano em Fortaleza. A citar algumas delas, segue as normas míticas

citadas por Audre Lorde (2019), “conflito de gerações, diferenças de raça, diferenças de sexo (...) A violência se entrelaça no tecido diário de nossas vidas”.

Essas marcas de diferenças, no entanto, não se contradizem quando essas lógicas são subvertidas em reconhecimento e ritos de pertencimento. A antropóloga Lélia Gonzalez, no entanto define o lugar do negro como um “lugar constituído pela segregação racial e espacial”, porém isso apenas não se limita a repressão, é possível ainda criar, recriar práticas positivas da negritude nesses espaços urbanos. Uma dessas principais práticas é a política sensível de reconhecimento e pertencimento ao lugar e as coexistências de experiências que são compartilhadas tanto através das subjetividades e materialidades positivas que compreende a realidade da população negra no Brasil.

A dicotomia política de raça na cidade vem sendo pensada por antropólogos e antropólogas negros e negras também contemporaneamente, com a publicação do número da revista *Novos Debates*⁴³ que trata das contribuições desse grupo de profissionais negros (os) para a contemporaneidade da disciplina, a antropologia urbana possui espaço para seus debates nessa composição.

O antropólogo Rodolfo Tavares, pensa os lugares negros produzidos nas ruas do Rio de Janeiro mobilizados pelas ideias de encruzilhadas e cruzamentos. Para o autor a *cidade terreiro*, como ele denomina essa apropriação de espaços da cidade por corpos que carregam em si cruzos (cruzamentos), é a antítese da cidade, em que se mobiliza tanto o espaço vivido como também as percepções políticas e culturais a partir de ritos de pertencimento. Ao afirmar que a antropologia na cidade sempre se inicia com um pedido de licença, Rodolfo Alves (2021, p. 12) diz que, “andar pela cidade é um campo imenso de possibilidades para interagir com sujeitos que não conhecemos”.

Ao alertar pesquisadores e pesquisadoras quanto aos processos culturais nas cidades, o autor afirma que possuir uma atenção antropológica é entender que nada é trivial na cidade. No entanto, processos como esses também estão localizados dentro da possibilidade que apresentam Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento ao ter o terreiro como um espaço de sociabilidades e percepções negras.

Ainda assim, cabe destacar outras contribuições que também pensam essas relações nas cidades sob uma perspectiva referenciada nas experiências da população negra. Destaco aqui a contribuição intelectual do geógrafo Milton Santos (1997; 2002), que buscou uma

⁴³ Revista da Associação Brasileira de Antropologia, essa referência trata da publicação de um relevante número da revista que organizou textos de alguns antropólogos (as) negros (as).

interpretação dessas cidadanias negras efetivas e plenas. Em busca da implementação de uma nova ordem mundial na distribuição não só dos espaços das cidades, mas também dos corpos que ocupam e que são transeuntes dessas cidades “globalizadas”. As diversas características das desigualdades nas grandes cidades como a fome, a pobreza, o trabalho precarizado, a violência institucional e não institucional e etc. Milton Santos também buscou questionar a situação da população negra no Brasil.

Em maior expansão, no que tange à divisão racial do espaço e a produção institucional e sistemática de violências de estado, temos a dissertação de Mônica Wilson que tem a coautoria do antropólogo sul-africano Archie Mafeje, “Langa: um estudos de grupos sociais nas townships na África do Sul” (1963) que buscou identificar como as remoções forçadas da população negra na África do Sul, tornou-se uma base estratégica para a construção das *townships* (guetos) e legitimou boa parte das cenas de violências produzidas pelo apartheid e a política de segregação racial.

As marcas e os repertórios negros de composição das cidades nos permitem realizar uma densa análise sobre como os dois fatores apresentados pelas duas interpretações, primeiro a de divisão racial do espaço e segundo de transatlanticidade, aproximam processos de análises materiais e simbólicas na antropologia.

Se de um lado temos um completo cenário de medo, violência policial e desumanização da população negra nas cidades, cabe também compreendermos como essa articulação se dá na produção de continuidades históricas, geográficas, políticas e culturais a partir da produção de seus significados e representações próprias.

Considerar então a exímia necessidade de buscarmos noções e conceitos que nos permitam uma aproximação ainda maior dessas relações de trocas entre a vivência direta e as subjetividades de jovens negros e negras na construção e ocupação desses espaços, ganha sua importância e busca refletir sobre diversos processos cotidianos e históricos.

As grandes cidades brasileiras possuem diversas marcas e repertórios próprios, que variam entre si e entre seus principais traços culturais e territoriais que os distinguem. Essas marcas e esses repertórios constituem boa parte das imagens que são construídas urbanisticamente. A urbe, no entanto, possui diferentes marcas e repertórios de representações em cada cidade diferente no Brasil. Em cada cidade, ainda mais, essas diferenças podem ser exploradas também em diferentes perspectivas.

Em muitas delas são densamente exploratórias e possuem grande acúmulo, inclusive no campo da antropologia e mais especificamente, da antropologia urbana e / ou os estudos na e da cidade ou entre as etnografias de e na rua e em diante. As perspectivas de classe, os estudos que focaram a pobreza como fator central na produção das desigualdades urbanas ganharam bastante centralidade no decorrer dos anos, foi inclusive demanda de grandes projetos de pesquisas de centros de pesquisas brasileiros como o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP).

As lógicas do lazer que estariam interligadas às questões de classe e de trabalho, quando analisadas sob o prisma das comunidades em São Paulo nos primeiros estudos urbanos. Logo que, o lazer foi interpretado inicialmente sob uma lógica tradicional como apenas um contraponto ao trabalho (MAGNANI, 1996). Grande parte do material que podemos acolher numa literatura de estudos em antropologia urbana, vai tratar a centralidade dessa perspectiva de diferença, do trabalho e suas relações de classe nos grandes centros urbanos e nas metrópoles.

As perspectivas de diferenças de gênero nos espaços urbanos, no entanto, embora com menos volume de processamento e atenção nas agendas e redes de pesquisa, não estavam fora do olhar de pesquisadores e pesquisadoras em antropologia urbana. Em muitos estudos conhecidos anteriormente, antropólogas como Ruth Cardoso e Eunice Durham, discutiram diversos temas em artigos antropológicos e evidenciaram em muitas oportunidades as condições de existências de mulheres de baixa renda e da classe média nas cidades e metrópoles brasileiras.

Em diversas circunstâncias e possibilidades, como nas discussões específicas em relação ao trabalho e renda, a moradia nas favelas e suas constituições e enfim outros mais variados temas, atribuindo assim uma atenção especial a essas duas mulheres brancas. Mesmo que muitas imagens construídas sobre a realidade social, cultural e política das favelas sejam também responsabilidades pelas representações negativas da negritude assimilando diretamente negritude e pobreza em estudos sócio antropológicos.

Estariam então apagadas as relações de raça nas cidades? Será que em algum momento essas perspectivas foram anunciadas? Que atenção e perspectivas receberam na constituição de uma disciplina que já se firma como grande pólo de produção de conhecimento no Brasil como é o campo de estudos na cidade e nas ruas pela antropologia e por antropólogos (as) brasileiros (as)?

As perspectivas das diferenças raciais e ou os processos de racialização nas cidades brasileiras não foram esquecidos em pesquisas realizadas no Brasil, mas foram sim negligenciados e até diminuídos em sua importância de contribuição científica e política, a insistir no que foi discutido aqui sobre as contribuições de Virgínia Leone Bicudo, Edison Carneiro e Ruth Landes para o campo dos estudos culturais e políticos das negritudes nas cidades.

Embora esteja tratando do tema, é importante a afirmação de que a atenção para a produção dessas diferenças nas cidades estão vinculadas diretamente a diversas questões que vêm sendo tratadas nas disciplinas e programas de pós-graduação nas Universidades brasileiras, como dinâmica de motor vivo de discussão vivas e sobre vidas, muito mais que subvida. Se partimos do encontro do atlântico negro constituído na diáspora e no continente africano que são marcadas por heranças corporais, territoriais e sensíveis, essas relações, representações e repertórios de racialidade tornam-se propícios a riquíssimos debates desde que mantenha a sua real necessidade de deslocar do negro tema ao negro vida (RAMOS, 1954).

Aqui sinto-me escrevendo um convite para que possamos pensar brevemente, algumas questões que cada vez mais tem se mostrado muito caras diante de uma civilidade tão predatória que são as grandes cidades. Em Fortaleza não tem sido diferente. Vemos diariamente, jovens negros serem recrutados para uma política de morte que se mostra “muito fácil” e quem dessas políticas busca a fuga como lugar de acolhimento, também não tem sido acolhidos e acolhidas. Sobre o recrutamento e a invisibilidade desses jovens na metrópole, Luiz Eduardo Soares (2003), discorre:

Um menino pobre caminha invisível pelas ruas da cidade. Esse menino que é quase sempre negro, transita imperceptível pelas calçadas sujas das metrópoles (...) Sem perspectivas e sem esperança, sem vínculos afetivos e simbólicos com a ordem social, sem pontos de conexão identitária com a cultura dominante, o menino permanece invisível enquanto perambula pelas esquinas. A invisibilidade pode ser produzida pela indiferença pública à sua presença - que nunca é somente física mas também social (...) O menino carrega consigo, pelas ruas da cidade, as dificuldades comuns da adolescência, acrescidas dos dramas da pobreza, no contexto da imensa desigualdade brasileira. (...) Quando um traficante lhe dá uma arma, nosso personagem invisível recebe muito mais que um instrumento que lhe proporcionará vantagens materiais, ganhos econômicos e acesso ao consumo; o menino recebe um passaporte para a existência social, porque, com a arma, será capaz de produzir em cada um de nós, em cada esquina, um sentimento: o medo, que é negativo, mas é um sentimento. (p. 30)

Cabe então aqui, sem querer assumir uma posição heroica e egoica, nos questionar quais têm sido os espaços que nós construímos para viver em liberdade, em equidade e em paz? Quais têm sido os corpos que podem sentir a liberdade, a felicidade e a tranquilidade? Quais vem sendo as sensações e experiências que compõem todo esse repertório de morte e vida que nos acompanham cotidianamente?

Como pensar um cenário da cidade de Fortaleza que jovens negras e negros, em toda a sua pluralidade de corpos, lugares e existências, têm arduamente construído sem apoio e ou financiamento público e político e ainda assim, ficam como grandes muralhas que continuam dividindo a cidade como as townships sul-africanas que constituíam-se como políticas legais do capitalismo colonialista e racista.

Para além do mito alencarino de negação da presença negra em Fortaleza que afirma a relação de passividade e negação da presença da população negra através de histórias de romantização da colonização europeia e do genocídio de povos originários que foram inventadas pelas elites econômicas e letradas no Ceará e circulado com grande ênfase pela mídia e por diversos artistas. Nem de longe temos uma ideia única que aglutine as diferenças populacionais presentes na cidade de Fortaleza. Seja por suas diferenças regionais e de construção desses espaços ou suas diferenças de experiências subjetivas cotidianas que os habitantes dessa cidade compartilham.

Porém é surpreendente o papel que desempenha o mar e suas extensões, para a composição de um ideal a ser desenvolvido em cidades e comunidades que habitam e transitam pelas costas litorâneas brasileiras. Mesmo exercendo grande influência sobre o turismo, a economia e as práticas de lazer na cidade por parte das classes altas, esses ideais não são perfeitamente concluídos em relação ao higienismo desejado pelo planejamento urbano.

Trata-se de observar além das perfurantes políticas de ordenamento imobiliário e suas disputas, de acesso e mobilidade urbana que demarcam os corpos laborais e os corpos que usufruem serviços, de construções de memórias sobre os lugares ocupados e os lugares que se esvaziam. É necessário ter atenção e cuidado para as aglomerações já consolidadas e as que insistem em se estabilizar mesmo com tantas dificuldades cotidianas e efêmeras.

O pesquisador Eider Cavalcante (2017, p. 9) nos diz que “o longo e permanente confronto entre as estratégias de controle territorial e a prática criativa de resistência popular é a marca fundante e indissociável da produção urbana do litoral”. As práticas de ocupação do

território e as lógicas de resignificação dos mesmos espaços segue sendo uma realidade material e sensível ao tratarmos da produção de sociabilidades nos litorais urbanos brasileiros.

As praias são então, locais multifacetados de sentidos e de manutenção de relações diversas e complexas em cidades litorâneas. É no entanto, necessário que as mediações culturais estabelecidas nesses espaços não se distanciem dos afetos (SAADA, 2005) e das emoções (HIRANO, 2019) para que se mantenha a possibilidade de aproximação de contatos visíveis dessas relações sociais e também que essa visibilidade esteja além das relações de vivências e subjetividades de jovens negras e negros.

A presença negra é indiscutível nas praias de Fortaleza por meio de suas práticas de lazer que ganham contornos que vão muito além do que se convencionou chamar de oposição ao trabalho ou meras fugas do cansaço de uma semana inteira de trabalho. A realidade nua e crua também é outro fator que pode chamar a atenção de qualquer pessoa que visite as praias de Fortaleza, que vão desde a construção de repertórios estéticos até a convenção dos olhares enviesados que perseguem cotidianamente os corpos negros habitantes e transeuntes.

Juventudes negras como experiência interseccional e multifacetada nas cidades

Uma vez que eu esteja caminhando pela cidade, seja qual cidade for, é quase impossível retornar sem ter conhecido alguém, e neste desconhecer - se conhecendo - durante todos os anos, seja através do off seja pelo online, a gente sempre acaba criando e recriando histórias. (VIDAL, 2022. p. 84)

Joyce Vidal – Praias periféricas

É possível afirmar que possuímos acúmulo intelectual e político no que se refere diretamente às populações jovens e negras no Brasil. Não diretamente nos termos que são pretendidos aqui, mas que possibilitam inclusive essa construção a posteriori. Ainda mais é possível concretizar algo que o sociólogo Paulo César Ramos (2021, p. 30) afirma, que se “é necessário buscar exemplos de experiências políticas de juventude”⁴⁴.

⁴⁴ Nesta pesquisa destaco a importância gigante que foi encontrar a dissertação de mestrado e o livro de Paulo César Ramos e ainda mais a possibilidade de debater com o autor sobre esta pesquisa, em uma formação de juventude da seção do Ceará do Movimento Negro Unificado.

Para Paulo César Ramos, a construção teórica e política em torno da categoria de juventude negra é um resultado de “ações coletivas de diversos atores em torno da categoria de juventude negra e mobilizadas pela denúncia dos assassinatos de jovens negros” (2021, p. 50). Dessa forma temos uma bifurcação aqui de sentidos possíveis, de um lado uma realidade racial presente nas cidades e do outro lado, as ações coletivas de jovens negros que denunciam e que também criam suas próprias perspectivas de vida nas cidades.

A contradição dessa experiência nas grandes cidades brasileiras, sobretudo nas capitais onde o mercado e o dinheiro efervesce, se visibiliza e denuncia a partir de suas demandas e buscas em que o jovem negro é sempre considerado um perigo em potencial. Tanto para o seu extermínio em vários níveis da vida social, mental, econômica e política deste sujeito nessas metrópoles, como também para a destruição total ou parcial desse sistema de *status quo* capitalista e racista.

Para o intelectual negro Abdias do Nascimento, o *genocídio do negro brasileiro* (2016), trata-se de um processo simbólico de assassinatos em massa das subjetividades da população negra no Brasil. Se observarmos uma aproximação em que a linha racial se considere efetivamente para a condição real de jovens negras (os), o Brasil seria um país onde o racismo é praticado sem remorsos, mas com seus propósitos funestos quando em relação ao controle social urbano e as suas políticas de micro-segregações espaciais.

Essa categoria de *genocídio da juventude negra* é construída então, para além da materialidade de processos de segregação espacial racialmente nas cidades e o extermínio físico de jovens negros (as), é oportuno lembrar que estes processos também são dotados de subjetividades. Essa categoria no entanto, também busca evidenciar as questões simbólicas que envolvem a desumanização do jovem negro, através de apropriações de narrativas políticas pela juventude negra.

O jovem negro (a) que não possui a garantia de participar de um aprofundamento de autoconhecimento e autoconsciência em que ele (a) dimensione os processos de racialização dos grupos racializados de forma subalterna mas também dos grupos racializados dentro dos parâmetros do autoritarismo e da supremacia de seus valores, acabariam desassociando as suas características de coletividade e de interação dentro de uma comunidade que lhe é própria.

A construção do auto-ódio relacionado com esses jovens pode ser considerado como um objetivo de sucesso das máscaras do racismo à brasileira, como ensinou Abdias do

Nascimento. Esse sentimento de negatividade em relação às suas características físicas, culturais e subjetivas não apenas os distanciam das dinâmicas da comunidade negra como também reproduz a sistemática ideia de individualismo capitalista muito presente no pensamento acerca da suprema necessidade de acúmulo de capital desvalorizado.

As políticas de ódio internas à comunidade negra reveladas dentro dos sistemas de comunicação de jovens negras (os) têm se demonstrado muito corrosivas em relação às características próprias de interlocução com pessoas mais velhas⁴⁵ sendo iniciadas ainda durante a infância. O auto ódio como política de internalização do racismo que sobrecarrega o (a) jovem negro (a), é também resultado das ausências causadas durante a infância mediadas pelas quase inesgotáveis chances de não alcançar a velhice ou alcançar uma velhice com muitas precariedades.

As dimensões de transmissão de saberes são fundamentais para o desenvolvimento de um sujeito negro fortalecido mental, social, cultural e politicamente. Todas essas dimensões participam diretamente da constituição da formação de jovens negras (os), sendo permeadas por processos educacionais racistas e outras diversas negações de direitos. O genocídio da juventude negra se formula inicialmente dentro das prescrições impostas pelo racismo para casa sujeito negro (a) passando pelo estrangulamento de suas projeções, e somente depois de tudo isso se conclui com o extermínio em massa de jovens negras (os).

Paulo César Ramos apresenta duas perspectivas distintas dessas experiências que giram em torno da questão do protagonismo juvenil, para o pesquisador a distinção entre as duas perspectivas é justamente a ausência da ideia de práxis política interligada à questão da identidade, como aponta Stuart Hall. Seria então uma transição da juventude negra como categoria de identidade política para a juventude negra como sujeito de direitos.

Pensar assim em torno dessa categoria e da diversidade que ela abriga, gera grandes possibilidades logo que diversos temas podem ser discutidos em torno das questões da juventude. Ramos afirma em seguida que, "Grande parte do debate sobre juventude nas áreas das ciências sociais, tem como foco as percepções de que os jovens têm de temas como política, participação política, estado, representação política, saúde, violência e consumo" (*idem*).

As observações realizadas neste contexto de afirmação positiva de coletividades e comunidades negras no Brasil, a importância do aprofundamento sobre a vida de jovens

⁴⁵ A categoria etária de idosos é costumeiramente substituída pela categoria "mais velhos" que dimensiona outras características e construção do tempo de vida da população negra.

negros e negras nas cidades brasileiras precisa de maior enfoque e agenda de pesquisa. Quando falamos de juventude negra vemos uma grande participação em torno das políticas públicas de ações afirmativas, as conhecidas cotas raciais e algumas outras políticas públicas.

Estas agendas de pesquisas e mesmo cenários de disputas por protagonismos juvenis ganham maior visibilidade no interior dos atores sociais desta categoria, atuando com maior ênfase uma distinta peculiaridade que gira em torno da autoria negra. Para PC Ramos, mesmo com esses processos pesquisados, ainda assim não apresenta a categoria de juventude negra como agente desses movimentos, apesar de serem identificadas politicamente dentro deles, Ramos diz que a juventude negra não é encarada como ator e autora de sua própria categoria política.

As juventudes negras e o genocídio da juventude negra necessitam de uma observação que considere também suas relações intergeracionais. Essas categorias revelam a complexidade do momento mais traumático na vida da pessoa negra na sociedade, pois revela que as complexidades vivenciadas na infância e a possibilidade de projeção de uma vida repleta de ausências provoquem nesse sujeito diversas condições de subsistência.

Para desenvolvermos uma compreensão ampla dessas categorias e de seus reflexos, uma observação fundamental foi desenvolvida pela antropóloga Lélia Gonzalez em uma apresentação de 1979, durante o encontro da *African Heritage Studies Association*, em que a autora afirma (s/p):

Em um país onde, em termos de mercado de trabalho, a procura é maior que a demanda e onde existe uma divisão racial do trabalho, a situação da juventude negra, é obviamente o setor mais atingido pelo desemprego aberto ou disfarçado. Graças ao racismo e às suas práticas, essas juventudes encontram-se numa situação de desvantagens em termos de educação, de trabalho e até mesmo de lazer.

A questão do desemprego e da questão financeira ela torna a aparecer como fator fundamental para pensar as condições de vida e a qualidade de vida que esses jovens possuem. Graças ao racismo, estrutura central na distribuição das oportunidades a autora situa a questão central para a discussão, jovens negros (as) estão sempre em desvantagem a qualquer outro grupo social de juventudes.

Assim também se demonstra para a antropóloga Alcinda Honwana que situa noções próprias da idade e da suspensão da idade no contexto da situação de desemprego entre as juventudes africanas, sobretudo de países como Angola, Moçambique e Cabo Verde. Embora esteja em contextos amplamente distintos, sua contribuição que ela denomina de *waithood*

pensa como se articula esse período em que os jovens africanos têm adiado ou negado o seu direito ao acesso de uma vida social adulta.

É muito mais que pensar na juventude (nem / nem)⁴⁶ e sim, trata-se de pensar uma juventude (sem / sem)⁴⁷ sem direitos e sem deveres. Alcinda (2014) afirma que esta categoria evidencia a realidade multifacetada da difícil transição que os jovens enfrentam, que vai para além de garantir emprego e estende-se a vários aspectos da vida social e política. Essas dimensões diversas dentro do espectro das juventudes negras tanto no Brasil podem então ser aproximadas a parte do contexto africano, sobretudo em países em que se destaca a negritude.

Comum também para refletir sobre esses processos, tanto do auto ódio, como do desemprego e da negação da vida social, mental e política por parte deste grupo social específico trata-se da observação sobre como essas prospecções são realizadas. Alcinda traz uma caracterização muito importante de ser analisada em que se trata de uma experiência em contexto de improvisação (HONWANA, 2014), em que esses “jovens desenvolvem os seus próprios espaços de ação, eles criam novas formas e esquemas de vida à margem das estruturas dominantes, subvertem a autoridade e o aparato legal do Estado”.

É então noções de improvisação e de criação de novas técnicas e metodologias de resistência sejam continuamente re-elaboradas. A cidade em si é também um espaço em maior escala de criação e recriação individual e coletivamente. Para tanto as experiências de jovens negras e negras nas cidades, são vivências mediadas pela sensibilidade. Para tanto, o intelectual e geógrafo negro Milton Santos nos questiona, “quem tem medo nas cidades grandes?” e “ter medo de quem nas cidades grandes?”.

Para Milton Santos (2002), “a cidade é o lócus de todas essas confrontações, por ser também o lugar essencial do afrontamento das forças desencadeadoras do processo violento de mudança (...) pois pessoas e capitais, os mais díspares convivem um com os outros e uns contra os outros”. São grandes processos de transformação social e territorial que demandam articulações diretas com a institucionalização do medo nas grandes cidades.

Embora Milton Santos ainda veja a pobreza e os pobres como os que mais causam esse medo urbano, é possível perceber que através da necropolítica desenhada por Achille Mbembe (2019), jovens negros são cotidianamente desumanizados nas cidades, sendo elencados e estigmatizados por diversas marcas do medo urbano e do racismo.

⁴⁶ Categoria política que descreve jovens e adolescentes que nem estudam e nem trabalham.

⁴⁷ Categoria política desenvolvida pela deputada federal Dandara Tonantzin durante discurso público no Congresso Nacional. Dandara é a primeira jovem mulher negra a chegar ao Congresso Federal.

As principais demandas pela pressão de status materialista e a ética da competição, criam medos infundados. Mas que também são intuições geradas nas grandes cidades, onde muitos jovens negras e negros mediados por espiritualidades distintas alegam ser processos de informações que demandam muito mais do que se pode aqui.

Esses *medos urbanos* apresentados por Milton Santos (2006), é importante categoria de apreensão aqui para uma primeira demonstração de que o jovem negro nas grandes cidades, não precisa necessariamente ter seu corpo físico dilacerado por armas de fogo para serem destituídos de suas humanidades. O rapper Emicida afirma em sua autoria de jovem negro, “que ele já foi morto muito antes do estado lhe encher de bala”.

Além das marcas de medo, de horror, de racismo para usar a categoria mais apropriada temos repertórios que são repetidos cotidianamente. A insistência desses repertórios e de suas marcas, tornaram-se aqui instrumento de análise densa e crítica. Através de suas características de ritualidades e de repetição cotidiana nas cidades. Pois para além de que, “a cidade do medo termina por criar e recriar, todos os dias, novos medos”, com afirma Santos.

Uma outra marca das cidades é o abandono e que é tratado por Raquel Rolnik (1988, p. 17), em “o que é a cidade?”, a arquiteta afirma que: “o abandono e a destruição da cidade revela a dominação daquele espaço - pelos europeus -, que deixando de ser um espaço vivo para se transformar somente em um traço de memória”. As compreensões de memória racialmente aqui se confundem, para a autora em sua lógica ocidental memória é apenas um traço de representação de algo que já foi vivo. Para jovens negras e negros, a memória no entanto continua a ser uma experiência de vida.

A questão é que é parcialmente interessante perceber como essas duas primeiras marcas estão interligadas, o medo e o abandono nas grandes cidades. As duas categorias ao se acompanharem nas cidades, tornam a cidade como sinônimo de peste, como diria Milton Santos. Porém é nesse desastre que um deslocamento torna-se fundamental para uma compreensão dessas relações de forma mais ampla.

Milton Santos afirma já nos anos 2000 que a “realidade de ser negro no Brasil é ser frequentemente objeto de um olhar vesgo e ambíguo Onde a possibilidade de se concretizar uma alteração nessa condição real somente seria possível com a conquista coletiva da cidadania. Para o intelectual essa questão trataria se então em três níveis: 1- corporeidade negra, 2- processos de individualidades e 3- a própria cidadania.

Santos (2002, p. 159) afirma que cidadania é “definida teoricamente como franquias políticas, de que se pode efetivamente dispor, acima e além da corporeidade e da individualidade, mas, na prática brasileira, ela se exerce em função da posição relativa de cada um na esfera social”. Podemos então assim compreender as ações coletivas de jovens negros nas cidades como apontamentos para construções de cidadanias efetivas que se insurgem em processos de reivindicação aos direitos básicos como a da vida e do ir e vir tranquilamente nas cidades brasileiras.

A categoria ainda mais específica de genocídio da juventude negra toma como ponto central duas realidades específicas que são, o assassinato de jovens negros em sua maioria pela ausência de políticas públicas e majoritariamente pela ação letal do próprio estado e a desumanização de corpos negros e jovens a partir do descarte desses corpos.

Muito mais que indagar se sobre a importância de vidas negras jovens, aqui é importante refletir como esses corpos tornam-se de fato descartáveis e ainda mais importante, como reconstruem os cotidianos reposicionando as narrativas e vivências sobre as suas próprias autorias.

Através das formulações de Milton Santos podemos entrelaçar as condições de medo e abandono como categorias complementares a ideia de genocídio da juventude negra quando colocadas pelas próprias palavras de jovens negros nas cidades. Necessita primeiramente que essa questão seja tomada de maneira ética através de pesquisas sistêmicas e estruturais, além de que deve ainda ser tratada como global que é. Deve-se ainda para o intelectual, ativista e sobretudo, para a (o) jovem negra (o) ser tomado como ponto de partida e objetivo final.

Considerações finais sobre auto-estima de jovens negros (as) que respondem ao genocídio da juventude negra

O racismo nas cidades brasileiras têm demandado outras percepções e atitudes em torno das múltiplas formas de suas práticas no contexto urbano. Relacionamos as políticas de genocídio da juventude negra em contextos de mobilidade urbana e produção de deslocamentos de suas áreas para outros locais de eventuais ritos de pertencimentos coletivos como sucintas estratégias de revoltas ao controle social urbano. Sair do espaço ou sair de suas áreas age, então, como uma possibilidade de burlar a negação da cidade e emergir uma noção própria de direito à cidade em relação aos corpos marcados pelas avenidas de raça, classe, gênero, território e idade.

Jovens negros (as) passam então a compor os cenários que outrora eram apropriados por costumes e estilos de vida desenvolvido apenas pelas elites das capitais brasileiras. Conhecer o seu lugar é então uma maneira de elaboração de auto consciência mas também de percepção coletiva de suas condições e realidades de viver, habitando e transitando na cidade. Tomar a cidade é um ato de resistência em seu micro sentido político de organização de espaços contra hegemônicos e de liberação por meio da adrenalina do contra fazer cidades um meio de criação de suas próprias cidades.

A criação de uma cidade que seja acolhedora das suas diferenças nos espaços públicos e privados encontra-se em diálogo constante com as perspectivas bantu que aponta para a figura da Kalunga como linha ancestral que não apenas divide as experiências de morte e vida, mas que também, surge como modelo de criação de novas experiências. Essas buscas tornam-se necessárias para que possamos apreender as múltiplas dimensões de fazer a cidade.

As juventudes negras envolvidas nesses processos, sejam elas as criadoras das batalhas de rima mobilizadas pelo rap de criação norte-americana, pelo samba advindo de experiências espalhadas pelo Brasil ou mesmo pelo rock que ora embranquecido também fala e ressalta as resistências da negritude na diáspora opta sempre por compor seus cenários ligados a produção da musicalidade e da composição poética de seus princípios.

Para Beatriz Nascimento, esses jovens remodelam as experiências outroras dos quilombos a partir de referências próprias de seus processos de elevação de suas auto-estima nas cidades, favelas e subúrbios. Para a autora (2022, p. 134):

São jovens negros (...), que perderam a possibilidade de estarem em convívio com a informação da Zona Sul, com o estilo de vida mais livre da favela, mais independente. Abandonam porque foram tiradas deles, e não por uma atitude voluntária. Amam o soul e não o samba.

Esses jovens negros recriam suas identidades a partir do que os contatos são propiciados e, como diz Beatriz, esta é uma maneira de sentirem fortes. Kilombo é um guerreiro que sabe a hora de recuar, mas que avança quando é necessário, mesmo que o seu opressor tenha armas muito mais poderosas que as suas, este sabe o momento de usar suas próprias armas.

Na configuração urbana essas características são amplamente difundidas em torno da categoria de genocídio da juventude negra e a produção da auto estima de jovens negros se insere em um contexto de lacunas provocadas pelo epistemídio de suas referencias de pertencimento ao mundo negro. As cidades que se modelam através da produção de guetos e favelas de pessoas que não se conhecem e não mantêm nenhuma ligação afetiva durante o cotidiano produzem também profundas formas de empobrecimento não apenas econômico, mas também simbólico e sentimental entre esses jovens.

Apontando para o genocídio como um projeto de estado no Brasil, a pesquisadora Ana Luiza Flauzina distribui esse processo para pensar que o extermínio físico de corpos negros no Brasil revela a capacidade letal e exemplar do assassinato e do encarceramento em massa de jovens negros, mas também para questões que atravessam e constroem um caminho de consecução do genocídio como um projeto com diversos processos intrínsecos em si.

Entre esses muitos processos que residem nas produções do racismo como projeto de genocídio, vale aqui destacar a produção da segregação espacial e a identidade interdita. Esses jovens como já dito, se enclausuram em locais distantes de seus pertencimentos e no entanto perdem o direito de produzir identidades. Sobre a segregação espacial ela define que, “a espacialidade urbana que lançou a população negra desde o pós abolição para as periferias de todo o país dá uma boa dimensão da precariedade e dos instrumentos de aniquilação física e simbólica que diuturnamente trabalham para extinguir o contingente negro brasileiro” (FLAUZINA, 2017, p . 115 - 116).

A formação dessas periferias que se distanciam geograficamente dos centros comerciais, culturais e políticos das cidades são pólos da produção de um corpo sem direitos onde a precariedade e a negação de direitos passam a ser os principais mobilizadores da vida dessa gente. É preciso observar que o jovem negro ávido em explorar o desconhecido e

mesmo afoito em produzir teorias também desconhecidas tem apenas a possibilidade de ser um criador em contextos de precariedades.

As distâncias produzidas pela ausência de diversos direitos em territórios periféricos paralisam e estrangulam qualquer poder criativo que se ponha em relação aos bairros de elites em que as crianças brancas e ricas crescem estudando em escolas desenvolvimentistas que fornecem um material é um projeto didático libertário e motivador das suas liberdades individuais.

Esses jovens negros, em contraste tem as suas liberdades individuais negadas a partir de uma precoce responsabilização por coletivo de aglomerados de pessoas. É fácil e inclusive é vicioso o olhar de encontrar crianças e jovens negros em situações de vulnerabilidade e ao mesmo tempo ser tomadas por um remorso ancestral por parte de organizações de caridade e assistencialistas em bairros periféricos. O que acontece é que quase nunca se dispõe de um material de análise que leve em consideração tanto a individualidade dessas crianças e jovens como muito menos as suas coletividades em que estão inseridas.

Um jovem negro que se vê em situação de vulnerabilidade alimentar, financeira e social em estado de ação amplo de direitos se vê na muito cedo na condição de ir à luta. Não é possível imaginar que um jovem negro trabalhador que ingressa no mercado informal de trabalho e mesmo no mercado formal desenvolva os mesmos interesses econômicos e presunçosos pelas artes de elite e os modos de fazer artísticos de coisas que não façam o mínimo sentido atrelado às suas realidades e os modos de vida que ele concebe em seu cotidiano.

Esse jovem negro desenvolve então uma cultura de recriação de suas próprias ancestralidades a partir de suas experiências cotidianas evocando entre as coletividades os encontros possíveis entre as demais pessoas compartilham dos mesmos sentimentos e experiências. Imaginar uma homogeneidade entre as juventudes negras pode ser um risco a se escolher perfazer, mas as juventudes negras possuem seus próprios ritos sub divididas internamente entre si, os jovens negros militantes e ativistas que alcançam o direito à instrução revolucionária e educacional negra constrói para si seus modos e regras de se estabelecer no espaço e no tempo. Os jovens negros de terreiro de umbanda, candomblé, omolokô e etc. também criam entre si suas próprias configurações de estilos de vida e assim por diante, os jovens negros trabalhadores do mercado informal que interage diretamente com o tráfico e com as demais possibilidades de trabalho também criam seus repertórios próprios.

A condição da interação dessas identidades como já ditas criadoras de uma cultura de auto-ódio entre as juventudes negras é resvalar na ideia de racismo como projeto genocida trabalhada também por Ana Flauzina (2017, p. 128), ela afirma:

É preciso minar diuturnamente as possibilidades de elaboração de uma imagem positiva associada ao segmento negro, afim de evitar as identificações. Os negros devem se repelir e não se reconhecerem uns nos outros, como sujeitos de uma história comum.

Essa tomada como primeiro processo de concretização do genocídio da juventude negra trabalha como modelador de negros que se auto atribuem imagens de subserviência e de não capacidade de desenvolver suas próprias habilidades de reconhecimento individual e coletivos nas grandes cidades.

As imagens coletivas que retratam a negritude estão coercitivamente referenciadas em situações de pobreza, de prisão e de morte. São condições de vida que nenhum sujeito jovem e negro quer atribuir para si onde nem mesmo as narrativas de heroísmo ligadas ao banditismo se revelam como imagens positivas, mas como imagens de prisão ou imagens de controle (BUENO, 2020).

O racismo como ferramenta de controle social urbano atua diretamente na produção da auto-estima de jovens negras e negros cotidianamente. Esses jovens negros no entanto, também buscam suas respostas ao racismo e constroem seus repertórios de coletividades através de apropriações de espaços urbanos e de promoção de consciências coletivas através da recuperação de suas identidades positivas. Os cabelos, as roupas, as diferentes cores de peles atribuem então novos significados da negritude positiva para esses jovens negros nas cidades. Os lugares também são tidos como espaços de apropriação de suas identidades positivas e de resistência às imposições da segregação espacial e dos impossibilidades de se construir coletividades que diante das estéticas ecológicas do mar e na diáspora tornam-se transatlânticas.

Referências

- ABU - LUGHOD, Lila. **A escrita contra a cultura**. Equatorial, v. 5, n. 8. 2018.
- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Editora Letramento; Justificando, 2018.
- ALENCASTRO, Luís Felipe de. **Africanos, “os escravos da guiné”**. In: _____. O trato dos viventes. São Paulo, Companhia das Letras, 2000, p. 44-76.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Coord. Djamila Ribeiro. Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2018.
- ALVES, Rodolfo Teixeira. **Antropologia nos cruzamentos das cidades**. Novos debates: Fórum de debates em antropologia. v. 7, n. 2. Brasília: ABA, 2021.
- ASAD, Talal. **Introdução à antropology and the colonial encounter**. Ilha, v. 19, n. 2. 2017.
- BHABHA, Homi K. **A questão do “outro”**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Pós-modernismo e política. Editora Rocco. s/d.
- BICUDO, Virgínia Leone. **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. (org.) Marcos Chor Maio. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís Roberto. **Desvendando evidências simbólicas: compreensão e conteúdo emancipatório da antropologia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2018.
- Carta da Marcha das Mulheres Negras. **Marcha contra o racismo, a violência e pelo bem viver**: Documento analítico e declaração. Novembro, 2015: Brasília.
- CAVALCANTE, Eider de Olivindo. **Os meandros do habitar na metrópole: expansão urbana e controle territorial do litoral em Fortaleza**. Dissertação de mestrado, UFC, 2017.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre a negritude**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o estado: Pesquisa de antropologia política**. S/l: Francisco Alves, 1990.
- CUNHA, Olívia Maria Gomes da. **Bonde do mal: notas sobre território, cor, violência e juventude numa favela do subúrbio carioca**. In: Raça como retórica: a construção da diferença. Claudia Barcellos Rezende (org). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- DA SILVA, Jamile Borges. **Para entender Salvador: das formas de habitar a cidade e o ofício do anthropological blues**. Cidades: dilemas, desafios e perspectivas. Alex Ferreira Magalhães (org). Rio de Janeiro: UVA, 2020.

DIAS, Luciana de Oliveira. **Circuitos antropológicos: por uma antropologia negra no Brasil.** Novos debates: Fórum de debates em antropologia. v. 7, n. 2. Brasília: ABA, 2021.

FAVRET - SAADA, Jeane. **Ser afetado.** Cadernos de campo, n. 13: USP, 2005.

FERREIRA SOBRINHO, José Hilário. **Amarú mabirá. Catirina, minha nêga, Teu senhor quer te vender, Pero Rio de Janeiro, Pera nunca mais te vê: O tráfico interprovincial de escravos no Ceará.** Dissertação de mestrado em História Social. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2005.

FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. **Corpo negro caído no chão: o sistema penal e o projeto genocida do estado brasileiro.** Brasília: Brado Negro, 2017.

FRÚGOLI, Heitor; SKLAIR, Jessica. O bairro da Luz em São Paulo: questões sobre o fenômeno da gentrification. Cadernos de Antropologia Social. n. 30, 2009. pp. 119 - 136.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro como contracultura da modernidade** In: _____. O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo, Ed. 34/Rio de Janeiro, Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GOMES, Janaína Damaceno. **Os silêncios de Virgínia: Estudos de atitudes raciais em São Paulo (1945-55).** Tese de doutorado em antropologia social, orientador: Kabengele Munanga. USP: São Paulo, 2013.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural da amefricanidade.** In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, No 92/93, jan.-jun., 1988, p. 69-82.

GONZALEZ, Lélia. **A juventude negra brasileira e a questão do desemprego.** African Heritage Studies Association. 1979.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** Revista Ciências Sociais Hoje, São Paulo, p. 223-244, 1987.

GUPTA, Akhil. FERGUSON, James. **Mais além da cultura: espaço, identidade e política da diferença.** In: O espaço da diferença. Campinas: Papyrus, 2000.

HALL, Stuart. **Quando foi o pós colonial? Pensando no limite.** In: Hall, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG. Brasília: UNESCO, 2003.

HARTMAN, Saidiya. **Vênus em dois atos**. Dossiê crises, feminismo e comunicação. Revista Eco Pós. v. 23, n. 3, 2020.

HIRANO, Luis Felipe K. **Marcadores sociais das diferenças**: rastreando a construção de um conceito em relação à abordagem interseccional e a associação de categorias. HIRANO, L, F, K. ACUÑA, M. MACHADO, B (org). Marcadores sociais da diferença: fluxos, trânsitos e intersecções. Coleção diferenças PPGAS UFG. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2019.

HOLANDA, Cristina Rodrigues. **A construção do Templo da História**: Eusébio de Sousa e o Museu Histórico do Ceará (1932- 1942). Dissertação de mestrado em história social. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

HONWANA, Alcinda. **Juventude, waithood e protestos sociais em África**. Revista desafios para Moçambique. 2014.

hooks, bell. **Belonging**: a culture of place. Routledge: Taylor & Francis, 2009.

hooks, bell. **Olhares negros**: raça e representação. Editora Elefante, 2019.

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. Tradução Maria Lucia do Eirado Silva. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.

LORDE, Audre. **Idade, raça, classe e sexo**: As mulheres redefinem a diferença. In: Irmã outsider. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MAGNANI, Guilherme José Cantor. **Antropologia urbana**: desafios e perspectivas. Revista de antropologia. v. 59, n. 3. São Paulo: USP, 2016.

MAGNANI, Guilherme José. **Quando o campo é a cidade**. In: Na metrópole. Edusp: São Paulo, 1996.

MARQUES, J. P. **Festas de negros em Fortaleza**. Territórios, sociabilidades e reelaborações. Expressão Gráfica: Fortaleza, 2009.

MARQUES, Janote Pires. **A invisibilidade do negro na história do ceará e os desafios da lei 10.639/2003**. Poiésis - Revista do Programa de Pós Graduação em Educação. Unisul, Tubarão, v. 7, n. 12, p. 347 – 366, Jun./Dez. 2013.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Arte e ensaios. n. 32. 2016.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NASCIMENTO, Beatriz. **O negro visto por ele mesmo**. Org. Alex Ratts. São Paulo: Ubu editora, 2022.

NASCIMENTO, Beatriz. **Quilombo**: Em Palmares, na favela, no carnaval. *Jornal Movimento*, 16 de Mai. 1977. In: *O negro visto por ele mesmo*. Org. Alex Ratts. São Paulo: Ubu Editora, 2003. p. 133.

NASCIMENTO, Beatriz. **Sistemas sociais alternativos organizados pelos negros**: Dos quilombos às favelas. In: *Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**: relações raciais, quilombos e movimentos. org. Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Beatriz. **Apresentação de Orí**. In: *O negro visto por ele mesmo*. NASCIMENTO, Beatriz. Org. Alex Ratts. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Culturas em diálogo**. In: *O negro visto por ele mesmo*. NASCIMENTO, Beatriz. Org. Alex Ratts. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

NORDESTE, Diário do. 2023. **Imagens de 1935 mostram Ponte Velha do Poço da Draga em funcionamento como Porto de Fortaleza**. Acessado em: 10 de Setembro de 2023. Acesso em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ceara/imagens-de-1935-mostram-ponte-velha-do-poco-da-draga-em-funcionamento-como-porto-de-fortaleza-1.3400731>.

Orí (GERBER, 1989). Direção: Raquel Gerber. Pesquisa, textos e narração: Beatriz Nascimento. Duração: 89 min.

PINHO, Osmundo de Araújo. **Espaço, poder e relações raciais**: O caso do Centro Histórico de Salvador. *Afro-Ásia*, 21 - 22 (1998/99), p. 257 - 274.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **O problema do negro na sociologia brasileira**. *Cadernos de nosso tempo*. 2 (2): jan./jun. 1954.

RAMOS, Paulo César. **Contrariando a estatística**: genocídio, juventude negra e participação política. Alameda: São Paulo, 2021.

RAMOS, Silvia. **Pele alvo**: a bala não erra o negro. [et al.] Rio de Janeiro : CESeC, 2023.

RATTS, Alex. **A diferença negra e indígena no território**: observação de Fortaleza e Ceará. Geosaberes: Fortaleza, 2016.

RATTS, Alex. **A negritude da terra da Luz**. In: *Histórias de luz*. Calé Alencar; Pingo de Fortaleza (org). Fortaleza, 2014.

RATTS, Alex. **O mundo é grande e a nação também:** identidade e mobilidade em territórios negros. Tese de doutorado em Antropologia Social - Universidade de São Paulo: São Paulo, 2000. p. 26.

RATTS, Alex. **O Negro no Ceará (ou o Ceará negro).** In: Artefatos da cultura negra no Ceará. Joselina da Silva; Henrique Cunha Jr; Cicera Nunes (org). Fortaleza: Edições UFC, 2011.

RATTS, Alex. **Os lugares da gente negra:** temas geográficos no pensamento de Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez. In: Questões urbanas e racismo. Renato Emerson dos Santos (org). Brasília: ABPN, 2017.

OLIVEIRA GOMES, Megg Rayara. **O diabo em forma de gente:** reexistências de Gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. Tese de doutorado em educação. Curitiba: UFPR, 2017.

REIS, Vilma. **Como morrem os jovens - homens - negros.** In: Atocaiados pelo estado: As políticas de segurança pública implementadas nos bairros populares de Salvador e suas representações, 1991-2001. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Salvador: UFBA, 2005.

ROLNIK. Raquel. **O que é cidade?** Editora Brasiliense: Rio de Janeiro, 1988.

SANTOS, Milton. **Quem tem medo nas cidades grandes?** In: O país distorcido: O Brasil, a globalização e a cidadania. Editora Publifolha: São Paulo, 2002.

SANTOS, Milton. **Ser negro no Brasil hoje.** In: O país distorcido: O Brasil, a globalização e a cidadania. Editora Publifolha: São Paulo, 2002.

SANTOS, Milton. **Ter medo de quem nas cidades grandes?** In: O país distorcido: O Brasil, a globalização e a cidadania. Editora Publifolha: São Paulo, 2002.

SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios:** e uma antropologia por demanda. 1ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SILVA, Francisco Rômulo do Nascimento. **Rede de afetos:** práticas de re-existências poéticas na cidade de Fortaleza (CE). Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2019.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental.** In: O fenômeno urbano. Otávio Gilberto Velho (org). Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1973.

SOARES, Luiz Eduardo. **Novas políticas de segurança pública:** alguns exemplos recentes. In: Governos estaduais: desafios e avanços. Reflexões e relatos de experiências petistas / Jorge Bittar (org). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

VIDAL, Joyce Cristina Sousa. **Praias periféricas.** Expressão Gráfica Editora: Fortaleza, 2022.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura.** São Paulo: Cosac Naify, 2012.